LUMEN FLUENS
ESTUDOS COMPARADOS

HUGO TOMAZETI NETO

LUMEN FLUENS E O EXISTENCIALISMO: ONDE NOS TOCAMOS, ONDE NOS SEPARAMOS

Estudo Comparado V

GOIÂNIA

2026

HUGO TOMAZETI NETO

LUMEN FLUENS E O EXISTENCIALISMO: ONDE NOS TOCAMOS, ONDE NOS SEPARAMOS

Estudo Comparado V

Estudo Comparado V da série “Onde nos tocamos, onde nos separamos”, do Lumen Fluens, sobre o Cânon v1.2, refeito no formato completo da série em novembro de 2026. Versão 1.1, com as decisões do fundador de 6 de novembro de 2026. Preparado com assistência de inteligência artificial (Claude, Anthropic) sob direção e revisão do autor.

GOIÂNIA
2026

A luz não se acende — ela se revela.

Cânon Lumen Fluens, v1.2, Os Quatro Pilares, I

RESUMO

Este estudo compara a filosofia de vida Lumen Fluens, em seu Cânon v1.2, com o existencialismo, seguindo o princípio da série de Estudos Comparados: apresentar a doutrina visitada em sua melhor forma e só depois marcar as fronteiras. É a refação, no formato completo da série, da Ficha que servia de Estudo V desde outubro de 2026. O existencialismo é exposto por autor e por tema — Kierkegaard pela edição Søren Kierkegaards Skrifter, Heidegger por Ser e tempo, Sartre pela conferência de 1945 e por O ser e o nada, Camus, Merleau-Ponty, Beauvoir, Jaspers e Marcel pelo essencial, Ortega e Unamuno — e pela tradição que o lê: Levinas, Ricoeur, Arendt, Kaufmann, Safranski. Encontra catorze pontos de contato (“a gente” e a luz encoberta; a má-fé e “eu sem a minha luz sou uma mentira”; “querer uma só coisa” e a Integridade; escolher-se e “sem me trair”; a voz da consciência e o veto; o estar-lançado e “ninguém começa do zero”; as situações-limite e Sísifo diante da noite; a peste e a solicitude diante do Abrigo; “eu me revolto, logo somos” e o rio; o corpo vivido e o Corpus; a disponibilité; Beauvoir) e catorze fronteiras (inventar-se e revelar-se; o que está debaixo da ferida; a escolha no centro e a Bússola que só veta; diante de quem; a voz e o veto; a angústia e a noite não escolhida; a morte e a vigília; o absurdo e o rio; o outro; esperar e estar disponível; o corpo e o instrumento; o salto e a revelação; Moriá; a casa dividida). Mede a Ficha de outubro frase a frase e propõe uma Ficha reescrita. Propõe a fórmula “o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção”, e entrega ao fundador dez questões novas, decididas em 6 de novembro de 2026 com a fórmula e a Ficha. Toda citação traz localização e marcador de verificação.

Palavras-chave: existencialismo; Lumen Fluens; Kierkegaard; Heidegger; Sartre; escolha; invenção; filosofia comparada.

ABSTRACT

This study compares the philosophy of life Lumen Fluens, in its Canon v1.2, with existentialism, following the principle of the Comparative Studies series: to present the visited doctrine in its best form and only then to draw the borders. It remakes, in the full format of the series, the sheet that had served as Study V since October 2026. Existentialism is expounded by author and by theme — Kierkegaard from the Søren Kierkegaards Skrifter edition, Heidegger from Being and Time, Sartre from the 1945 lecture and from Being and Nothingness, Camus, Merleau-Ponty, Beauvoir, Jaspers and Marcel in essentials, Ortega and Unamuno — and from the tradition that reads it: Levinas, Ricoeur, Arendt, Kaufmann, Safranski. It finds fourteen points of contact (the “they” and the covered light; bad faith and “I without my light am a lie”; “to will one thing” and Integrity; choosing oneself and “without betraying myself”; the voice of conscience and the veto; thrownness and “no one starts from scratch”; limit situations and Sisyphus before the night; the plague and solicitude before the Shelter; “I rebel, therefore we are” and the river; the lived body and the Corpus; disponibilité; Beauvoir) and fourteen borders (inventing oneself and revealing oneself; what lies beneath the wound; choice at the centre and the Compass that only vetoes; before whom; the voice and the veto; anxiety and the unchosen night; death and the vigil; the absurd and the river; the other; hoping and being available; the body and the instrument; the leap and revelation; Moriah; the divided house). It measures the October sheet sentence by sentence and proposes a rewritten sheet. It proposes the formula “Lumen Fluens accepts from existentialism choice and refuses invention”, and hands the founder ten new questions, decided on 6 November 2026 together with the formula and the sheet. Every quotation carries a location and a verification marker.

Keywords: existentialism; Lumen Fluens; Kierkegaard; Heidegger; Sartre; choice; invention; comparative philosophy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

[V-pt: tradutor] / [V-en: tradutor] / [V-es: tradutor]	citação conferida em tradução portuguesa, inglesa ou espanhola nomeada
[V-de] / [V-fr] / [V-da] / [V-es] / [V-zh]	citação conferida no original alemão, francês, dinamarquês, castelhano ou chinês
[V via secundária: autor]	citação lida por intermédio de outro autor, nomeado no Apêndice A
[tradução do estudo]	tradução de trabalho feita pelo estudo, com o original nas Fontes
[paráfrase]	sentido fiel ao texto; palavras do estudo
[tese a confirmar] / [localização a confirmar] / [página a confirmar] / [atribuição a confirmar]	o que ainda falta conferir
[leitura do estudo] / [inferência do estudo] / [hipótese do estudo]	marcas de autoria do estudo, distintas das três vozes
[Ficha, não cânon]	frase da Ficha de outubro de 2026, apontamento do fundador que o estudo mede e que a Ficha reescrita substitui
decisão n.º 1–7	decisões do fundador de 17 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo VII
decisão n.º 1–12 (19/10)	decisões do fundador de 19 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo VIII
decisão n.º 1–13 (23/10, Estudo IX) / 1–10 (23/10, Estudo X)	decisões do fundador de 23 de outubro de 2026 sobre os Estudos IX e X
decisão n.º 1–11 (31/10, Estudo XI) / 1–11 (31/10, Estudo XII) / 1–12 (31/10, Estudo XIII)	decisões do fundador de 31 de outubro de 2026 sobre os Estudos XI, XII e XIII
decisão n.º 1–12 (3/11, Estudo I) / 1–12 (3/11, Estudo II)	decisões do fundador de 3 de novembro de 2026 sobre os Estudos I e II
decisão n.º 1–12 (4/11, Estudo III) / 1–12 (4/11, Estudo IV)	decisões do fundador de 4 de novembro de 2026 sobre os Estudos III e IV
decisão n.º 1–12 (6/11, Estudo V)	decisões do fundador de 6 de novembro de 2026 sobre este estudo, numeradas no Prólogo
decisão n.º 1–12 (6/11, Estudo VI)	decisões do fundador de 6 de novembro de 2026 sobre o Estudo VI, escrito em paralelo
***das Man* / “a gente”**	o impessoal de Heidegger, traduzido no estudo por “a gente”
***Eigentlichkeit* / propriedade**	o que o uso corrente chama “autenticidade”; não é palavra do cânon

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: O ESTADO DA QUESTÃO E O MÉTODO 11

1.1 Como ler este estudo 15

1.2 O que a Ficha dizia e o que a série já disse 18

1.3 Decisões do fundador (versão 1.1, 6 de novembro de 2026) 19

2 O EXISTENCIALISMO EM SUA MELHOR FORMA 22

2.1 O percurso em vinte linhas 22

2.2 A existência e a essência 22

2.3 A angústia e a liberdade 23

2.4 “A gente” e a má-fé 24

2.5 A escolha e a responsabilidade 25

2.6 O ser-para-a-morte e as situações-limite 26

2.7 O absurdo e a revolta 27

2.8 O outro 28

2.9 O corpo 29

2.10 A fé e o ateísmo na casa 29

2.11 Marcel e Jaspers: o essencial 30

2.12 O que a casa deixa dito com clareza 31

2.13 O que o capítulo deixa ao leitor 32

3 ONDE NOS TOCAMOS 33

3.1 “A gente” e a luz encoberta “por adaptação às expectativas alheias” 33

3.2 A má-fé e “eu sem a minha luz sou uma mentira” 34

3.3 “Querer uma só coisa” e a Integridade 34

3.4 Escolher-se e a Bússola: “sem me trair” 35

3.5 A voz da consciência e o veto sem voz externa 35

3.6 O estar-lançado, a circunstância e “ninguém começa do zero” 36

3.7 As situações-limite e “escuridões que nenhuma bússola veta” 36

3.8 Sísifo feliz e “uma luz acesa dentro da noite” 37

3.9 A peste e o Abrigo 37

3.10 A solicitude que “salta adiante” e o Abrigo com limite 38

3.11 “Eu me revolto, logo somos” e “ninguém navega um rio privado” 38

3.12 “Eu sou meu corpo” e o Corpus 39

3.13 A *disponibilité* e a Disponibilidade 40

3.14 Beauvoir e a fronteira da série do lado de cá 40

4 ONDE NOS SEPARAMOS 42

4.1 Inventar-se e revelar-se 42

4.2 O que está debaixo da ferida 43

4.3 A escolha no centro e a Bússola que só veta 44
4.4 Querer uma só coisa: diante de quem 45
4.5 A voz da consciência e o veto 45
4.6 Angústia, situações-limite e Sísifo: a noite e a luz acesa 46
4.7 A morte e a vigília 47
4.8 O absurdo e o rio 47
4.9 O outro: olhar, inferno e solicitude 48
4.10 Esperar e estar disponível 49
4.11 O corpo e o instrumento 49
4.12 O salto e a revelação 50
4.13 Moriá 50
4.14 A casa dividida: política e mulheres 51
4.15 A Ficha corrigida e a fórmula 51

5 O EXISTENCIALISMO DIANTE DAS CASAS DA SÉRIE 54
5.1 Hegel e Kierkegaard: contra o sistema 54
5.2 Levinas: contra Heidegger e Sartre 55
5.3 Ricoeur: quatro lugares da casa 55
5.4 Sócrates e Platão: Kierkegaard e Jaspers 56
5.5 Aristóteles: Heidegger desmonta, Kierkegaard discorda 56
5.6 Agostinho: o eu que se tornou problema 57
5.7 Arendt: a filha da casa 57
5.8 A Stoa: o papel e o destino 58
5.9 O budismo e Heidegger: o Nada e a noite, sem relação 58
5.10 O cristianismo: Kierkegaard, apontado 59
5.11 O Vedanta: o singular e o Si 59
5.12 O taoísmo: Heidegger e o Tao, apontados 60
5.13 Marx: a porta de (k) 60
5.14 Taylor: a porta do Estudo XV 60
5.15 O padrão 61

6 A FICHA E AS PRÉVIAS: O QUE A SÉRIE JÁ DISSE DO EXISTENCIALISMC 62
6.1 A Ficha de outubro, linha por linha 62
6.2 As decisões que mandaram matéria 63
6.3 O que os outros estudos já disseram 64
6.4 A Ficha reescrita: aprovada pelo fundador 65

7 SÍNTESE, FÓRMULA E QUESTÕES ABERTAS 68
7.1 O que o estudo encontrou 68
7.2 A fórmula 69

7.3 Questões abertas 70
7.4 O que o existencialismo oferece 73
7.5 A lamparina 74

REFERÊNCIAS 76

APÊNDICE A — FONTES CITADAS, POR CAPÍTULO 91

APÊNDICE B — CONFERÊNCIAS PENDENTES 117

APÊNDICE C — PAINEL DE VERIFICAÇÃO 122

1 INTRODUÇÃO: O ESTADO DA QUESTÃO E O MÉTODO

Gênero: Estudo Comparado · Nível: avançado · Parte do cânon: todo o cânon, em diálogo externo — em especial a Lux (a luz "anterior a qualquer conquista ou circunstância" diante de "a existência precede a essência"; a luz que "se revela" diante do homem que se inventa; a Integridade diante da má-fé e do "a gente"), a Bússola ("Posso estar lá inteiro, sem me trair?"; o veto, "a própria Luz", sem voz externa, diante da voz da consciência de Heidegger; a escolha, lugar da pessoa), o Flumen ("ninguém começa do zero" diante do estar-lançado e da circunstância; o rio de herdeiros diante do absurdo), o Corpus (o corpo vivido de Merleau-Ponty), a Vigília (a noite diante da angústia, das situações-limite, do ser-para-a-morte e de Sísifo), o Abrigo e as Águas Comuns ("ninguém navega um rio privado" diante de "o inferno são os outros" e de "eu me revolto, logo somos"; a solicitude que "salta adiante"), o Examinar (diante do "escolher-se"), a Regra de Vida (a repetição, três homônimos), a Independência confessional (Kierkegaard crê, Sartre não, Heidegger e Jaspers não decidem — e o cânon não decide por ninguém)
Princípio da série — Comparar não é competir. Cada estudo honra a doutrina visitada apresentando-a em sua melhor forma, e só então marca as fronteiras. Uma filosofia que precisa diminuir as outras para existir não confia na própria luz.
Versão 1.1, 6 de novembro de 2026 — com as decisões do fundador (ver o Prólogo). Versão 1.0, para validação: 6 de novembro de 2026.

O existencialismo é a casa que mais fala da pessoa e menos concorda sobre o que ela é. Sartre fixou em 1945 a fórmula que ficou: os existencialistas têm em comum "que a existência precede a essência" (*O existencialismo é um humanismo*, p. 17; ver 2.2) [V-fr; V-pt: Guedes], e dela tirou a consequência que só ele tira: "o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo" (p. 22) [V-fr; V-pt: Guedes; tradução do estudo]. O cânon diz, do valor de cada pessoa, que é "intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância", e que "a luz não se acende — ela se revela" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I). A tese central da casa fica perto da tese central do cânon, e com o verbo trocado: onde o cânon diz que a luz se revela, Sartre diz que o homem se inventa [leitura do estudo].

A Ficha de outubro viu isso e disse assim: "Invenção vs. revelação: para Sartre a existência precede a essência; para nós a luz precede a existência vivida." A primeira metade é letra de Sartre; a segunda não é letra do cânon, que não tem "existência" nem "essência" como termos da doutrina e não diz que uma precede a outra: diz que a luz é anterior a qualquer conquista ou circunstância (4.1) [leitura do estudo]. A correção é pequena e muda a fronteira de lugar.

O que o cânon recusa não é a liberdade nem a responsabilidade, que ficam com a casa; é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de ser inventado. E a fronteira

vale em cheio diante de Sartre, muda de forma diante de Kierkegaard, para quem o eu “escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo” (*Ou–ou*, II, SKS 3, 172–173; ver 2.5) [V-da; tradução do estudo], e diante de Camus, que afirma que “há uma natureza humana” (*O homem revoltado*, cap. “O homem revoltado”; ver 2.2) [V-fr via secundária; tradução do estudo; página a confirmar]. A casa tem quem negue a natureza humana e quem a afirme; o estudo diz de qual fala, em cada linha.

Este é um estudo refeito, o quinto dos seis. O Estudo V existia desde outubro de 2026 como Ficha na Biblioteca do site, com cinco linhas: três toques (“Contra a vida por papéis: a má-fé (Sartre) e o ‘a gente’ (Heidegger) nomeiam a ferida do Pilar I”; “Bússola e autenticidade: não ir aonde eu precisaria me trair”; “Kierkegaard, a ponte: querer uma só coisa”) e duas fronteiras (“Invenção vs. revelação: para Sartre a existência precede a essência; para nós a luz precede a existência vivida”; “Absurdo vs. pertencimento: o rio não é indiferente — é a companhia de todos que já atravessaram”) [Ficha, não cânon].

Em 3 de novembro de 2026 o fundador decidiu refazer os Estudos I a VI no formato completo da série — integral, resumo trilíngue, fórmula e decisões —, dois por vez, na ordem da numeração, antes do Estudo XIV. Os Estudos I e II foram refeitos, validados e publicados em 3 de novembro; os Estudos III e IV, em 4 de novembro; o Estudo VI, sobre o taoísmo, é escrito em paralelo a este. A numeração é a da série, mas a escrita vem depois do Estudo XIII e dos quatro primeiros refeitos: este estudo herda todas as decisões do fundador, de 17 de outubro a 4 de novembro de 2026, e a letra dos Estudos VII a XIII e I a IV, e trata a Ficha de outubro como ponto de partida a testar, não como autoridade. O que a conferência das fontes confirmou, confirma-se com a letra; o que corrigiu, corrige-se e registra-se (4.15 e 6.1), e a Ficha vale até o fundador dizer outra coisa.

Dois registros da série pesam aqui mais do que nos outros refeitos. O Estudo III fixou que, no lugar de “pecado”, o cânon diz a luz encoberta, a noite e o lobo (decisão n.º 8 de 4 de novembro de 2026 sobre o Estudo III), e Kierkegaard chama de pecado o desespero “diante de Deus” (*A doença para a morte*, II, SKS 11, 191; ver 2.4) [V-da; tradução do estudo]: a ferida que as duas casas descrevem tem fundos diferentes, e o estudo os mede (4.2) [leitura do estudo]. E o Estudo X fixou que “o veto da Bússola é a própria Luz na pessoa, sem voz externa” (decisão n.º 7 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X), enquanto o chamado da consciência, em Heidegger, “vem de mim e, no entanto, sobre mim” (*Ser e tempo*, §57, p. 275 da edição alemã; ver 2.5) [V-de; tradução do estudo]: o estudo lê os dois ao lado e diz a fronteira, sem reabrir a decisão (4.5).

A tese de partida, que o estudo testou: o existencialismo e o cânon descrevem a mesma ferida — a vida por papéis, a luz encoberta “por adaptação às expectativas alheias” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”) — e divergem no que está debaixo dela e no que a cura.

Heidegger escreve que “cada um é o outro e ninguém é ele mesmo”, e que “a gente” é “o Ninguém” a quem cada um já se entregou (*Ser e tempo*, §27, p. 128 da edição alemã; ver 2.4) [V-de; tradução do estudo]; Sartre dá a cena do garçom que “joga a ser garçom” (*O ser e o nada*, I, 2; ver 2.4) [V-fr; V-en: Barnes; tradução do estudo]. Debaixo da ferida, em Heidegger, está o poder-ser; em Sartre, uma liberdade sem natureza; no cânon, uma luz de alguém — “a Lux é de alguém” (decisão n.º 3 de 3 de novembro de 2026 sobre o Estudo I). E a cura, na casa, é a escolha; no cânon, a decisão “é sempre de quem caminha”, e a Bússola “apenas veta” (Catecismo, 24) [leitura do estudo].

A resposta curta, que o estudo inteiro desdobra: o existencialismo entra no Lumen Fluens pela ferida e pela escolha, e encontra oito fronteiras, das quais quatro se dizem aqui — a da invenção, a do fundo da ferida, a da escolha e a da noite; a da morte, a do outro, a do pecado e a da casa dividida ficam para 6.4 e 6.1.

Entra pela ferida, porque “a gente” e a luz encoberta “por adaptação às expectativas alheias” dizem o mesmo lugar da vida em duas casas (3.1); porque a má-fé de Sartre e “eu sem a minha luz sou uma mentira” (Cânon v1.2, “A Bússola”) descrevem a mesma mentira (3.2); porque “a pureza de coração é querer uma só coisa” (Kierkegaard, SKS 8, 138; ver 2.5) [V-da; tradução do estudo] e a Integridade pedem o mesmo (3.3).

Entra pela escolha, porque “escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo” e “Posso estar lá inteiro, sem me trair?” são duas perguntas a quem vai partir (3.4); porque o chamado que “vem de mim e, no entanto, sobre mim” e o veto “sem voz externa” vêm do mesmo lado (3.5); porque o estar-lançado de Heidegger, “eu sou eu e a minha circunstância” (Ortega; ver 2.5) [V-es via secundária: Lara; tradução do estudo] e “Ninguém começa do zero” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II) dizem que ninguém escolhe de onde parte (3.6).

Entra ainda pela noite e pelo outro, porque as situações-limite de Jaspers e Sísifo feliz ficam ao lado de “há escuridões que nenhuma bússola veta” e de “uma luz acesa dentro da noite” (3.7, 3.8); porque a solicitude que “salta adiante” em vez de “saltar em seu lugar” (*Ser e tempo*, §26; ver 2.8) [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo] e o Abrigo que “não vai até a substituição” (decisão n.º 4 de 19 de outubro de 2026 sobre o Estudo VIII) têm o mesmo limite (3.10); e porque “eu me revolto, logo somos” (Camus, *O homem revoltado*, p. 38, segundo Alves; ver 3.11) [V-fr via secundária: Alves; tradução do estudo] e “ninguém navega um rio privado” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”) saem do singular para o plural (3.11) [leitura do estudo].

Encontra a fronteira da invenção, porque para Sartre o homem “se define depois” e para o cânon o valor não espera definição alguma (4.1). Encontra a fronteira do fundo da ferida, porque o que “a gente” encobre é o poder-ser, o que a má-fé encobre é a liberdade, e o que o cânon diz encoberto é uma luz de alguém (4.2). Encontra a fronteira da escolha, porque na casa a escolha faz ou recebe o si mesmo, e no cânon a Bússola “não escolhe os

caminhos por ninguém; apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los” (Catecismo, 24): a escolha é lugar da pessoa, não função da Bússola (4.3).

Encontra, enfim, a fronteira da noite, porque a angústia é, em Kierkegaard, “a vertigem da liberdade” (*O conceito de angústia*, SKS 4, 365–366; ver 2.3) [V-da; tradução do estudo], e a noite do cânon é “o mal que ninguém causou” (Cânon v1.2, “A Vigília”): a casa descreve uma noite que a liberdade abre, o cânon uma noite que ninguém escolheu (4.6).

Cinco correções à Ficha de outubro saem dessa resposta, e o estudo as diz como correção, sem ironia (4.15, 6.1). “A ferida do Pilar I” não é frase do cânon; a letra do encobrimento é a do Tratado da Luz Interior, e “ferida”, no Tratado, é outra coisa. “Autenticidade” não ocorre no cânon, e em Heidegger não é valor moral: a letra do cânon é “sem me trair” e Integridade. “A ponte” de Kierkegaard não dizia entre quê: é entre “querer uma só coisa” e a Integridade, com a fronteira do “diante de quem”. “A luz precede a existência vivida” não é letra; a letra é “anterior a qualquer conquista ou circunstância”. E “o rio não é indiferente — é a companhia de todos que já atravessaram” não é letra: “absurdo” não ocorre no cânon, “companhia” nunca se diz do rio, e a letra vizinha é “Ninguém começa do zero”.

Um achado vem primeiro. A casa não nomeia a luz e também não a dissolve: põe a pessoa no centro, como o cânon, e por isso a fronteira não é sobre a pessoa, mas sobre o que a faz, inventada ou revelada. É uma fronteira de verbo, não de substantivo [leitura do estudo].

O estudo propõe ao fundador, e só ele pode adotá-la, uma fórmula: **o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção** (7.2). Aceita a escolha como lugar da pessoa — “a decisão é sempre de quem caminha” —, não como função da Bússola, que só veta; e a palavra é das duas casas, com o homônimo declarado (4.3). Recusa a invenção como condição: que o que a pessoa é, ou vale, dependa de ser inventado — “escolha, isto é, invente” (*O existencialismo é um humanismo*, p. 46; ver 2.5) [V-fr; V-pt: Guedes] —, e não a liberdade nem a responsabilidade, que ficam com a casa. A fórmula vale em cheio para Sartre e, por ele, para a casa; diante de Kierkegaard, para quem o eu recebe a si mesmo, e de Camus, que afirma uma natureza humana, a fronteira muda de forma, e o estudo o diz na mesma frase.

O estudo pesou outras letras e as deixou de lado (4.15): “aceita a angústia e recusa o nada”, porque “o nada” nomearia a Luz por contraste, a razão que a decisão n.º 1 de 3 de novembro de 2026 sobre o Estudo II deu para “a centelha nomeada” (estendê-la à casa é [hipótese do estudo]), e tocaria a n.º 7 de 31 de outubro de 2026 sobre o Estudo XII; “aceita a ferida e recusa a solidão”, porque a ferida é comum às duas casas e a fórmula apagaria a fronteira de 4.2, e “solidão” recusaria uma experiência, não uma condição; “aceita a

pergunta e recusa o salto", porque desloca o eixo para Kierkegaard e deixa fora Sartre e Camus. A escolha é a pergunta (cs) de 7.3 [leitura do estudo].

Uma tensão fica dita na primeira página, porque só o fundador a resolve. A Arquitetura do cânon chama a Bússola de "a decisão" e põe "a escolha" entre as palavras dos elementos (Cânon v1.2, "A Arquitetura"); a Bússola "não escolhe os caminhos por ninguém" e "a decisão é sempre de quem caminha" (Catecismo, 24). A glosa da fórmula — "a escolha como lugar da pessoa, não como função da Bússola" — lê as duas letras como uma só: a Bússola é a decisão de onde não ir, e a decisão de ir é de quem caminha. Que essa leitura seja a certa é [leitura do estudo], e a pergunta (cs) a inclui.

Uma última cautela de doutrina. A casa não concorda sobre Deus: Kierkegaard crê, Sartre dispensa Deus, Heidegger e Jaspers não decidem. O cânon também não decide por ninguém: "A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê" (Cânon v1.2, "Independência confessional"). O estudo não toma partido na pergunta sobre Deus; mede o que a casa diz da pessoa, e nenhuma aproximação nem fronteira dos capítulos supõe resposta a ela [leitura do estudo].

1.1 Como ler este estudo

Três vozes atravessam o texto e permanecem separadas. O existencialismo diz o que está nos textos, citado e localizado, sempre com o nome de quem escreveu: Kierkegaard pela edição *Søren Kierkegaards Skrifter* (SKS), por volume e página; Heidegger por parágrafo e página da edição alemã de *Ser e tempo*; Sartre pela página da edição Gallimard ou Nagel, com Barnes ou Guedes nomeados; Camus pela edição Gallimard, ou por intermediário nomeado quando a edição não foi aberta; Merleau-Ponty por Smith; Beauvoir pela edição de 1949; Jaspers, Marcel, Ortega e Unamuno pelas edições que as Fontes dizem. "O existencialismo diz" não se escreve: a casa não concorda o bastante, e cada frase vai com o nome de quem a escreveu (2.1).

A tradição lê o que um intérprete nomeado faz dos textos: Levinas, Ricoeur, Arendt, Kaufmann, Safranski, Grassi, Pugeda, Vela, Teixeira, Lara, Longo, Almeida, Dunzweiler, Alves e os que os Estudos anteriores citaram. Os tradutores (Schuback, Barnes, Macquarrie e Robinson, Guedes, Smith) entram pelo nome, ao lado do original, onde a passagem foi conferida na tradução.

O cânon responde com as palavras do Cânon v1.2, dos três Tratados, da Disputatio, do Catecismo, das Meditações Práticas, do Glossário validado e das decisões do fundador, sempre pelo nome do elemento: Lux, Flumen, Mutatio, Corpus, Bússola, Abrigo, Vigília, Águas Comuns, a margem, Regra da Misericórdia, Acender, Portar, Examinar, Revisão do rio, sabbath do fluxo. As Fichas dos Estudos I a VII são apontamentos do fundador, não cânon, e se citam como tais; os Estudos VII a XIII e I a IV entram como leitura anterior e se

citam pelas seções. Levinas foi lido no Estudo VIII, Ricoeur no IX, Arendt no XIII, Kierkegaard diante de Hegel no VII: citam-se por eles e não se refazem (5.1 a 5.3, 5.7).

O que passa das três vozes é do estudo, e vem marcado: [leitura do estudo], [inferência do estudo], [hipótese do estudo]. O estudo não decide: propõe e pergunta. Chama-se aqui homônimo à palavra que o cânon e a casa escrevem igual e entendem de modo diferente; o capítulo 2 os reúne (2.13), e cada capítulo avisa quando um aparece.

As citações trazem marcadores de verificação, e este estudo tem limites que convém declarar na primeira página. Kierkegaard foi conferido no dinamarquês da SKS e vem em tradução do estudo; Lowrie entra sempre como intermediário nomeado. Heidegger foi conferido no alemão de *Ser e tempo*, com Macquarrie e Robinson ao lado e Schuback onde a tradução brasileira foi vista; a palavra *das Man* vai como “a gente”, e “pre-sença”, termo de Schuback para *Dasein*, não entra na tradução do estudo, que deixa *Dasein* e explica uma vez (2.2).

Sartre foi conferido no francês da conferência de 1945 e, para *O ser e o nada*, em Barnes, com as páginas da Gallimard onde as houve; a letra de 1943 é “estou condenado a ser livre”, no singular, e a forma plural corrente não é letra de obra alguma (2.3). Camus foi lido em *O mito de Sísifo* e *A peste* no francês; *O homem revoltado* chega por via secundária, com página a confirmar. Merleau-Ponty vem por Smith; Beauvoir, no francês, com páginas a confirmar.

Marcel e Jaspers pertencem ao Estudo XIV, por decisão da série, e entram aqui só pelo essencial (2.11) e onde a casa os pede. Marcel chega por Grassi e Pugeda, e a *disponibilité* fica registrada como homônimo da Disponibilidade, sem glosa e com a medição no XIV. A frase sobre o corpo que não seria instrumento, que corre como de Marcel, não tem letra conferida e não se cita. Jaspers chega por Vela, no castelhano, e por *A questão da culpa*, no alemão; nas situações-limite, a *Introdução à filosofia* dá o desespero e a restauração, não o naufrágio, como segunda reação (2.6). Ortega e Unamuno vêm só por secundárias. A frase sobre Deus e o ateísmo que corre como de Camus não tem letra conferida e não se cita; a frase de Dostoiévski que a casa repete não está nos *Karamázov* na forma corrente e vai como [atribuição a confirmar] (2.10).

Por isso [V-de], [V-fr], [V-da], [V-es] indicam que a passagem foi conferida no original; [V-en: tradutor] e [V-pt: tradutor], na tradução nomeada; [V via secundária: autor], que a passagem foi lida dentro de outro texto. [tradução do estudo] diz que o português é do estudo, com o original nas Fontes. [paráfrase] diz que há a tese sem a letra. [tese a confirmar], [localização a confirmar], [página a confirmar] dizem o que falta conferir, e [atribuição a confirmar] diz que a frase circula, mas o estudo não achou a passagem. [Ficha, não cânon] marca as frases da Ficha de outubro. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa.

Cuidados de vocabulário, os homônimos de que o estudo se guarda (a lista em 2.13), que cada capítulo repete onde trabalha. “Autenticidade” é *Eigentlichkeit*, “propriedade”, e em Heidegger não é valor moral; o cânon não tem a palavra e diz Integridade e “sem me trair”. “Angústia” é, em Kierkegaard, vertigem da liberdade e, em Heidegger, *Angst* diante do ser-no-mundo; o cânon não tem a palavra e diz “noite” e “o mal que ninguém causou”. “Escolha” é, na casa, o que faz ou recebe o si mesmo; no cânon, a decisão é de quem caminha e a Bússola só veta. “Cuidado” é *Sorge*, estrutura do *Dasein*; o cânon diz Portar.

“Presença” é *Dasein* em Schuback e, no cânon, “presença, não vitória”. “Disponibilidade” é a virtude do Pilar III; *disponibilité* é de Marcel. “Repetição” em Kierkegaard, em Heidegger (§74) e na Regra de Vida são três homônimos. “Absurdo” é de Camus e não ocorre no cânon. “Instrumento”, dito do corpo, é letra do Pilar IV e não é frase de Marcel. “Eterna” e “imortal” não se dizem da Lux fora da Antífona, que o estudo só nomeia; “atemporal” é letra (decisão n.º 12 de 4 de novembro de 2026 sobre o Estudo IV).

Quando um capítulo diz que a casa não trata de algo, a afirmação vale só para os textos que o estudo leu. Quando diz que a letra do cânon não traz uma palavra, vale com a extensão que o estudo conferiu, por contagem repetida sobre o Cânon v1.2, os Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações Práticas e o Glossário: “autenticidade”, “autêntico”, “angústia”, “absurdo”, “situação”, “essência”, “existência” como termo, “inventar”, “invenção” e “mistério” não ocorrem nessa letra; “papéis” ocorre só como título de parte; “indiferença” e “companhia” ocorrem uma vez cada, e nunca do rio.

O estudo segue a regra da série: comparar não é competir. O existencialismo é exposto primeiro em sua melhor forma, por autor e por tema, na ordem do pensamento (capítulo 2), e o que a casa deixa dito com clareza — a solidão, a política, a mulher — é dito no mesmo capítulo, sem acusar e sem desculpar, com a tradição ao lado; a biografia não é doutrina (2.12). Só depois se procura onde o cânon já anda ao seu lado (capítulo 3), e onde se separa dele (capítulo 4). O capítulo 4 numera as perguntas, de (cs) a (db), e o capítulo 7 as reúne numa só lista com as herdadas (g), (j) e (k).

O capítulo 5 pergunta o que cada casa que a série já visitou disse do existencialismo, ou o que ele disse dela: Hegel e Kierkegaard; Levinas contra Heidegger e Sartre; Ricoeur em quatro lugares; Sócrates e Platão; Aristóteles; Agostinho; Arendt, filha da casa; a Stoa; o budismo e Heidegger, sem relação; o cristianismo; o Vedanta; o taoísmo, apontado; Marx, porta de (k); Taylor, porta do Estudo XV. Dele sai um padrão: a casa aparece como alvo, como leitor e como porta, e nunca é medida inteira (5.15).

O capítulo 6 mede a Ficha de outubro frase a frase, recolhe as decisões que lhe mandaram matéria, relê as seções em que os Estudos VII a XIII e I a IV falaram da casa e propõe ao fundador uma Ficha reescrita, com oito toques e oito fronteiras, “inventar-se × revelar-se” no lugar de “a luz precede a existência vivida” (6.4). O capítulo 7 reúne a

síntese, a fórmula, as questões abertas numa só lista, o que o existencialismo oferece à Lux, à Bússola, à Vigília, ao Abrigo e às Águas Comuns, ao Flumen, ao Corpus e à série, e a lamparina. Seguem as fontes do Prólogo e as de cada capítulo, a bibliografia, as conferências pendentes e o painel de verificação.

As decisões do fundador de 17 de outubro de 2026 (numeradas como no Prólogo do Estudo VII, n.º 1 a 7), de 19 de outubro (como no Prólogo do Estudo VIII, n.º 1 a 12), de 23 de outubro sobre o Estudo IX (n.º 1 a 13) e sobre o Estudo X (n.º 1 a 10), de 31 de outubro sobre o Estudo XI (n.º 1 a 11), sobre o Estudo XII (n.º 1 a 11) e sobre o Estudo XIII (n.º 1 a 12), de 3 de novembro sobre o Estudo I (n.º 1 a 12) e sobre o Estudo II (n.º 1 a 12), e de 4 de novembro sobre o Estudo III (n.º 1 a 12) e sobre o Estudo IV (n.º 1 a 12) valem como palavra dele e não são reabertas; as listas de dias com mais de um estudo vão sempre com o nome do estudo. Nenhuma delas nomeia o existencialismo; várias o tocam de perto, e o capítulo 6 as recolhe (6.2).

Quando o estudo relaciona ao existencialismo as decisões, pergunta se a leitura vale, e marca. Toda extensão de decisão à casa vem como [hipótese do estudo] ou [leitura do estudo]. As relacionadas são estas: “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer” e “a irreflexão não é noite” (n.º 2 e n.º 5 de 17 de outubro sobre o Estudo VII); o Abrigo que “revela e nada exige”, que “não vai até a substituição” e a assimetria “de posição, não de valor” (n.º 3, n.º 4 e n.º 5 de 19 de outubro sobre o Estudo VIII); o veto como a própria Luz, sem voz externa (n.º 7 de 23 de outubro sobre o Estudo X).

Seguem a Bússola que percebe o particular (n.º 4 de 31 de outubro sobre o Estudo XI); “nenhuma pessoa está fora da Lux” e o padrão das fronteiras (n.º 6 de 31 de outubro sobre o Estudo XII; n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XI); a margem como “estar consigo”, o caso que inclui os outros e a irreflexão como figura do lobo (n.º 4, n.º 6 e n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XIII).

Seguem “a Lux é de alguém” e “há noite” (n.º 3 e n.º 6 de 3 de novembro sobre o Estudo I); “a centelha nomeada”, “consentir ao destino”, “presença, não vitória” e o padrão estendido à Stoa (n.º 1, n.º 3, n.º 7 e n.º 11 de 3 de novembro sobre o Estudo II); a consciência como voz de Deus, a luz encoberta no lugar de “pecado”, o padrão estendido e (g) aberta (n.º 7, n.º 8, n.º 11 e n.º 12 de 4 de novembro sobre o Estudo III); o padrão estendido ao Vedanta e “atemporal” (n.º 11 e n.º 12 de 4 de novembro sobre o Estudo IV).

1.2 O que a Ficha dizia e o que a série já disse

A Ficha de outubro está em 6.1, frase a frase, com o veredito de cada uma: das cinco, nenhuma é letra inteira; “sem me trair”, “querer uma só coisa”, “a existência precede a essência” e “a má-fé” e “a gente” têm letra, da casa ou do cânon; “a ferida do Pilar I”, “autenticidade”, “a ponte”, “a luz precede a existência vivida”, “o rio não é indiferente” e “a companhia de todos que já atravessaram” são da Ficha. O que a série já disse da casa

está em 6.3 — o Estudo VII, 4.5 e 6.1; o VIII, 4.2; o IX, 4.2 e 6.5; o X, 4.4; o XI, 5.4; o XII, 5.5; o XIII, 5.6; o I, 5.6 e 5.8; o II, 5.7; o III, 5.10; o IV, 5.9 — e o capítulo 5 o retoma casa a casa. A Ficha reescrita está em 6.4, como proposta.

1.3 Decisões do fundador (versão 1.1, 6 de novembro de 2026)

O fundador leu a versão 1.0 e respondeu ao que o estudo lhe perguntava. As decisões valem como palavra dele e são numeradas à parte das de 17 de outubro (Estudo VII), das de 19 de outubro (Estudo VIII), das de 23 de outubro sobre os Estudos IX e X, das de 31 de outubro sobre os Estudos XI, XII e XIII, das de 3 de novembro sobre os Estudos I e II, das de 4 de novembro sobre os Estudos III e IV, e das de 6 de novembro sobre o Estudo VI, tomadas no mesmo dia; as listas de 6 de novembro vão sempre com o nome do estudo: as desta lista são citadas como "decisão n.º N de 6 de novembro sobre o Estudo V". Não alteram o texto do Cânon v1.2: fixam como o cânon deve ser lido nos pontos em que o estudo perguntou, e substituem a Ficha de outubro pela Ficha reescrita. No corpo, cada questão decidida leva a marca "[Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º N): …]".

1. **A fórmula** está adotada: o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção. A escolha entra como lugar da pessoa — "a decisão é sempre de quem caminha" (Catecismo, 24) —, não como função da Bússola, que só veta; a palavra é da casa e também do cânon, e o homônimo fica declarado. A glosa lê a Arquitetura, que chama a Bússola de "a decisão", e o Catecismo, 24, como uma só letra: a Bússola decide onde não ir; quem caminha decide ir. A invenção recusada é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de ser inventado — "a existência precede a essência"; "escolha, isto é, invente" —, não a liberdade nem a responsabilidade, que ficam com a casa; a letra do cânon do outro lado é "a luz não se acende — ela se revela". Vale em cheio diante de Sartre e, por ele, diante da casa; diante de Kierkegaard, que se escolhe diante de Deus, e de Camus, que afirma uma natureza humana, a fronteira muda de forma. Caem "aceita a angústia e recusa o nada" (nomearia a Luz por contraste), "aceita a ferida e recusa a solidão" e "aceita a pergunta e recusa o salto".
2. **"A gente", a má-fé e a luz encoberta** (questão (ct)): "a gente" de Heidegger e a má-fé de Sartre leem-se ao lado da luz "encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias", como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — o que se encobre: em Heidegger, o poder-ser; em Sartre, a liberdade; no cânon, uma luz de alguém (decisão n.º 3 de 3 de novembro sobre o Estudo I). A Ficha reescrita troca "a ferida do Pilar I", que não é frase do cânon, pela letra do Tratado da Luz Interior, e registra o desespero como pecado diante de Deus × a luz

encoberta como fronteira — no lugar de “pecado”, o cânon diz a luz encoberta, a noite e o lobo (decisão n.º 8 de 4 de novembro sobre o Estudo III).

3. **“Querer uma só coisa” e a Integridade** (questão (cu)): o discurso de Kierkegaard lê-se ao lado da Integridade e do “vive dividido” (Catecismo, 8), como leitura, com a fronteira na mesma frase — o Bem diante de Deus × a Integridade, que não diz diante de quem. “A pergunta decisiva é uma só” e “a única coisa que hoje não pode ficar sem luz” ficam declaradas homônimas, sem ponte. Da Ficha sai “a ponte” sem complemento; sai também “autenticidade”, que não ocorre no cânon e em Heidegger não é valor moral — a letra é “sem me trair” e Integridade.
4. **A voz da consciência e o veto** (questão (cv)): o chamado que “vem de mim e, no entanto, sobre mim” (*Ser e tempo*, §§54–60) lê-se ao lado do veto da Bússola, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — chama ao poder-ser e à culpa × só veta —, sem reabrir a decisão n.º 7 de 23 de outubro sobre o Estudo X (o veto é a própria Luz, sem voz externa) nem a n.º 7 de 4 de novembro sobre o Estudo III.
5. **A noite** (questão (cw)): a angústia (Kierkegaard, Heidegger), as situações-limite (Jaspers) e Sísifo feliz (Camus) leem-se ao lado de “há escuridões que nenhuma bússola veta” e de “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer” (decisão n.º 2 de 17 de outubro sobre o Estudo VII), como leituras, com as fronteiras ditas na mesma frase — vertigem da liberdade × noite não escolhida; naufrágio × presença; revolta lúcida × luz de alguém no rio de todos. “Angústia” não é palavra do cânon; a parte de Jaspers mede-se no Estudo XIV.
6. **A morte e a vigília** (questão (cx)): o ser-para-a-morte de Heidegger lê-se ao lado de velar na noite, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — a morte como o que ninguém delega × a noite como lugar de uma presença —, sem dizer nada do depois. A fronteira é deste estudo; o Estudo XIII, 5.6, não a tem, e a natalidade não se reabre.
7. **Os outros** (questão (cy)): o absurdo e o rio, “o inferno são os outros” e o olhar, e a solicitude que “salta adiante” em vez de “saltar em seu lugar” (*Ser e tempo*, §26) leem-se ao lado do Abrigo e da letra do rio, como leitura, com a fronteira na mesma frase — o outro que objetiva, o que toma o lugar, o que devolve a si × o Abrigo que “revela e nada exige” e “não vai até a substituição” (decisões n.º 3 e n.º 4 de 19 de outubro). O “absurdo” fica sem ponte, porque o cânon não o diz; da Ficha sai “o rio não é indiferente — é a companhia de todos que já atravessaram”, que não é letra, e entra “Ninguém começa do zero” e “Ninguém navega um rio privado”.
8. **O corpo** (questão (cz)): “o corpo é o nosso meio geral de ter um mundo” (Merleau-Ponty; Marcel, com cautela) lê-se ao lado do Pilar IV, com o homônimo “instrumento” como hipótese do estudo e sem aspas de Marcel — a frase “meu

corpo não é meu instrumento” não foi achada e não se cita; a *disponibilité* de Marcel fica registrada como homônima da Disponibilidade do Pilar III, sem ponte e com a medição no Estudo XIV.

9. **Moriá recebe uma leitura** (questão (j)): diante de *Temor e tremor* — a suspensão teleológica da ética, “creu pelo absurdo”, o cavaleiro da fé —, a pergunta do Estudo VII, 5.1 (“Se o Singular está acima do Universal, como lê *Temor e tremor*, a Bússola vetaria o monte Moriá? A pergunta é sobre essa leitura, não sobre o relato”) recebe a leitura que o estudo propôs: a Bússola “apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los”, e o veto é a própria Luz, sem voz externa. A pergunta não é reescrita; (j) fica registrada com essa leitura, como leitura do estudo adotada.
10. **A Ficha reescrita está aprovada** (questão (da)): como proposta em 6.4 — oito toques e oito fronteiras, com as cinco correções à Ficha de outubro (“a ferida do Pilar I”, “autenticidade”, “a ponte”, “a luz precede a existência vivida” e “o rio não é indiferente” não são letra) e as entradas que a Ficha não tinha (o chamado e o veto; o estar-lançado e “ninguém começa do zero”; a noite; a solicitude e o Abrigo; o corpo; a morte; o pecado; Beauvoir); substitui a Ficha de outubro na página dos estudos do site.
11. **O padrão das fronteiras fixadas para os clássicos estende-se ao existencialismo** (questão (db)): a obra lida, a biografia anotada (decisão n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XI; n.º 11 de 3 de novembro sobre o Estudo II; n.º 11 de 4 de novembro sobre os Estudos III e IV) — Heidegger em 1933, Sartre diante do stalinismo e Kierkegaard sobre as mulheres ficam como biografia, não doutrina, sem defender nem acusar ninguém; e aqui o padrão muda de lado, porque a casa escreveu a crítica: Beauvoir, “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, fica do lado da disputa, ao lado de “nenhuma pessoa está fora da Lux” (decisão n.º 6 de 31 de outubro sobre o Estudo XII).
12. **Registros adotados**: a “medida” de Camus e *A questão da culpa* de Jaspers entram como matéria do tratado da justiça ((g) segue aberta até o tratado); a porta para Marx — Sartre, *Crítica da razão dialética*; Camus, *O homem revoltado*; a culpa política e metafísica de Jaspers — fica registrada, e (k) segue aberta até o estudo de Marx; Marcel e Jaspers entram só pelo essencial e medem-se no Estudo XIV; “atemporal” é letra do cânon, e “eterna” e “imortal” não se dizem da Lux. **Publicação** como o Estudo IV: integral, resumo trilíngue e nota de decisões; a Ficha reescrita vai à página dos estudos nas três línguas.

2 O EXISTENCIALISMO EM SUA MELHOR FORMA

2.1 O percurso em vinte linhas

Esta seção põe os marcos da casa, com as datas e com o aviso sobre o nome, antes de qualquer exposição.

"Existencialismo" é o nome de uma casa que não tem fundador e não concorda sobre quem mora nela. Walter Kaufmann escreveu que o existencialismo "não é uma filosofia, mas um rótulo para várias revoltas muito diferentes contra a filosofia tradicional", e que a maioria dos existencialistas vivos repudiou o rótulo (*Existentialism from Dostoevsky to Sartre*, "O existencialismo de Dostoiévski a Sartre", 1956) [V-en via secundária: Dunzweiler; tradução do estudo; página a confirmar]. Por isso este capítulo não escreve "o existencialismo diz": a casa não concorda o bastante, e cada frase vai com o nome de quem a escreveu. O estudo usa o nome como a tradição o usa.

Antes do nome há precursores: Pascal (1623–1662) e Dostoiévski (1821–1881), a quem Sartre e Camus voltam (ver 2.10). Kierkegaard (1813–1855) é o primeiro a escrever como existente: *Ou–ou*, *Temor e tremor* e *A repetição* saem em 1843; *O conceito de angústia*, em 1844; os discursos de 1847, entre eles o da pureza de coração; *A doença para a morte*, em 1849. Nietzsche (1844–1900) é lido como porta da casa por Jaspers, Heidegger e Camus; o *amor fati* é dele — "*Amor fati*: que seja este, de agora em diante, o meu amor!" (*A gaia ciência*, §276) [V-en: Common; tradução do estudo] —, como fixou a decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo II, e não da Stoa.

Unamuno (1864–1936) publica em 1912 *Do sentimento trágico da vida*; Ortega y Gasset (1883–1955), em 1914, as *Meditações do Quixote*; Buber (1878–1965) escreve *Eu e Tu* em 1923. Jaspers (1883–1969) publica *Filosofia* em 1932; Heidegger (1889–1976), *Ser e tempo* em 1927; Marcel (1889–1973), *Ser e ter* em 1935 e *Homo viator* em 1944.

Depois vêm Sartre (1905–1980), Frankl (1905–1997), Beauvoir (1908–1986), Merleau-Ponty (1908–1961) e Camus (1913–1960). A década decisiva corre de 1942 a 1951: *O mito de Sísifo* (1942); *O ser e o nada* (1943); a *Fenomenologia da percepção* (1945); a conferência de Sartre, de outubro de 1945, publicada em 1946; *A questão da culpa*, de Jaspers (1946); a *Carta sobre o humanismo*, de Heidegger, escrita em 1946 e publicada em 1947; *A peste* (1947); *O segundo sexo* (1949); *O homem revoltado* (1951). No verão de 1952 Camus e Sartre rompem nas páginas de *Les Temps modernes*.

Dos marcos passa-se ao ponto em que a casa mais fala de si: o que é existir, e o que se segue disso (2.2).

2.2 A existência e a essência

A pergunta que reúne a casa é o que quer dizer existir; as respostas começam a separar-se na primeira linha.

Heidegger a põe no §9 de *Ser e tempo*: “O ser deste ente é cada vez meu” (§9, p. 41 da edição alemã) [V-de; tradução do estudo], e logo adiante: “A ‘essência’ deste ente reside em seu ter-de-ser” (p. 42) [V-de; tradução do estudo]. A palavra *Jemeinigkeit* (“ser cada vez meu”) diz que o *Dasein* (o ente que cada um de nós é) não é um exemplar de uma espécie. O texto abre então a alternativa que atravessa a casa: esse ente pode, em seu ser, “escolher-se” a si mesmo, ganhar-se, e pode também perder-se (pp. 42–43) [V-de; tradução do estudo]. A impropriedade (*Uneigentlichkeit*), previne Heidegger, “não diz ‘ser’ menos nem um grau ‘inferior’ de ser” (p. 43) [V-pt: Schuback]; a palavra que Schuback verte por “propriedade” é a que o uso corrente chama de “autenticidade” (ver 2.4).

Sartre fixa a fórmula que ficou: os existencialistas, diz ele em 1945, têm em comum “que a existência precede a essência, ou, se se preferir, que é necessário partir da subjetividade” (*O existencialismo é um humanismo*, p. 17) [V-fr; V-pt: Guedes], e explica: “o homem existe primeiro, encontra-se, surge no mundo, e se define depois” (p. 21) [V-fr; tradução do estudo]. Disso sai a consequência que só ele tira: “não há natureza humana, pois não há Deus para concebê-la”, e “o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo” (p. 22) [V-fr; V-pt: Guedes; tradução do estudo]. A frase vale, diz ele, para os dois tipos de existencialistas, mas o ateu, que ele representa, é “mais coerente” (p. 21) [V-fr; tradução do estudo].

Heidegger, na *Carta sobre o humanismo*, chama a tese de Sartre de inversão metafísica (*Wegmarken*, pp. 159–160) [V-en: Capuzzi; paráfrase]. Os dois dizem “existência” e não dizem a mesma coisa: em Heidegger é o modo de ser de um ente que tem de ser, em Sartre é o que precede qualquer definição de um sujeito [leitura do estudo].

Kierkegaard é o mais antigo: “O eu é uma relação que se relaciona consigo mesma” (*A doença para a morte*, I, A, SKS 11, 129) [V-da; tradução do estudo]. Camus discorda de Sartre pela raiz: “a análise da revolta leva pelo menos à suspeita de que há uma natureza humana, como pensavam os gregos, e contrariamente aos postulados do pensamento contemporâneo” (*O homem revoltado*, cap. “O homem revoltado”) [V-fr via secundária; tradução do estudo; página a confirmar]. A casa tem quem negue a natureza humana e quem a afirme.

Da pergunta pelo ser passa-se ao afeto em que ela se faz sentir: a angústia, e a liberdade que ela revela (2.3).

2.3 A angústia e a liberdade

A angústia é o afeto em que a casa reconhece a liberdade; cada um a descreve de um lugar diferente.

Kierkegaard a compara à vertigem: “A angústia pode comparar-se à vertigem […]. Assim a angústia é a vertigem da liberdade […]. Entre esses dois instantes está o salto, que nenhuma ciência explicou nem pode explicar” (*O conceito de angústia*, cap. II, §2, SKS 4,

365–366) [V-da; tradução do estudo]. O salto, nesse lugar, é o salto qualitativo para o pecado. Heidegger separa a angústia (*Angst*) do medo pela pergunta "diante de quê": "Aquilo diante de que a angústia se angustia é o ser-no-mundo como tal" (*Ser e tempo*, §40, p. 186 da edição alemã) [V-de; tradução do estudo]. As duas palavras, "angústia" em Kierkegaard e *Angst* em Heidegger, são homônimas (palavras iguais com sentido diferente), e a diferença se mede no capítulo 4.

Sartre dá à liberdade o nome mais duro. Em 1945 diz que estamos "sós, sem desculpas" e que "o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz" (*O existencialismo é um humanismo*, p. 37) [V-fr; V-pt: Guedes; tradução do estudo]. A letra de 1943 é a mesma no singular: "estou condenado a ser livre" (*O ser e o nada*, IV, 1, pp. 515–516 da edição Gallimard; Barnes, p. 439) [V-fr; V-en: Barnes; tradução do estudo]. A forma plural corrente, "estamos condenados a ser livres", não é a letra de nenhuma das duas obras. Para Sartre a angústia é a consciência da responsabilidade que a escolha de cada um carrega para todos (*O existencialismo é um humanismo*, p. 27) [paráfrase].

Merleau-Ponty responde de dentro da fenomenologia: "Não é apesar desses motivos, nem aquém deles, que sou livre, mas por meio deles" (*Fenomenologia da percepção*, "A liberdade", Smith, pp. 454–455) [V-en: Smith; tradução do estudo]. Estamos, diz ele, "condenados ao sentido" (Prefácio) [V-es: Cabanes; V-en: Smith; tradução do estudo]. A liberdade é vertigem para Kierkegaard, condenação para Sartre e liberdade situada para Merleau-Ponty [leitura do estudo].

Da liberdade passa-se a quem a perde sem notar: a vida por papéis, que a casa chama de "a gente" e de má-fé (2.4).

2.4 "A gente" e a má-fé

A casa descreve com precisão o que é viver como todo mundo; esta seção dá a letra das três descrições mais fortes e das que se lhes juntam.

Heidegger escreve no §27 de *Ser e tempo*: "Cada um é o outro e ninguém é ele mesmo. A gente [*das Man*], com que se responde à pergunta pelo quem do *Dasein* cotidiano, é o Ninguém a quem todo *Dasein*, no conviver, já sempre se entregou" (§27, p. 128 da edição alemã) [V-de; tradução do estudo]. A gente está em toda parte, "mas de modo que já sempre se esgueirou dali onde o *Dasein* urge por decisão" (p. 127) [V-de; tradução do estudo]; a mediania, o nivelamento e a publicidade são os seus traços. Heidegger previne, a propósito da decadência (*Verfallen*), que o termo "não exprime nenhuma avaliação negativa" (§38, p. 175) [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo]: a decadência não é, em *Ser e tempo*, pecado nem culpa moral.

Sartre desce da estrutura à cena. O garçom de café “joga a ser garçom”, e a sua condição é “toda de cerimônia” (*O ser e o nada*, I, 2, “A má-fé”, pp. 98–99 da edição Gallimard) [V-fr; V-en: Barnes; tradução do estudo]. A mulher do primeiro encontro deixa a mão inerte entre as do companheiro, “sem consentir nem resistir, uma coisa”, e “esta mulher está de má-fé” (*mauvaise foi*) (Barnes, pp. 55–56) [V-en: Barnes; tradução do estudo].

A fórmula geral é a do para-si (*pour-soi*, o modo de ser da consciência): ser o que não se é e não ser o que se é (Barnes, p. 70) [V-en: Barnes; tradução do estudo]. Sartre nomeia numa nota a “recuperação de si” a que chama “autenticidade”, e acrescenta que a sua descrição “não tem lugar aqui” (Barnes, p. 70, n. 9) [V-en: Barnes; tradução do estudo]; mais adiante critica a classificação de Heidegger em projeto “autêntico” e “inautêntico”, “tingida de preocupação ética” e fundada na atitude diante da própria morte (pp. 651–652 da edição Gallimard; Barnes, p. 565) [V-fr; V-en: Barnes; tradução do estudo].

Ortega diz o mesmo em castelhano, com outra ênfase: “Mas quem faz o que se faz? Ah! Pois a gente. Bem, mas quem é a gente? Ah! Pois todos, ninguém determinado” (*O homem e a gente*, *Obras completas*, VII) [V-es; tradução do estudo; página a confirmar]. Que *la gente* seja o *das Man* em castelhano é [hipótese do estudo]. Kierkegaard dá à mesma ferida o nome de desespero: “Pecado é: diante de Deus […] desesperadamente não querer ser si mesmo, ou desesperadamente querer ser si mesmo” (*A doença para a morte*, II, SKS 11, 191) [V-da; tradução do estudo]; o desespero é aí categoria teológica (ver 2.10).

Do que se perde passa-se ao que se faz com o que resta: a escolha e a responsabilidade (2.5).

2.5 A escolha e a responsabilidade

Se a vida por papéis é a perda, a casa responde com a escolha; as respostas diferem no que é escolhido e em diante de quem.

Kierkegaard abre o caminho no segundo tomo de *Ou–ou*, pela voz do assessor Wilhelm: “o eu escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo” (*Ou–ou*, II, “O equilíbrio”, SKS 3, 172–173) [V-da; tradução do estudo]. O texto corrige-se a meio caminho: “escolher-se” vira “receber-se”. E o paradoxo fica à vista: “Este ‘eu’ não existia antes, pois veio a ser pela escolha, e no entanto existia” (SKS 3, 207) [V-da; tradução do estudo]. O discurso de 1847 acrescenta o outro lado: “A pureza de coração é querer uma só coisa” (SKS 8, 138) [V-da; tradução do estudo], e só o Bem é uno em sua essência (SKS 8, 143–144) [V-da; tradução do estudo]. O discurso, que tem por motivo Tiago 4, 8, põe esse Bem diante de Deus.

Heidegger faz a escolha passar pela consciência. O chamado “vem de mim e, no entanto, sobre mim” (*Ser e tempo*, §57, p. 275 da edição alemã) [V-de; tradução do estudo], e quem o ouve assume a resolução (*Entschlossenheit*): “o projetar-se calado e disposto à

angústia sobre o ser-culpado mais próprio” (§60, pp. 296–297) [V-de; tradução do estudo]. Sartre devolve a escolha à cena do dever: ao jovem que hesitava entre a mãe e a Resistência ele só tinha uma resposta, “você é livre; escolha, isto é, invente. Nenhuma moral geral poderá indicar-lhe o caminho a seguir; não existem sinais no mundo” (*O existencialismo é um humanismo*, p. 46) [V-fr; V-pt: Guedes]. E a escolha é de todos: “escolhendo-me, escolho o homem” (p. 27) [V-fr; V-pt: Guedes], de modo que o homem, “sem apoio e sem ajuda, está condenado a inventar o homem a cada instante” (p. 38) [V-fr; V-pt: Guedes].

Beauvoir, em *Por uma moral da ambiguidade*, escreve que “querer o desvelamento do mundo, querer-se livre, é um só e mesmo movimento” (p. 31) [V-fr via secundária: Teixeira; tradução do estudo]. Ortega põe a circunstância no centro: “eu sou eu e a minha circunstância, e se não a salvo, não me salvo eu” (*Meditações do Quixote*, *Obras completas*, I, p. 322) [V-es via secundária: Lara; tradução do estudo]. A escolha é, então, o gesto comum da casa, e a pergunta é o que se escolhe, e diante de quem.

Da escolha passa-se ao que a limita e a ilumina de uma só vez: a morte e as situações de que não se pode sair (2.6).

2.6 O ser-para-a-morte e as situações-limite

A morte e o sofrimento são o que a escolha não alcança; esta seção reúne Heidegger e Jaspers, que fizeram deles o centro, e os que lhes respondem.

Heidegger escreve no §47: “Ninguém pode tirar do outro o seu morrer” (*Ser e tempo*, §47, p. 240 da edição alemã) [V-de; tradução do estudo]. A morte é o que é cada vez meu até o fim, e o §52 a define: “A morte, como fim do *Dasein*, é a possibilidade mais própria, irrelativa, certa e, como tal, indeterminada, insuperável, do *Dasein*” (pp. 258–259) [V-de; tradução do estudo]. A ordem dos adjetivos é a do alemão. O *Sein zum Tode* (“ser-para-a-morte”) é o modo de existir que se deixa singularizar por essa possibilidade em vez de fugir dela.

Jaspers parte de uma lista: “tenho de morrer, tenho de sofrer, tenho de lutar, estou sujeito ao acaso, enredo-me inevitavelmente na culpa. Estas situações fundamentais de nossa existência chamamos situações-limite [*Grenzsituationen*]. Isto é, são situações além das quais não podemos ir, que não podemos mudar” (*Introdução à filosofia*, p. 18) [V-de; tradução do estudo]. Às situações-limite reagimos, diz ele, “ou pelo encobrimento ou […] pelo desespero e pela restauração” (p. 18) [V-de; tradução do estudo]; e o que elas mostram é o naufrágio (*Scheitern*): “a origem nas situações-limite traz o impulso fundamental de ganhar, no naufrágio, o caminho para o ser” (p. 19) [V-de; tradução do estudo].

Os outros respondem de lados diferentes. Sartre recusa à morte qualquer função: “não há lugar para a morte no ser-para-si” e ela é “nada mais que um certo aspecto da facticidade (o fato bruto de estar lançado, sem escolha, num mundo) e do ser-para-outro”: “é absurdo que nasçamos, é absurdo que morramos” (*O ser e o nada*, Barnes, p. 547) [V-en:

Barnes; tradução do estudo]. Unamuno começa pelo “homem de carne e osso, o que nasce, sofre e morre — sobretudo morre” (*Do sentimento trágico da vida*, cap. I) [V-es; tradução do estudo; página a confirmar], e das três soluções toma a terceira, “uma resignação desesperada, ou um desespero resignado, e a luta” (cap. II) [V-es; tradução do estudo; página a confirmar].

Frankl vem do mesmo cenário, o dos campos. Dele se cita a “última das liberdades humanas”, a de escolher a própria atitude (*Em busca de sentido*) [V-en: Lasch; tradução do estudo; página a confirmar], mas a frase “quem tem um porquê para viver suporta quase qualquer como” é de Nietzsche (*Crepúsculo dos ídolos*, “Sentenças e flechas”, 12) [V-de; tradução do estudo], que Frankl cita nomeando-o (Rider, pp. 84 e 109) [V-en via secundária: Rider].

Do que não se escolhe passa-se ao que se faz com a falta de sentido: o absurdo e a revolta (2.7).

2.7 O absurdo e a revolta

Camus é quem dá à casa a palavra “absurdo” e a recusa de sair dele pelo salto; esta seção segue os três livros em que ele a desenvolve.

“Só há um problema filosófico realmente sério: é o suicídio” (*O mito de Sísifo*, “O absurdo e o suicídio”, p. 15) [V-fr; tradução do estudo]. O absurdo não é uma tese sobre o mundo: “O absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio desarrazoado do mundo” (“Os muros absurdos”, p. 45) [V-fr; tradução do estudo], e mora “nem no homem […] nem no mundo, mas na sua presença comum” (p. 48) [V-fr; tradução do estudo]. Os existentes que saltam — Kierkegaard, e no mesmo capítulo Jaspers e Chestov — são para Camus um “suicídio filosófico”: “Kierkegaard também dá o salto” (“O suicídio filosófico”, p. 57) [V-fr; tradução do estudo].

A saída que ele propõe fica no lado de cá: “Tiro assim do absurdo três consequências, que são a minha revolta, a minha liberdade e a minha paixão” (“A liberdade absurda”, pp. 88–89) [V-fr; tradução do estudo], e o ensaio termina em Sísifo: “A própria luta rumo aos cumes basta para encher um coração de homem. É preciso imaginar Sísifo feliz” (p. 168) [V-fr; tradução do estudo]. Sartre também escreve “absurdo”: a escolha livre sem fundamento “pode muito bem parecer absurda, e de fato é absurda” (*O ser e o nada*, Barnes, p. 479) [V-en: Barnes; tradução do estudo]. Em Kierkegaard, a força em virtude da qual Abraão crê é o absurdo (ver 2.10).

Em *O homem revoltado* o “não” de quem se revolta é também um “sim”: “Que é um homem revoltado? Um homem que diz não. Mas, se recusa, não renuncia: é também um homem que diz sim, desde o primeiro movimento” (cap. “O homem revoltado”, abertura) [V-fr via secundária; tradução do estudo; página a confirmar]. A revolta supõe um valor “que preexiste a toda ação” (mesmo capítulo) [V-fr via secundária; tradução do estudo;

página a confirmar], e dela Camus tira o “nós”: “Eu me revolto, logo somos” (p. 38) [V-fr via secundária: Alves; tradução do estudo]. Em *A peste*, Rieux fala sem heroísmo: “Não se trata de heroísmo em tudo isso. Trata-se de honestidade […]. No meu caso, sei que ela consiste em fazer o meu ofício” (p. 170); e diz mais adiante: “sinto mais solidariedade com os vencidos do que com os santos […]. O que me interessa é ser homem” (p. 256) [V-fr; tradução do estudo]. O cronista escreve para dizer o que se aprende no meio dos flagelos, “que há nos homens mais coisas a admirar do que a desprezar” (pp. 310–311) [V-fr; tradução do estudo].

Do que se faz diante do silêncio do mundo passa-se ao que se faz diante de quem está no mundo conosco: o outro (2.8).

2.8 O outro

O outro é, na casa, o tema em que ela mais se divide; esta seção dá o olhar de Sartre, a solicitude de Heidegger, a comunicação de Jaspers e o encontro de Buber.

Sartre descreve a cena do buraco da fechadura: o que apreendo ao ouvir os ramos estalarem atrás de mim “não é que há alguém ali; é que sou vulnerável […], que sou visto” (*O ser e o nada*, III, Barnes, pp. 259–260) [V-en: Barnes; tradução do estudo]. Daí a fala de Garcin na última cena de *Entre quatro paredes*: “Não precisa de grelha: o inferno são os outros” (Gallimard, 2012, p. 93) [V-fr via secundária: Longo; tradução do estudo]. Sartre mesmo glosou a frase numa gravação de 1964 ou 1965: “se as relações com o outro são tortas, viciadas, o outro só pode ser o inferno” [V-fr via secundária: Longo; tradução do estudo; data a confirmar].

Heidegger põe o outro dentro do *Dasein* desde o §26, no ser-com (*Mitsein*), e distingue duas solicitudes (*Fürsorge*) diante do “cuidado” (*Sorge*) do outro: a que “pode tirar do outro o ‘cuidado’ […], saltar em seu lugar” (*einspringen*) e a que “salta adiante dele em seu poder-ser existencial, não para tirar-lhe o ‘cuidado’, mas para devolvê-lo propriamente como tal” (*vorausspringen*) (§26, p. 122 da edição alemã) [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo]. A primeira é dominadora, a segunda libertadora. Schuback verte *Fürsorge* por “preocupação” e evita o salto; o estudo guarda o salto da letra alemã. Levinas diante de Heidegger e de Sartre é matéria do Estudo VIII, 4.2, que não se refaz aqui.

Jaspers fala de comunicação: “Como ser-si-mesmo, estamos remetidos a outro ser-si-mesmo, com o qual, na comunicação, ambos chegamos propriamente a nós mesmos. Não há liberdade isolada” (*Introdução à filosofia*, p. 88) [V-de; tradução do estudo], e, mais curto: “A verdade começa a dois” (p. 94) [V-de; tradução do estudo]. Buber, que o Tratado das Águas Comuns já cita (ver 3.11), diz que “toda vida atual é encontro” (*Eu e Tu*) [V-pt via secundária: Tratado das Águas Comuns].

Do outro passa-se ao lugar onde ele nos encontra primeiro: o corpo (2.9).

2.9 O corpo

A casa fala do corpo sobretudo por dois nomes, Merleau-Ponty e Marcel; esta seção dá a letra de cada um e a nota que os separa.

Merleau-Ponty escreve na *Fenomenologia da percepção*: “O corpo é o nosso meio geral de ter um mundo” (Smith, pp. 145–146) [V-en: Smith; tradução do estudo]. Em nota, Merleau-Ponty marca a diferença com Marcel: a sua distinção entre ter e ser “não coincide com a de M. Marcel”, de modo que “o nosso ‘ter’ corresponde grosso modo ao ser de Marcel, e o nosso ser ao seu ‘ter’” (Smith, p. 174, n. 1) [V-en: Smith; tradução do estudo].

Marcel vem aqui por Grassi (2008), que traduz o francês para o castelhano e dá as páginas do original. “O primeiro objeto, o objeto-tipo com o qual me identifico e que no entanto me escapa, é o meu corpo; parece ser o reduto mais secreto, mais profundo do ter. O corpo é o ter-tipo. E no entanto…” (*Ser e ter*, p. 237) [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]. E “eu sou meu corpo” não é, para Marcel, afirmação simples: dizê-lo é “emitir um juízo negativo” (*Do recusar ao invocar*, p. 34) [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]. A formulação de Marcel é, então, mais cautelosa que a de Merleau-Ponty, e “eu sou meu corpo” não se cita dele como tese lisa [leitura do estudo].

Do outro polo da casa, Levinas aponta uma ausência: o *Dasein* “nunca tem fome” (*Totalidade e Infinito*, p. 134; ver 5.2) [V-pt via secundária: Estudo VIII, 4.2]. A casa dá ao corpo, então, duas vias: a fenomenologia do corpo próprio, que faz dele o nosso meio de ter um mundo, e a filosofia concreta de Marcel, que o faz mistério da encarnação [leitura do estudo]. Do corpo da mulher dirá Beauvoir (2.12).

Do corpo e do mundo passa-se à pergunta que a casa não decide: se há ou não Deus, e o que isso muda (2.10).

2.10 A fé e o ateísmo na casa

A casa é dividida sobre a origem; esta seção dá a letra do crente, do ateu e dos que não decidem.

Kierkegaard é o crente e escreve *Temor e tremor* (1843) sobre Abraão. A questão do Problema I é: “Há uma suspensão teleológica da moralidade?” (SKS 4, 148) [V-pt: Marinho]; o dinamarquês diz *det Ethiske*, “o ético”. “A história de Abraão comporta esta suspensão teleológica da moralidade” (SKS 4, 159) [V-pt: Marinho]. Abraão “creu em virtude do absurdo” [V-da; tradução do estudo; localização a confirmar].

A fé, em *A doença para a morte*, é que o eu, “ao relacionar-se consigo mesmo e ao querer ser si mesmo, repousa transparente no Poder que o pôs” (I, A, SKS 11, 164) [V-da; tradução do estudo], e “o contrário do pecado não é a virtude, mas a fé” (II, SKS 11, 196) [V-da; tradução do estudo]. A leitura de Sartre é outra: “Nada me designa para ser Abraão, e, no entanto, sou a cada instante obrigado a realizar atos exemplares” (*O existencialismo é um humanismo*, pp. 30–31) [V-fr; V-pt: Guedes], pois, se uma voz se dirige a ele, “sou eu

sempre quem decidirá que essa voz é a do anjo” [V-fr; tradução do estudo]. A pergunta de Moriá é a (j) do Estudo VII, 5.1, se a Bússola vetaria o monte Moriá; segue sem decisão do fundador e é matéria do capítulo 4 (questão (j)).

Sartre é o ateu e diz que o ateísmo é consequência, não demonstração: o existencialismo “não é tanto um ateísmo no sentido de que se esgotaria em demonstrar que Deus não existe”, e declara antes que “mesmo que Deus existisse, nada mudaria” (*O existencialismo é um humanismo*, p. 95) [V-fr; V-pt: Guedes; tradução do estudo]. Ele cita Dostoiévski — “Se Deus não existisse, tudo seria permitido” (p. 36) [V-fr; V-pt: Guedes] —, mas a frase não existe assim em *Os irmãos Karamázov*; a forma mais próxima é a de Rakitin: “se não há imortalidade da alma, não há virtude, logo tudo é permitido” (I, II, 7) [V-ru; V-en: Garnett; tradução do estudo].

Heidegger e Jaspers não decidem. Heidegger diz, na entrevista ao *Spiegel*, concedida em 1966 e publicada em 1976, depois da morte dele, que “só um deus pode salvar-nos”, e que o que podemos é preparar “uma prontidão para o aparecimento de um deus” [V-en: Richardson; tradução do estudo; localização a confirmar]. Jaspers fala de uma fé filosófica e de cifras da transcendência (*Filosofia*, III) [paráfrase; localização a confirmar].

O cânon, diante desse arranjo, não escolhe: “Lumen Fluens não pertence a nenhuma religião oficial — e não exclui nenhuma. Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus. Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” (Cânon v1.2, “Independência confessional”). O cânon não é, pela letra, teísta, ateu nem agnóstico.

Passa-se a Marcel e Jaspers (2.11).

2.11 Marcel e Jaspers: o essencial

Marcel e Jaspers são o Estudo XIV, por decisão do fundador de 23/10 e de 31/10/2026; aqui vai só o essencial de cada um.

Marcel vem, como em 2.9, por Grassi (2008) e Pugeda (2024). A sua distinção mais conhecida é a do problema e do mistério: “O problema é algo que se encontra, que barra o caminho. Está inteiramente diante de mim. O mistério, ao contrário, é algo em que me encontro engajado, cuja essência consiste, por isso, em não estar inteiramente diante de mim” (*Ser e ter*, p. 145) [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]. A *disponibilité* (“disponibilidade”) é abertura a quem não nos pertence: “A alma mais disponível é a mais consagrada, a mais interiormente dedicada […] porque sabe que não deve a existência a si mesma, e que o único uso inteiramente legítimo da sua liberdade é reconhecer que não se pertence” (*Posição e abordagens concretas do mistério ontológico*, p. 87) [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]. *Disponibilité* e presença têm homônimos no cânon,

as Virtudes Disponibilidade e Presença, e a medição é do XIV. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (cz)) se o homônimo se registra assim, com a medição deixada ao XIV.

De Jaspers o capítulo já deu as situações-limite e o naufrágio (2.6) e a comunicação (2.8). Há ainda a culpa, que ele distingue em quatro — criminal, política, moral e metafísica — em *A questão da culpa* (1946): “Culpa metafísica: há uma solidariedade entre os homens como homens, que torna cada um corresponsável por toda injustiça e toda iniquidade do mundo […]. Se não faço o que posso para impedi-los, sou cúmplice” (p. 31) [V-de; tradução do estudo]. Essa culpa não é o ser-culpado de Heidegger (2.5) nem o pecado de Kierkegaard (2.4) [leitura do estudo]. *A questão da culpa* é matéria do tratado da justiça (g), como mandaram as decisões n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II e n.º 12 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV. A cifra é homônima de “revelação” e não se aproxima dela [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (cw)) se a parte de Jaspers fica para o Estudo XIV.

Passa-se ao que a casa deixa dito (2.12).

2.12 O que a casa deixa dito com clareza

A casa tem passivos que o estudo registra sem acusar e sem desculpar: a solidão, a política e a mulher.

A solidão é o risco que a opinião lê na casa: Sartre diz, na página da condenação a ser livre (ver 2.3), que estamos “sós, sem desculpas”, e Heidegger faz da morte o que é cada vez meu (ver 2.6). A mesma casa tem a letra contrária: Marcel, Jaspers, Buber e o Camus de *O homem revoltado* dizem “nós” [leitura do estudo].

A política pesa mais. Heidegger foi reitor em Freiburg em 1933–34 e filiou-se ao partido nazista (Safranski, *Heidegger: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*) [paráfrase; localização a confirmar]; o que disse e calou depois é [tese a confirmar]. Levinas escreveu em 1988 que em *Ser e tempo* não há fórmula referível ao nacional-socialismo, “mas a construção comporta ângulos ambíguos” (ver 5.2) [V-pt via secundária: Estudo VIII, 4.2]. O Estudo XIII, 5.6, disse o que basta: “a biografia não é doutrina”. O que Sartre disse e calou diante do stalinismo, e a ruptura de 1952 com Camus, ficam registrados da mesma forma, como biografia [tese a confirmar]. A *Crítica da razão dialética*, de Sartre, *O homem revoltado*, de Camus, e a culpa política e metafísica de Jaspers (ver 2.11) são a porta da casa para Marx: (k), o mal estrutural, segue aberta até o estudo de Marx; este estudo a registra e não a propõe de novo.

A mulher é dita por Beauvoir: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (*O segundo sexo*, t. II, 1.ª parte, cap. I) [V-fr; V-pt via secundária: Almeida; página a confirmar]. Ela diz do homem: “Ele é o Sujeito, ele é o Absoluto: ela é o Outro” (t. I, “Introdução”) [V-fr; tradução do estudo; página a confirmar], e termina o livro pedindo que

“homens e mulheres afirmem sem equívoco a sua fraternidade” (conclusão) [V-fr; tradução do estudo; página a confirmar].

A fronteira do escravo por natureza e da mulher é da série (decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI), e as decisões n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II e n.º 11 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV a estenderam à Stoa, ao cristianismo e ao Vedanta. Aqui o padrão muda de lado, porque a casa escreveu a crítica: Beauvoir fica do lado da disputa, e Heidegger em 1933, Sartre diante do stalinismo e Kierkegaard sobre a mulher são biografia, não doutrina [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (db)) se o padrão se estende ao existencialismo nesses termos.

Passa-se ao fecho (2.13).

2.13 O que o capítulo deixa ao leitor

Este capítulo expôs; as aproximações são do capítulo 3 e as separações do 3.

A casa é plural e a divisão passa pela origem: Kierkegaard crê, Sartre é ateu, Heidegger e Jaspers não decidem, e o cânon, pela letra da Independência confessional (ver 2.10), não decide por ninguém. A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.

Há palavras que enganam, porque a casa as usa num sentido e o cânon, quando as tem, em outro: “autenticidade” (*Eigentlichkeit*, que Heidegger não toma por valor moral), “angústia”, “absurdo”, “a gente”, “cuidado” (*Sorge*), “presença” e “disponibilidade”. “Repetição” em Kierkegaard, em Heidegger (*Ser e tempo*, §74) e na Regra de Vida (Cânon v1.2, “Regra de Vida”) são três homônimos. O estudo as distingue a cada passo.

Passa-se aos lugares em que a casa e o cânon se tocam (capítulo 3).

3 ONDE NOS TOCAMOS

Este capítulo reúne os lugares em que o existencialismo e o cânon trabalham na mesma oficina. Aproxima; quem separa é o capítulo 4. A letra da casa existencialista está no capítulo 2, e aqui entra só o fragmento, com a remissão; a do cânon vem por extenso. Nenhuma palavra da casa é nome da Lux, como a série não fez da mente luminosa nem do *logos* (decisões n.º 3 e n.º 4 de 03/11/2026 sobre os Estudos I e II), e vale a Independência confessional (ver 2.10).

3.1 “A gente” e a luz encoberta “por adaptação às expectativas alheias”

Heidegger e o cânon descrevem o mesmo lugar da vida: viver no modo dos outros.

Heidegger escreve que *das Man*, “a gente”, é “o Ninguém” a quem o *Dasein* (o ente que cada um de nós é) já se entregou no convívio (*Ser e tempo*, §27, p. 128 da edição alemã; ver 2.4).

O Tratado da Luz Interior diz o encobrimento sem o termo: a luz “pode estar plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”). As Meditações dão a cena do avesso: ao acordar, “por um instante, ainda não é ninguém — não é o cargo, não é a lista de mensagens não lidas […]. É só luz” (Meditações Práticas, “O Acender da manhã”).

O Estudo XIII, 5.6, deixou o “a gente” ao lado do “social” de Arendt como hipótese sua; a irreflexão é do Estudo XIII, 4.8, e a decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII diz que “o Examinar é o que a irreflexão dispensa”. Que o “a gente” e a irreflexão se toquem é [leitura do estudo].

O estudo lê que “a gente” e “adaptação às expectativas alheias” dizem o mesmo lugar da vida em duas casas, a aproximação de estrutura mais forte do capítulo [hipótese do estudo]. A Ficha dizia “a ferida do Pilar I”; a letra do encobrimento é a citada acima, e a “ferida” do Tratado é outra, a de quem mede o valor pelo desempenho (Tratado da Luz Interior, “O problema que responde”) [leitura do estudo]. O rio não é “a gente”: é “de todos e de ninguém” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”), e “de ninguém” não quer dizer “de quem chegar primeiro” (Tratado das Águas Comuns, “Definição”). O que fica debaixo do encobrimento é fronteira: em Heidegger, o poder-ser; no cânon, “a Lux é de alguém” (decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I; ver 4.1).

O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (ct)) se “a gente” se lê ao lado da luz encoberta “por adaptação às expectativas alheias”, e se a Ficha reescrita troca “a ferida do Pilar I” pela letra.

Da vida no modo dos outros passa-se à vida que representa um papel (3.2).

3.2 A má-fé e “eu sem a minha luz sou uma mentira”

Sartre descreve o modo de viver o que não se é, e o cânon tem uma frase para quem vai aonde a luz não está.

Sartre escreve, no capítulo da má-fé (*mauvaise foi*), que o garçom de café é garçom “no modo de ser o que não é” (*O ser e o nada*, I, 2, Barnes, p. 60; ver 2.4), e que nem a sinceridade escapa: “a estrutura essencial da sinceridade não difere da da má-fé” (Barnes, p. 65) [V-en: Barnes; tradução do estudo]. A “recuperação de si”, que ele chama autenticidade, fica sem descrição (Barnes, p. 70, nota 9; ver 2.4).

A Bússola responde: “a luz está lá? Posso estar lá inteiro, sem me trair? Se a resposta é não, não vou. Porque eu sem a minha luz sou uma mentira” (Cânon v1.2, “A Bússola”). O Catecismo dá a razão: “ir aonde a luz não está exige apagá-la, e quem a apaga passa a viver o que não é” (Catecismo, 25). “Mentira”, aqui, é o que sou sem a luz, e não a que digo a outrem; Sartre faz o mesmo deslocamento, pois a má-fé é mentira a si mesmo, e “passa a viver o que não é” tem a forma de “no modo de ser o que não é” [leitura do estudo].

A Ficha dizia “autenticidade” para a Bússola; a letra do cânon não a tem. A palavra é de Heidegger (*Eigentlichkeit*, que *Ser e tempo* não toma por valor moral; ver 2.2), e o cânon diz Integridade e “sem me trair”; a troca é pergunta da Ficha reescrita (ver 3.11). A fronteira é a de 3.1: a má-fé encobre, em Sartre, a liberdade sem natureza que a preceda; a Bússola protege uma luz de alguém (ver 4.1) [hipótese do estudo].

Do papel passa-se à coerência que se quer inteira (3.3).

3.3 “Querer uma só coisa” e a Integridade

Kierkegaard e o cânon pedem uma vida que seja a mesma por dentro e por fora.

Kierkegaard escreve, no discurso de 1847, que a pureza de coração é “querer uma só coisa”, e que a só coisa é o Bem, diante de Deus (SKS 8, 138; ver 2.5). O contrário é o duplo ânimo (*Tvesindethed*). O Estudo VII, 4.5, leu o palácio e o celeiro, de Anti-Climacus, como o que “a integridade pede”.

A letra do cânon é a Virtude do Pilar I: “Integridade: coerência entre o que se é por dentro e o que se vive por fora” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I), e a Bússola pergunta se se pode estar lá “inteiro” (ver 3.2). O cânon diz que “a pergunta decisiva é uma só” (Cânon v1.2, “A Bússola”) e manda definir “a única coisa que hoje não pode ficar sem luz” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”, Manhã). Nenhuma das duas frases é “querer uma só coisa”: uma conta as perguntas, a outra escolhe a tarefa do dia [leitura do estudo].

A Ficha chamava Kierkegaard de ponte; a ponte, pela letra, é entre o querer inteiro de Kierkegaard e a Integridade [leitura do estudo]. A fronteira vem na mesma linha: em Kierkegaard a só coisa é o Bem diante de Deus, e o cânon não diz diante de quem se é inteiro (capítulo 4). O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (cu)) se “querer uma

só coisa” se lê ao lado da Integridade, com a fronteira “diante de Deus” × sem dizer diante de quem.

Do querer inteiro passa-se à escolha (3.4).

3.4 Escolher-se e a Bússola: “sem me trair”

A escolha está no centro do existencialismo e a decisão está no centro da Bússola, e as duas palavras não são a mesma.

Kierkegaard escreve que o eu “escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo” (*Ou–ou* II, SKS 3, 172–173; ver 2.5), e que o Ou–ou não é primeiro a escolha entre o Bem e o Mal, e sim o ato de se escolher (SKS 3) [V-da; paráfrase; página a confirmar]. Heidegger põe a mesma palavra entre aspas: o *Dasein* pode “escolher-se” ou perder-se (§9; ver 2.2). Sartre aconselha “escolha, isto é, invente” (*O existencialismo é um humanismo*, p. 46; ver 2.5).

A Arquitetura nomeia a Bússola “a decisão” e, entre os eixos dos elementos, “a escolha” (Cânon v1.2, “A Arquitetura”), mas “a Bússola não escolhe os caminhos por ninguém; ela apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los” (Cânon v1.2, “A Bússola”), e “a decisão é sempre de quem caminha” (Catecismo, 24). O veto é a própria Luz, sem voz externa (ver 3.5).

“Escolha” é homônimo: lá, escolhe-se o eu; aqui, a Bússola tira do caminho o que apagaria a luz [leitura do estudo]. Nos dois lados a decisão é de quem caminha e não se delega, e a fronteira é de função: o veto só veta (capítulo 4) [hipótese do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (cs)) se a fórmula do estudo, “o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção”, diz a escolha como lugar da pessoa, e não como função da Bússola.

Da escolha passa-se ao chamado que a acompanha (3.5).

3.5 A voz da consciência e o veto sem voz externa

Heidegger e a Bússola têm uma voz que não vem de fora.

Heidegger escreve que o chamado da consciência (§§54–60) “vem de mim e, contudo, sobre mim” (ver 2.5) e vem “contra a expectativa e até contra a vontade” (§57, p. 275 da edição alemã) [V-de; tradução do estudo].

No cânon, o veto é a própria Luz, “sem voz externa” (decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X), e a voz do outro “em mim” também (decisão n.º 5 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX); percebe o particular (decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI) e inclui as perspectivas dos outros (decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII). O *Gewissen* (“consciência”) é palavra de Heidegger, e o cânon não a toma como nome de coisa alguma: não é teísta, ateu nem agnóstico, pois para quem crê a Luz tem nome próprio, para quem

não crê é “a consciência mais funda, o verdadeiro em si”, e “a filosofia não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência confessional”; ver 2.10).

O estudo lê, nos dois lados, um chamado que é do próprio e que não é feito pelo próprio querer [hipótese do estudo]; a fronteira (o chamado convoca; o veto só veta) é do capítulo 4. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (cv)) se a voz da consciência se lê ao lado do veto, sem reabrir a decisão n.º 7 sobre o Estudo X nem a decisão n.º 7 de 04/11/2026 sobre o Estudo III, que leu a consciência como voz de Deus.

Da voz passa-se ao chão em que se está (3.6).

3.6 O estar-lançado, a circunstância e “ninguém começa do zero”

Heidegger, Sartre e Ortega põem a pessoa num mundo que ela não escolheu, e o Flumen diz o mesmo chão com outra palavra.

Heidegger escreve que “o puro ‘que é’ mostra-se; o de onde e o para onde permanecem na obscuridade” (*Ser e tempo*, §29, p. 134 da edição alemã) [V-de; tradução do estudo]. É a *Geworfenheit*, o “estar-lançado”. Sartre diz o homem condenado porque “não se criou a si mesmo” (ver 2.3), e Ortega, “eu sou eu e a minha circunstância” (ver 2.5). Heidegger acrescenta a herança: na repetição (*Wiederholung*) o *Dasein* “escolhe seu herói” (§74, p. 385 da edição alemã) [V-de; tradução do estudo].

O Pilar II diz: “Ninguém começa do zero. Somos herdeiros de gerações e civilizações inteiras — e ancestrais de quem virá” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II). O estudo lê o estar-lançado e “ninguém começa do zero” como a aproximação de estrutura mais forte, e a herança escolhida do §74 ao lado da Revisão do rio e do Legado [hipótese do estudo]. Ricoeur estranhou o silêncio de *Ser e tempo* sobre o nascimento (ver 5.3).

Dois homônimos. “Circunstância” no Pilar I é o que o valor não pressupõe (“anterior a qualquer conquista ou circunstância”, Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I; ver 4.1), e em Ortega é o que se salva [leitura do estudo]. “Repetição” é de Kierkegaard (*A repetição*: “recorda-se para a frente”, SKS 4, 9) [V-da; tradução do estudo], de Heidegger (§74) e das Meditações, onde “repetir” é a crítica da semana sempre igual (Meditações Práticas, “A mudança deliberada da semana”).

A fronteira está na letra: o “de onde” de Heidegger fica na obscuridade, e o cânon dá herdeiros e ancestrais no rio de todos; diante do pecado original, vale “culpa herdada × rio herdado” (decisão n.º 8 de 04/11/2026 sobre o Estudo III; ver 4.2). É do capítulo 4.

Do chão passa-se ao que nele não se pode mudar (3.7).

3.7 As situações-limite e “escuridões que nenhuma bússola veta”

Jaspers e a Vigília começam do mesmo ponto: há o que não se escolhe e de que não se sai.

Jaspers escreve que as situações-limite (*Grenzsituationen*) são “situações além das quais não podemos ir” (*Introdução à filosofia*, p. 18; ver 2.6). Elas mostram “o naufrágio” (*Scheitern*, p. 19; ver 2.6).

A Vigília diz: “há escuridões que nenhuma bússola veta: a perda, a doença, o acaso que desaba”; diante delas “a luz não promete o amanhecer nem finge que não é noite”, e “a Vigília promete presença, não vitória”. A noite, nessa letra, “é o mal que ninguém causou” (Cânon v1.2, “A Vigília”). “Situações além das quais não podemos ir” e “escuridões que nenhuma bússola veta” descrevem o que não se escolhe e não se evita [hipótese do estudo]. O Estudo IX, 5.5, escreveu que as situações-limite tocam a Vigília “na medida em que sejam noite” e que a culpa pertence ao lado do lobo; a fronteira entre noite e lobo passa pelo ato, não pela pessoa (decisão n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX).

A fronteira é central e é do capítulo 4: Jaspers lê no naufrágio o caminho para o ser e a cifra da transcendência (ver 2.6, 2.10); a Vigília não explica nem promete acesso a nada. A morte, que Jaspers conta na lista, a letra do cânon não nomeia (Estudo IX, 5.5). O resto é do Estudo XIV.

Da noite não escolhida passa-se à que se aguenta sem fim à vista (3.8).

3.8 Sísifo feliz e “uma luz acesa dentro da noite”

Camus e o cânon recusam, cada um por seu caminho, que o fim decida o valor do que se faz.

Camus escreve que o absurdo nasce do confronto entre o apelo humano e “o silêncio desarrazoado do mundo” (*O mito de Sísifo*, “Os muros absurdos”, p. 45; ver 2.7), e fecha o ensaio com Sísifo: “A própria luta rumo aos cumes basta” (p. 168; ver 2.7).

O Tratado da Vigília responde à pergunta “se a noite não tem sentido, a luz que nela vela não seria ilusão?” com: “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer” (Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve”). A resposta é a que o fundador adotou para a segunda pergunta da série, “o que há no fundo da noite?” (decisão n.º 2 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII). “A luta basta” e “não precisa do fim para valer” recusam, com palavras diferentes, que o desfecho decida [hipótese do estudo].

A fronteira é de fundamento: Camus funda a felicidade de Sísifo na revolta e na consciência lúcida de um mundo calado; o cânon, na luz de alguém e no rio [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (cw)) se as situações-limite (3.7) e Sísifo feliz se leem ao lado de “há escuridões que nenhuma bússola veta” e de “uma luz acesa dentro da noite”, com as fronteiras ditas e a parte de Jaspers para o XIV.

Da luz que não precisa do fim passa-se a quem a leva a outros (3.9).

3.9 A peste e o Abrigo

Rieux e Tarrou fazem o que o Abrigo pede a quem vive o Lumen Fluens.

Camus escreve, em *A peste*, que “trata-se de honestidade”, que no caso de Rieux “consiste em fazer o meu ofício” (p. 170; ver 2.7). Tarrou pergunta: “Pode-se ser um santo sem Deus?”, e Rieux responde que o que lhe interessa é “ser homem” (p. 256) [V-fr; tradução do estudo].

O Abrigo diz: “Sê casa para o outro” e “lugar seguro no rio: braços onde o cansado descansa, casa para quem está cansado de estar só” (Cânon v1.2, “O Abrigo”). Nos dois lados a luz é para os outros e se prova no ofício comum, não no heroísmo [hipótese do estudo]. Rieux luta contra um mal que, pela distinção do cânon, seria noite, diante da qual se vela (Cânon v1.2, “A Vigília”); que ele “vele” a cidade é leitura do estudo, pois “velar” não é termo de Camus [leitura do estudo].

A fronteira é dupla e fica para o capítulo 4: Tarrou pergunta pela santidade sem Deus, e o cânon não responde por ninguém, pois não é teísta, ateu nem agnóstico (Independência confessional; ver 2.10); e o Abrigo tem limite, que é a Bússola.

Do ofício comum passa-se ao limite do Abrigo (3.10).

3.10 A solicitude que “salta adiante” e o Abrigo com limite

Heidegger tem, no §26, uma letra que toca, em outra direção, o limite que o fundador fixou para o Abrigo.

Heidegger distingue duas solicitudes (*Fürsorge*): a que pode “saltar em seu lugar” (*einspringen*) e tirar do outro o “cuidado” (*Sorge*), e a que “salta adiante” (*vorausspringen*) e o devolve (§26, p. 122 da edição alemã; ver 2.8).

O fundador decidiu: “O Abrigo não vai até a substituição. O limite é a Bússola: ser casa para o outro nunca pede que a luz própria se apague” (decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII); e “o olhar do outro apenas vê”, o Abrigo “revela e nada exige” (decisão n.º 3 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII). A letra de Heidegger toca, em outra direção, o que a decisão n.º 4 fixou: quem salta em seu lugar toma o cuidado do outro, e quem salta adiante o devolve; a aproximação é [leitura do estudo]. “Cuidado” (*Sorge*) é palavra de Heidegger, e o cânon não a usa nesse sentido; o Portar, “levar consigo, como mensagem” (Catecismo, 14), é outra coisa.

O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (cy)) se a solicitude do §26 se lê ao lado do Abrigo com o limite da Bússola, e se “o inferno são os outros” entra na Ficha como fronteira, com a correção de Sartre (ver 2.8).

Da solicitude passa-se ao nós (3.11).

3.11 “Eu me revolto, logo somos” e “ninguém navega um rio privado”

Camus, Sartre e Jaspers tiram um nós de quem se escolhe ou se revolta, e o cânon começa pelo nós que já há.

Camus tira o nós da revolta: “Eu me revolto, logo somos” (*O homem revoltado*, p. 38; ver 2.7). Sartre o tira da escolha que se dá por todos: “escolhendo-me, escolho o homem” (ver 2.5). Jaspers, da comunicação: “A verdade começa a dois” (ver 2.8).

As Águas Comuns dizem: “Ninguém navega um rio privado”; “devo ao rio o próprio fluxo”; “a luz é pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”). O Tratado das Águas Comuns toma de Buber o encontro, “toda vida atual é encontro” (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”). Nos dois lados a pessoa isolada é recusada e o nós é condição, não soma [hipótese do estudo]. A frase da Ficha sobre o rio é medida em 3.8.

A fronteira é de origem do nós: nos dois lados ele nasce de um ato, o de revoltar-se ou o de escolher; no cânon, é o rio já dado e devido [leitura do estudo]. E a casa está dividida sobre a natureza: Camus a afirma (“uma natureza humana”; ver 2.2), Sartre a nega (“não há natureza humana”; ver 2.2). Que o valor camusiano que “preexiste a toda ação” (ver 2.7) toque a Lux, dada antes de qualquer conquista, é [hipótese do estudo], sem que a revolta seja nome da Luz.

O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (da)) se a Ficha reescrita troca “autenticidade” e “o rio não é indiferente” pela letra do cânon, e se “eu me revolto, logo somos” entra como porta, sem ponte.

Do nós passa-se ao corpo que o carrega (3.12).

3.12 “Eu sou meu corpo” e o Corpus

Merleau-Ponty e o Corpus dizem que o corpo não é um obstáculo; a palavra de Marcel pede cautela.

Merleau-Ponty escreve que o corpo é “nosso meio geral de ter um mundo” (*Fenomenologia da percepção*, Smith, pp. 145–146; ver 2.9) e que “eu sou meu corpo” (Smith, pp. 197–198) [V-en: Smith; tradução do estudo]. Em Marcel a mesma frase não é tese lisa: o corpo é o ter-tipo, e dizê-la é “emitir um juízo negativo” (ver 2.9).

O Pilar IV diz: “A transcendência passa pela matéria. O corpo, o lugar, o ritmo — os ‘tijolos do templo’ — não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento”, e a Presença é “estar inteiro onde o corpo está” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV). O fundador decidiu “só templo”: o corpo não encobre a luz (decisão n.º 6 de 23/10/2026 sobre o Estudo X), e pôs *A cidade de Deus*, XIV, 3, como aliado do Corpus (decisão n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII). A aproximação é a mais forte da série sobre o corpo depois do Estudo XII [hipótese do estudo]. “Presença” é homônimo triplo: a Virtude do Pilar IV, a presença de Marcel e a *Präsenz* (“presença”) de Heidegger.

A fronteira é a palavra “instrumento”, medida em 4.11; que Marcel a recuse é [hipótese do estudo], sem aspas dele.

Do corpo passa-se a uma palavra que os dois lados dizem igual (3.13).

3.13 A *disponibilité* e a Disponibilidade

Marcel e o Pilar III usam a mesma palavra, e o estudo registra o homônimo sem medi-lo.

Marcel escreve que a *disponibilité* (“disponibilidade”) é a da alma que reconhece que “não se pertence” (*Position et approches concrètes du mystère ontologique*, p. 87; ver 2.11). Ricoeur lê a fidelidade como aberta à expectativa de outro: “Gabriel Marcel dá a essa fidelidade o nome de disponibilidade” (*O si-mesmo como um outro*, edição espanhola, pp. 292–293) [V-es via secundária: Estudo IX, 4.2].

O Pilar III diz: “Disponibilidade: prontidão interior para o novo, sem apego ansioso ao que passa” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III). Em Marcel a disponibilidade é a de quem sabe que não se pertence; em Ricoeur, a que responde à expectativa de outro; a do cânon é prontidão diante da mudança que o rio traz. O Estudo IX, 4.2 e 6.5, já registrou a coincidência de vocabulário, sem ponte; a direção difere, do outro ao novo, e a medição é do Estudo XIV [leitura do estudo].

O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (cz)) se “eu sou meu corpo” se lê ao lado do Corpus, com “instrumento” como homônimo, e se a *disponibilité* se registra como homônimo da Disponibilidade, com a medição deixada ao Estudo XIV.

Da palavra comum passa-se à aliada que a série encontra do lado de cá (3.14).

3.14 Beauvoir e a fronteira da série do lado de cá

Diante do existencialismo, a fronteira que a série fixou para os clássicos tem aliada e não adversária.

Beauvoir escreve que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (*O segundo sexo*, t. II, 1.ª parte, cap. I; ver 2.12) e que “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade” [V-fr; V-pt via secundária: Almeida; página a confirmar].

A fronteira da série nasceu do escravo por natureza e da mulher em Aristóteles (decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI), diz-se “nenhuma pessoa está fora da Lux” (decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII) e se estendeu à Stoa, ao cristianismo e ao Vedanta (decisões n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II e n.º 11 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV). O estudo lê que “nenhum destino […] define a forma” e o valor “anterior a qualquer conquista ou circunstância” (Pilar I; ver 4.1) recusam, por palavras diferentes, que a condição decida quem alguém é [hipótese do estudo]; Beauvoir o diz pela civilização, o cânon pelo valor, e a diferença é do capítulo 4.

O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (db)) se o padrão se estende ao existencialismo, com Beauvoir do lado da disputa e a biografia da casa (Heidegger em 1933, Sartre e o stalinismo, Kierkegaard sobre a mulher) registrada como biografia, e não como doutrina (ver 2.12).

Do que a casa e o cânon têm em comum passa-se ao que os separa (capítulo 4).

4 ONDE NOS SEPARAMOS

O capítulo 3 mostrou onde a letra do cânon e a da casa existencialista se tocam; este mostra onde se separam, sem diminuir nenhuma das duas. A casa é a mais dividida da série sobre a origem, e por isso cada frase leva o nome de quem a escreve. Deus, o nada, o ser e a transcendência entram na voz de quem os diz, como material; o cânon não é teísta, ateu nem agnóstico, e o diz pela letra da Independência confessional (ver 2.10). Marcel e Jaspers entram pelo essencial, e a medição é do Estudo XIV; Arendt e Heidegger foram o Estudo XIII, e Levinas contra Heidegger e Sartre foi o VIII: citam-se, não se refazem.

4.1 Inventar-se e revelar-se

A Ficha punha a fronteira central em uma linha; a primeira metade é letra de Sartre e a segunda não é letra do cânon.

A Ficha de outubro dizia: “para Sartre a existência precede a essência; para nós a luz precede a existência vivida” [Ficha, não cânon]. A fronteira pode ser dita com as palavras que a letra tem dos dois lados.

Sartre escreve, em 1945, que os existencialistas têm em comum “que a existência precede a essência” (*O existencialismo é um humanismo*, p. 17; ver 2.2) [V-fr; V-pt: Guedes]: o homem “existe primeiro, encontra-se, surge no mundo, e se define depois” (p. 21) [V-fr; tradução do estudo]. O verbo que sustenta tudo é *inventar*: o homem, “sem apoio e sem ajuda, está condenado a cada instante a inventar o homem” (p. 38) [V-fr; V-pt: Guedes], e ao jovem dividido entre a mãe e a Resistência só se responde “escolha, isto é, invente” (p. 46; ver 2.5) [V-fr; V-pt: Guedes]. Sartre liga a falta de natureza à falta de um Deus que a pense (ver 2.2) [leitura do estudo].

O cânon não tem “existência” nem “essência” como termos da doutrina, e “inventar” e “invenção” não ocorrem. O Pilar I diz: “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância. A luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I). O Tratado da Luz Interior dá a razão do verbo: “Acender supõe ausência prévia, um vazio que precisa ser preenchido por mérito, esforço ou reconhecimento externo. Revelar supõe presença anterior a qualquer olhar — inclusive ao olhar de quem a possui” (“Definição”). Para Sartre o homem se define depois de existir; para o Tratado, o valor não espera definição alguma e é anterior a qualquer conquista [leitura do estudo].

A fronteira é delicada, porque o cânon diz menos do que a Ficha supunha: não diz que a existência precede a essência nem o contrário: diz que a luz é anterior a qualquer conquista ou circunstância [leitura do estudo]. O que o Tratado da Luz Interior nomeia, na “Fundamentação”, como o ponto comum das vozes que convoca é “a estrutura: há algo na pessoa anterior ao seu desempenho, e a tarefa da vida é reconhecê-lo, não fabricá-lo”; que

isso seja ou não uma natureza é [leitura do estudo]. E a Lux é de alguém (decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I: “a Lux é de alguém”).

Kierkegaard escreve que o eu “escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo” (*Ou–ou*, II, SKS 3, 172–173; ver 2.5) [V-da; tradução do estudo]. Camus escreve que a análise da revolta leva à suspeita de que “há uma natureza humana” (*O homem revoltado*, cap. “O homem revoltado”; ver 2.2) [V-fr via secundária; tradução do estudo; página a confirmar]. Marcel escreve que, “metafisicamente falando, não me pertenço” (*Da recusa à invocação*, p. 149) [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]. A fronteira de “invenção” vale em cheio diante de Sartre e muda de forma diante dos outros (4.15).

Da fronteira central passa-se ao que há debaixo da ferida que as duas casas dizem (4.2).

4.2 O que está debaixo da ferida

O capítulo 3 leu “a gente” e a luz encoberta “por adaptação às expectativas alheias” como a mesma ferida dita em duas casas; esta seção diz o que cada uma põe debaixo dela.

Heidegger escreve que “cada um é o outro e ninguém é ele mesmo”, e que o *das Man* (“a gente”) é o Ninguém a quem o *Dasein* (o ente que cada um de nós é) já sempre se entregou (*Ser e tempo*, §27, p. 128 da edição alemã; ver 2.4) [V-de; tradução do estudo]. O que ali se encobre é o poder-ser próprio, a *Eigentlichkeit* (“propriedade”), e não uma luz; a impropriedade não é um grau menor de ser, e a decadência não exprime avaliação negativa (ver 2.2, 2.4).

Em Sartre, a cena é a do garçom que joga a ser garçom (ver 2.4). Debaixo da má-fé está uma liberdade sem natureza, e a saída não é a sinceridade, cuja estrutura “não difere da da má-fé” (*O ser e o nada*, Barnes, p. 65; ver 3.2) [V-en: Barnes; tradução do estudo]; a “autenticidade” é só a recuperação de si, que Sartre não descreve (ver 2.4). No cânon, quem apaga a luz “passa a viver o que não é” (Catecismo, 25), e “eu sem a minha luz sou uma mentira” (Cânon v1.2, “A Bússola”; ver 3.2): a ferida é a mesma, e o que está debaixo dela não é [leitura do estudo].

O Tratado da Luz Interior diz a ferida assim: a luz “pode estar plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias” (“Objeção provável e resposta breve”). O Tratado das Águas Comuns nomeia a pessoa dissolvida no grupo: “É a correnteza que cobra” (“O problema que responde”). O rio não é “a gente” [leitura do estudo].

Kierkegaard põe outro fundo: a ferida é o desespero, e o desespero, “diante de Deus […] desesperadamente não querer ser si mesmo” (*A doença para a morte*, II, SKS 11, 191; ver 2.4) [V-da; tradução do estudo], é pecado; a cura é o eu que “repousa transparente no Poder que o pôs” (I, A, SKS 11, 164; ver 2.10) [V-da; tradução do estudo]. O cânon diz, em lugar de “pecado”, a luz encoberta, a noite e o lobo (decisão n.º 8 de 04/11/2026 sobre o

Estudo III: culpa herdada × rio herdado, a luz de cada um). Ele diz a luz “encoberta” e não diz diante de quem; a comparação com o ser-culpado de Heidegger (4.5) é [leitura do estudo].

Questão aberta (ct): “a gente” e a má-fé leem-se ao lado da luz encoberta “por adaptação às expectativas alheias”, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase (o que se encobre: em Heidegger, o poder-ser; em Sartre, a liberdade; no cânon, uma luz de alguém)? E a Ficha reescrita troca “a ferida do Pilar I” [Ficha, não cânon] pela letra do Tratado da Luz Interior, com o desespero como pecado diante de Deus × a luz encoberta como fronteira? O estudo pergunta ao fundador. Se sim, o capítulo 6 as escreve; se não, ficam neste estudo.

Do que está debaixo da ferida passa-se ao que a casa põe no centro da cura (4.3).

4.3 A escolha no centro e a Bússola que só veta

A casa responde à ferida pela escolha; o cânon tem uma Bússola que só veta. A mesma palavra serve a funções diferentes.

Na casa, a escolha faz ou recebe o si mesmo. Kierkegaard escreve que o Ou–ou não é a escolha entre o Bem e o Mal, mas o ato de escolher-se (ver 3.4), e o *Dasein* pode “escolher-se” e também perder-se (ver 2.2). Jaspers escreve que “a simples escolha parece só uma escolha entre objetividades, mas a liberdade é a escolha de mim mesmo” (*Filosofia*, II, cap. VI) [V-es: Vela; tradução do estudo; página a confirmar]. Sartre faz da escolha a fonte do universal: “escolhendo-me, escolho o homem” (p. 27; ver 2.5) [V-fr; V-pt: Guedes].

O cânon tem a palavra: a Arquitetura chama a Bússola de “a decisão” e põe “a escolha” na lista do que os elementos dizem (Cânon v1.2, “A Arquitetura”), e a Disputatio diz que a Bússola “nasceu, de fato, na voz do agente — de quem escolhe onde não ir” (“Respondeo”). Mas a Bússola “não escolhe os caminhos por ninguém” e “apenas veta” (Cânon v1.2, “A Bússola”), e “a decisão é sempre de quem caminha” (Catecismo, 24; ver 3.4). O veto é a própria Luz na pessoa, sem voz externa, percebe o caso e inclui as perspectivas dos outros (ver 3.5).

A diferença é de função: na casa, a escolha faz ou recebe o si mesmo; no cânon, a decisão é de quem caminha, e o veto pressupõe que a luz já está lá. Que a escolha seja, por isso, o lugar da pessoa e não uma função da Bússola é [leitura do estudo]. O universal, em Sartre, nasce da escolha; “ninguém navega um rio privado” (ver 3.11) diz o rio como lugar de todos, e não como efeito de um ato [leitura do estudo].

Da escolha passa-se ao que se quer ao escolher: uma só coisa (4.4).

4.4 Querer uma só coisa: diante de quem

A Ficha chamou Kierkegaard de “a ponte”. A ponte é entre o discurso de 1847 e a Integridade, e a fronteira está no “diante de quem”.

Kierkegaard escreve que “a pureza de coração é querer uma só coisa” (*Discursos edificantes em diversos espíritos*, SKS 8, 138; ver 2.5) [V-da; tradução do estudo]. O argumento é que só o Bem é uno em sua essência, e a alternativa é o duplo ânimo (ver 2.5). O cânon tem a Integridade, “coerência entre o que se é por dentro e o que se vive por fora” (ver 3.3), e o Catecismo, 8, a diz pelo contrário: “Quem diz uma coisa e vive outra vive dividido”. Dividido e duplo ânimo são a mesma ferida [leitura do estudo].

A fronteira vem do que a só coisa é. Em Kierkegaard, é o Bem, e o Bem de que o discurso fala é o Bem diante de Deus [leitura do estudo]. Na Integridade, a medida é “sem me trair” (Cânon v1.2, “A Bússola”; ver 3.2), e a letra não diz diante de quem se está inteiro. A decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X foi tomada sobre Platão; que valha para o Bem de Kierkegaard é [leitura do estudo]. Dois homônimos pedem aviso: “a pergunta decisiva é uma só” (Cânon v1.2, “A Bússola”) e “a única coisa que hoje não pode ficar sem luz” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”) falam de um caminho e de um dia, não do coração inteiro (ver 3.3).

Questão aberta (cu): “querer uma só coisa” lê-se ao lado da Integridade e do “vive dividido” (Catecismo, 8), como leitura, com a fronteira dita na mesma frase (o Bem diante de Deus × a Integridade, que não diz diante de quem)? E “a pergunta decisiva é uma só” e “a única coisa que hoje não pode ficar sem luz” ficam declaradas homônimas, sem ponte? O estudo pergunta ao fundador. Se sim, o capítulo 6 as registra; se não, ficam neste estudo.

Da só coisa passa-se à voz que a chama, a consciência (4.5).

4.5 A voz da consciência e o veto

Heidegger e a Bússola têm em comum uma instância sem voz externa; o que ela faz e quem a diz as separa.

Heidegger escreve que “o chamado vem de mim e, contudo, sobre mim” (*Ser e tempo*, §57, p. 275 da edição alemã; ver 2.5) [V-de; tradução do estudo]. O chamado leva ao ser-culpado mais próprio, que não é culpa moral, e à resolução (§60; ver 2.5); o sujeito de “chama” é um *Es* (“algo”) impessoal. Newman e o Concílio leem a mesma instância como voz de Deus, e a Ficha do Estudo III já registrou a fronteira (decisão n.º 7 de 04/11/2026 sobre o Estudo III): a Bússola “apenas veta”, e o veto é “a própria Luz na pessoa, sem voz externa” (decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X; ver 3.5).

A Bússola traz uma pergunta em primeira pessoa, “a luz está lá?”, e um veto (ver 3.2). O cânon não toma o *Gewissen* (“consciência”) como nome de coisa alguma: “a filosofia não decide isso por ninguém”, e o cânon não é teísta, ateu nem agnóstico (Cânon v1.2, “Independência confessional”). A fronteira passa por duas diferenças [hipótese do

estudo]. O chamado chama *a* algo (ao ser-culpado, à resolução); o veto só veta, e nada pede. E o chamador é impessoal e sem nome, ao passo que o veto é a Luz de quem caminha.

Questão aberta (cv): a voz da consciência de Heidegger (§§54–60) lê-se ao lado do veto da Bússola, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase (chama ao poder-ser e à culpa × só veta), sem reabrir a decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X nem a n.º 7 de 04/11/2026 sobre o Estudo III? O estudo pergunta ao fundador. Se sim, o capítulo 6 a registra; se não, fica neste estudo.

Da voz que chama passa-se ao afeto que a antecede, a angústia (4.6).

4.6 Angústia, situações-limite e Sísifo: a noite e a luz acesa

A casa faz do afeto sem objeto o lugar onde a liberdade aparece; o cânon dá à noite um sentido e uma luz acesa dentro dela.

Kierkegaard escreve que a angústia é “a vertigem da liberdade” (*O conceito de angústia*, II, §2, SKS 4, 365–366; ver 2.3) [V-da; tradução do estudo]. Heidegger escreve que aquilo diante de que se tem angústia é “o ser-no-mundo como tal” (*Ser e tempo*, §40, p. 186), e que o “de onde” e o “para onde” do *Dasein* ficam “no escuro” (§29, p. 134; ver 3.6) [V-de; tradução do estudo]. Jaspers escreve que as situações-limite são aquelas “além das quais não podemos ir” e que no naufrágio (*Scheitern*) delas se ganha “o caminho para o ser” (*Introdução à filosofia*, pp. 18–19; ver 2.6) [V-de; tradução do estudo]. Camus escreve que é preciso imaginar Sísifo feliz (*O mito de Sísifo*, p. 168; ver 2.7) [V-fr; tradução do estudo].

O cânon não tem “angústia”. Tem a noite, e a define pelo que não depende de escolha: “há escuridões que nenhuma bússola veta: a perda, a doença, o acaso que desaba” e “a noite é o mal que ninguém causou” (Cânon v1.2, “A Vigília”; ver 3.7). Tem também a luz que se acende dentro dela: a Vigília é “uma luz acesa dentro da noite” que “não precisa do fim para valer” (Tratado da Vigília; ver 3.8). A “ansiedade sem fundo” do Tratado da Luz Interior é a de quem mede o valor pelo desempenho (“O problema que responde”), outro objeto. E o cânon recusa a primeira resposta que falha, a que diz que a noite “tem um sentido” (Tratado da Vigília); a decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II fixou que “o cânon não diz que a noite é prova”.

As fronteiras são três [hipótese do estudo]. A vertigem da liberdade nasce de uma possibilidade aberta ao eu; a noite vem sem convite. O naufrágio ensina e é lido como caminho; a noite não ensina, e a Vigília é presença. A revolta lúcida de Sísifo é de um só diante do rochedo; a luz acesa é de alguém no rio de todos. A parte fina de Jaspers fica para o Estudo XIV.

Questão aberta (cw): a angústia (Kierkegaard, Heidegger), as situações-limite (Jaspers) e Sísifo (Camus) leem-se ao lado de “há escuridões que nenhuma bússola veta” e

de “uma luz acesa dentro da noite” (ver 3.7, 3.8), como leituras, com as fronteiras ditas na mesma frase (vertigem da liberdade × noite não escolhida; naufrágio × presença; revolta lúcida × luz de alguém no rio de todos)? O estudo pergunta ao fundador. Se sim, o capítulo 6 as registra; se não, ficam neste estudo.

Da noite passa-se ao que a casa põe diante dela, a morte (4.7).

4.7 A morte e a vigília

A casa faz da morte o lugar do que ninguém pode delegar; o cânon faz da noite o lugar de uma presença.

Heidegger escreve que “ninguém pode tirar do outro o seu morrer” (§47, p. 240) e que a morte é a possibilidade mais própria, irrelativa e insuperável do *Dasein* (*Ser e tempo*, §52, pp. 258–259), e que a antecipação dela é o ser-para-a-morte (ver 2.6) [V-de; tradução do estudo]. Em Jaspers, a morte é situação-limite (ver 2.6). Levinas e Ricoeur discutem a mesma ideia em direções contrárias (ver 5.2, 5.3).

No cânon, a palavra é “mortos”, e é da decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX: os mortos estão na letra do rio como parte dele. “Morte” e “morrer” não ocorrem como termo do cânon, e nada se diz do depois. A Vigília diz a presença: velar é ficar com quem está na noite, sem explicar, sem sair (Tratado da Vigília; decisão n.º 2 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII).

A fronteira não está no Estudo XIII, 5.6, nem em estudo anterior; é deste estudo [hipótese do estudo]. Ela é dupla. Em Heidegger, a morte singulariza e ninguém a toma por outro; na Vigília, a noite não se vence, mas não se atravessa só. E Heidegger antecipa a morte como possibilidade, ao passo que a Vigília não antecipa nada e não anuncia nada. A natalidade (decisão n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII) não se reabre aqui.

Questão aberta (cx): o ser-para-a-morte de Heidegger lê-se ao lado de velar na noite, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase (a morte como o que ninguém delega × a noite como lugar de uma presença), sem dizer nada do depois? O estudo pergunta ao fundador. Se sim, o capítulo 6 a registra; se não, fica neste estudo.

Da morte passa-se ao que a casa chama de absurdo, e ao rio (4.8).

4.8 O absurdo e o rio

“Absurdo” é palavra da casa em três sentidos; o cânon não a tem, e tem “rio” onde Camus diz a revolta.

Camus escreve que o absurdo nasce do confronto entre o apelo humano e o silêncio desarrazoado do mundo (*O mito de Sísifo*, p. 45; ver 2.7) [V-fr via secundária; tradução do estudo]. Sartre escreve que “é absurdo que tenhamos nascido; é absurdo que morramos” (*O ser e o nada*, Barnes, pp. 479, 547; ver 2.7) [V-en: Barnes; tradução do estudo].

Kierkegaard escreve que Abraão crê “pelo absurdo” (*Temor e tremor*; ver 4.13) [V-da; tradução do estudo]. A palavra não ocorre no cânon.

A Ficha de outubro dizia: “o rio não é indiferente — é a companhia de todos que já atravessaram” [Ficha, não cânon]. A frase tem letra do cânon nos dois termos, mas não a mesma. A indiferença está na Disputatio: a objeção de que a Luz seria indiferente é respondida pela letra (Objeção III); a companhia está no Tratado das Águas Comuns (“Fundamentação”). A conclusão sobre o mundo de Camus é do estudo [leitura do estudo].

O cânon diz o rio pela letra: “ninguém começa do zero” (ver 3.6), “reconhecer-se pequeno no rio, mas parte dele” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II) e “ninguém navega um rio privado” (ver 3.11). A revolta de Camus é uma porta para isso (ver 2.7), com a solidariedade que ele mesmo extrai dela. O *amor fati* é de Nietzsche, e a decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo II o recusa como nome da Luz. O silêncio do mundo, em Camus, e o rio, que é de todos, não se contradizem nem se confundem [hipótese do estudo]. A questão do absurdo e do rio fica reunida em (cy), em 3.9.

Do absurdo e do rio passa-se ao outro, o inferno e a solicitude (4.9).

4.9 O outro: olhar, inferno e solicitude

Sartre diz o outro como olhar e Heidegger como solicitude; o Abrigo tem a letra e o limite.

Sartre põe na boca de Garcin que “o inferno são os outros” (*Entre quatro paredes*, p. 93; ver 2.8, via Longo) [V-fr via secundária: Longo; data a confirmar], e depois corrige a frase: se as relações com o outro são tortas, viciadas, então o outro só pode ser o inferno. O olhar do outro me torna objeto, e o que ele me revela é uma “queda original” (*O ser e o nada*, Barnes, pp. 288–289) [V-en: Barnes; tradução do estudo]. Heidegger escreve que a solicitude tem dois extremos: *einspringen* (“saltar por”), que toma o lugar do outro, e *vorausspringen* (“saltar adiante”), que o devolve a si (§26, p. 122 da edição alemã; ver 2.8) [V-de; tradução do estudo].

O cânon tem a letra do Abrigo e o limite dele. Na decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII, o Abrigo revela, não exige; nas n.º 3 e 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII (ver 2.10): “O olhar do outro apenas vê”, “o Abrigo revela e nada exige”, e “O Abrigo não vai até a substituição”, com a Bússola como limite. A fronteira com *einspringen* é [leitura do estudo]: o Abrigo não toma o lugar do outro.

Questão aberta (cy): o absurdo e o rio, o inferno e o olhar, a solicitude de Heidegger lêem-se ao lado do Abrigo e da letra do rio (ver 3.10, 3.11), como leitura, com a fronteira dita na mesma frase (o outro que objetiva, o que toma o lugar, o que devolve a si × o Abrigo que revela, nada exige e não substitui)? E o “absurdo” fica sem ponte, porque o cânon não o diz? O estudo pergunta ao fundador. Se sim, o capítulo 6 a registra; se não, fica neste estudo.

Do outro passa-se à esperança e à disponibilidade (4.10).

4.10 Esperar e estar disponível

Marcel e Jaspers dizem a esperança sem promessa; o cânon recusa a esperança como nome da Vigília.

Marcel escreve a esperança no plural: “espero em ti por nós” (*Homo viator*, p. 77; ver 2.11) [V via secundária: Pugeda; edição e localização a confirmar; tradução do estudo], e diz a *disponibilité* (“disponibilidade”) em *Position et approches concrètes du mystère ontologique*, p. 87 [V via secundária: Grassi]. Jaspers escreve que “a verdade começa a dois” (*Introdução à filosofia*, p. 94) e que “não existe liberdade isolada” (p. 88; ver 2.8) [V-de; tradução do estudo].

O Tratado da Vigília define, na “Definição”: “A Vigília não se chama resistência […]; nem esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete; nem consolo, quando consolar é explicar”. O que o cânon recusa ali é o nome, e o resto é [leitura do estudo]. A disponibilidade do cânon é “prontidão interior para o novo” (ver 3.13), homônima da de Marcel, sem ponte. E a luz acesa dentro da noite (ver 3.8) “não precisa do fim para valer” (Tratado da Vigília). A esperança de Marcel fala a um “tu”; a Vigília está com alguém numa noite sem promessa [hipótese do estudo].

Da esperança passa-se ao corpo (4.11).

4.11 O corpo e o instrumento

A casa diz o corpo como o que sou; o cânon diz os recursos como instrumento, e a letra não se toca.

O cânon diz dos recursos que “são seu instrumento” (ver 3.12). O Tratado da Luz Interior: o problema que responde é tratar o recurso “como instrumento, nunca como fim” (“O problema que responde”); o Tratado das Águas Comuns: o dissolvido “vê no rio um instrumento” (“O problema que responde”).

Merleau-Ponty escreve que “o corpo é nosso meio geral de ter um mundo” e “eu sou meu corpo” (*Fenomenologia da percepção*, Smith, pp. 145–146 e 197–198; ver 2.9) [V-en; tradução do estudo]. Marcel, lido por Grassi, faz do corpo o tipo do ter (*Ser e ter*, p. 237) [V via secundária: Grassi]. Zaner o lê como “protótipo do ter e da instrumentalidade” (*The Philosophy of Gabriel Marcel*, pp. 320–321; ver 3.12) [V-en via secundária: Grassi, 2008]. Que Marcel recuse “instrumento” é [hipótese do estudo], sem aspas dele: a frase “meu corpo não é meu instrumento” é [tese a confirmar].

A fronteira é [hipótese do estudo]: onde o cânon diz “instrumento”, diz-o dos recursos, e a casa diz “corpo” de quem se é; a medição é do Estudo XIV.

Questão aberta (cz): “eu sou meu corpo” (Merleau-Ponty; Marcel, com cautela) lê-se ao lado do Pilar IV, com o homônimo “instrumento” como [hipótese do estudo] (sem

aspas de Marcel), e a *disponibilité* fica registrada como homônima da Disponibilidade, sem ponte e com a medição no Estudo XIV? O estudo pergunta ao fundador. Se sim, o capítulo 6 a registra; se não, fica neste estudo.

Do corpo passa-se à letra da salvação e do salto (4.12).

4.12 O salto e a revelação

"Revelar" não é revelação religiosa, e o cânon não tem salto.

O Pilar I diz que a luz "se revela", e a Independência confessional diz que "a filosofia não decide isso por ninguém" (Cânon v1.2, "Independência confessional"): o verbo nomeia a luz que se mostra, não um dado de fé. A decisão n.º 9 de 04/11/2026 sobre o Estudo IV diz que o cânon "não tem mestre nem texto revelado"; que isso alcance o verbo do Pilar I é [leitura do estudo].

Kierkegaard conhece o movimento como *Springet* ("o salto"); "salto de fé" não se cita aqui como letra dele [tese a confirmar]. Camus lê o salto dos existentes como "suicídio filosófico" (*O mito de Sísifo*, p. 57; ver 2.7) [V-fr; tradução do estudo]. Unamuno escreve "criar, à força de fé" (*Do sentimento trágico da vida*, cap. III) [V-es; tradução do estudo; página a confirmar]. O cânon não tem salto, e a fronteira está no verbo: quem salta vai a algo que não tem; quem revela já tem [leitura do estudo].

Do salto passa-se à pergunta de Moriá (4.13).

4.13 Moriá

Temor e tremor é o texto em que a pergunta de Moriá fica aberta (j).

Kierkegaard pergunta, no Problema I, se há uma suspensão teleológica do ético (*Temor e tremor*, Problema I, SKS 4, 148), e põe o Singular acima do Universal (SKS 4, 155–156) [V-da; paráfrase; localização a confirmar]. Abraão crê "pelo absurdo" (*Temor e tremor*, "Stemning", Marinho p. 271) [V-da via secundária: Marinho; tradução do estudo], e o preceptor (*Rodemester*) aparece no prelúdio dos "Problemata", não como figura da regra do Problema I [paráfrase; localização a confirmar]. Sartre responde com o contraponto: "nada me designa para ser Abraão" (*O existencialismo é um humanismo*, pp. 30–31; ver 2.10) [V-fr; tradução do estudo].

O cânon diz: "A Bússola não escolhe os caminhos por ninguém; ela apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los" (Cânon v1.2, "A Bússola"; ver 3.4), e o veto é a própria Luz, sem voz externa (decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X; ver 3.5).

Questão aberta (j), herdada do Estudo VII, 5.1: "Se o Singular está acima do Universal, como lê *Temor e tremor*, a Bússola vetaria o monte Moriá? A pergunta é sobre essa leitura, não sobre o relato." O estudo pergunta ao fundador se (j) recebe aqui uma leitura, a de que a Bússola "apenas veta os que exigiriam apagar a luz" e o veto é a própria Luz, sem voz externa, ou se segue aberta. Não decide e não reescreve a pergunta. [Decidida

pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 9): (j) fica registrada com a leitura do estudo adotada: o veto é a própria Luz, sem voz externa.]

Da pergunta de Moriá passa-se ao que a casa deixou dito (4.14).

4.14 A casa dividida: política e mulheres

O capítulo registra a política e as mulheres como biografia ou obra, sem defender nem acusar.

Heidegger aderiu à política de 1933 [paráfrase; Safranski, página a confirmar]. Sartre ligou-se ao marxismo e, por um período, ao comunismo soviético [paráfrase; localização a confirmar], e a *Crítica da razão dialética* é a porta de Marx; Camus rompeu com ele em 1952 [tese a confirmar]. Kierkegaard escreveu sobre as mulheres de um modo que o estudo apenas anota como biografia [paráfrase; localização a confirmar]. Do outro lado, Beauvoir escreve que "não se nasce mulher: torna-se" (*O segundo sexo*, II, 1.ª parte, cap. I; ver 2.12) [V-fr; V-pt]. É a crítica da casa à própria casa. A fronteira do escravo por natureza e da mulher é da série, não deste estudo (decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI).

Questão aberta (db): o estudo estende o padrão da série (a obra lida, a biografia anotada) ao caso de Heidegger em 1933, de Sartre diante do stalinismo e de Kierkegaard sobre as mulheres, com Beauvoir do lado disputado, sem defender nem acusar ninguém? O estudo pergunta ao fundador. Se sim, os capítulos 2 e 6 o escrevem do mesmo modo; se não, ele indica o ponto.

Questão aberta (g), herdada: a justiça devida ao lobo (decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II; decisão n.º 12 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV) tem do lado da casa a "medida" de Camus, tirada de *O homem revoltado* [paráfrase], e *A questão da culpa* de Jaspers. A matéria vai ao tratado da justiça, e o estudo não a reabre (ver 7.3).

Questão aberta (k), herdada: a porta para Marx fica registrada em Sartre (*Crítica da razão dialética*), em Camus (*O homem revoltado*) e em Jaspers, que escreve a culpa política e metafísica, "a falta da solidariedade absoluta com o homem como homem" (*A questão da culpa*, p. 64; ver 2.11) [V-de; tradução do estudo]. (k) segue aberta até o estudo de Marx (ver 7.3).

Da casa dividida passa-se à fórmula (4.15).

4.15 A Ficha corrigida e a fórmula

A Ficha de outubro põe cinco frases; a letra do cânon e a dos autores medem cada uma.

"Contra a vida por papéis: a má-fé (Sartre) e o 'a gente' (Heidegger) nomeiam a ferida do Pilar I." "Ferida" é letra do Tratado da Luz Interior, com outro conteúdo: fica leitura, com a fronteira (4.2). "Bússola e autenticidade: não ir aonde eu precisaria me trair."

“Autenticidade” é termo da casa; a letra do cânon é “sem me trair” (4.3). “Kierkegaard, a ponte: querer uma só coisa.” A ponte é a Integridade, com o “diante de quem” (4.4). “Invenção vs. revelação: para Sartre a existência precede a essência; para nós a luz precede a existência vivida.” A segunda metade não é letra do cânon; a letra é “anterior a qualquer conquista ou circunstância” (4.1). “Absurdo vs. pertencimento: o rio não é indiferente — é a companhia de todos que já atravessaram.” A letra do rio é “ninguém começa do zero” (4.8).

Quatro fórmulas competem para (cs), na forma da série (“aceita de X o A e recusa o B”, que recusa uma condição de que o valor da pessoa dependeria):

- “aceita a escolha e recusa a invenção”;
- “aceita a angústia e recusa o nada”;
- “aceita a ferida e recusa a solidão”;
- “aceita a pergunta e recusa o salto”.

O estudo propõe a primeira: “o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção”, com a glosa “a escolha como lugar da pessoa, não como função da Bússola” [leitura do estudo]. As razões são três. A escolha é palavra da casa e também do cânon (Cânon v1.2, “A Arquitetura”; “a decisão é sempre de quem caminha”, Catecismo, 24), e a glosa a põe como lugar da pessoa, não como função da Bússola, que só veta. A invenção que o cânon recusa é a condição de o que a pessoa é ou vale depender de ser inventada: “a luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I). E a fronteira muda de forma diante de Kierkegaard, para quem se escolhe diante de Deus, e diante de Camus, que afirma uma natureza humana, mas vale em cheio diante de Sartre.

Caem três. “Recusa o nada” nomearia a Luz por contraste: a decisão n.º 1 de 03/11/2026 sobre o Estudo II trata de “centelha nomeada”, e a extensão é [leitura do estudo]; tocaria ainda a n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII. “Aceita a ferida” apaga a fronteira que o capítulo traça (4.2), e “solidão” recusaria uma experiência, não uma condição. “Recusa o salto” desloca o eixo para Kierkegaard e deixa de fora Sartre e Camus.

Questão aberta (cs): a fórmula do Estudo V é “o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção”, com a glosa “a escolha como lugar da pessoa, não como função da Bússola”, e caem as outras três? A glosa lê a Arquitetura, que chama a Bússola de ‘a decisão’, e o Catecismo, 24, como uma só letra [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador, e só ele fixa a letra. [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 1): a fórmula está adotada, com a glosa; caem as outras três letras.]

Questão aberta (da): a Ficha V reescrita adota as cinco correções acima, com os toques e as fronteiras no modelo das Fichas I a IV? O estudo pergunta ao fundador. Se sim, o capítulo 6 a escreve; se não, a Ficha de outubro segue como está. [Decidida pelo fundador

em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 10): a Ficha V reescrita está aprovada, com as cinco correções.]

Do que se separa passa-se ao existencialismo diante das casas da série (capítulo 5).

5 O EXISTENCIALISMO DIANTE DAS CASAS DA SÉRIE

Os capítulos 3 e 4 põem o existencialismo diante do cânon; este o põe diante das casas que a série já visitou. Em cada seção diz-se o que o estudo anterior escreveu da casa existencialista, o que a tradição discute e o que o cânon responde, sempre pela seção em que aquele estudo o disse; o que este estudo acrescenta vai marcado. Marcel e Jaspers pertencem ao Estudo XIV e entram só como as casas os leram. As decisões do fundador citam-se pela data, pelo número e pelo estudo, e não se reabrem.

5.1 Hegel e Kierkegaard: contra o sistema

Hegel e Kierkegaard: o sistema é o alvo, e o Estudo VII, 4.5, já o disse.

Sobre os existencialistas Hegel nada diz: morreu em 1831, e o que escreveu serve de alvo. Para o Estudo VII, 4.5, o mais próximo em seu texto é a bela alma da *Fenomenologia do Espírito* (§658), que foge à realidade, e, no Prefácio, "O verdadeiro é o todo" (§20) [V via secundária: Estudo VII, 4.5]. Kierkegaard escreve, pelo pseudônimo Johannes Climacus, que "a) pode-se dar um sistema lógico; b) mas não se pode dar nenhum sistema da existência" (*Pós-escrito conclusivo não científico*, 1846) [V via secundária: Estudo VII, 4.5]; por Anti-Climacus retrata o pensador que ergue um palácio e mora no celeiro ao lado, sem nomear Hegel (*A doença para a morte*, 1849). Sartre aceita "a intuição genial de Hegel" de fazer o eu depender do outro, mas recusa o ponto de vista do Todo, "por princípio impossível" (*O ser e o nada*, 1943) [V via secundária: Estudo VII, 4.5; localização a confirmar].

A segunda frente é a fé. Kierkegaard escreve de Abraão que, "como o Singular, tornou-se mais alto que o Universal" (*Temor e tremor*, Problema I, SKS 4, 159; ver 2.10) [V-da; tradução do estudo], e, do discurso de 1847, que "querer uma só coisa é, portanto, querer o bem sem consideração pela recompensa" (*Discursos edificantes em diversos espíritos*; ver 2.5) [V via secundária: Estudo VII, 5.1].

Para o Estudo VII, os existencialistas são "aliados parciais": o palácio e o celeiro dizem o que a Integridade pede; a objeção ao Todo tem eco em "a luz é pessoal, nunca individual" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"), sem que o rio seja negado; e a bela alma lembra o aviso "uma filosofia que só protege a própria luz vira lamparina de museu" (Cânon v1.2, "O Abrigo").

Moriá é a pergunta do Estudo VII, 5.1: se o Singular está acima do Universal, a Bússola vetaria o monte Moriá, tal como *Temor e tremor* o lê? A pergunta é sobre essa leitura, não sobre o relato; a letra de Kierkegaard está em 2.10 e 3.13. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (j)) se (j) recebe aqui uma leitura, pois a Bússola "apenas veta os que exigiriam apagar a luz" (Cânon v1.2, "A Bússola") e o veto é a própria Luz, sem voz externa, ou se segue aberta.

Da casa que o existencialismo tem por alvo passa-se à que o lê de fora (5.2).

5.2 Levinas: contra Heidegger e Sartre

Levinas lê a casa de fora, e o Estudo VIII, 4.2, já a mediu; aqui só se recolhe.

Com Heidegger, Levinas discute o ser; com Sartre, a liberdade. Escreve: “A ontologia como filosofia primeira é uma filosofia do poder” (*Totalidade e Infinito*, p. 33), e “O *Dasein* em Heidegger nunca tem fome” (p. 134) [V via secundária: Estudo VIII, 4.2], sendo o *Dasein* o “ser-aí”, o ente que cada um de nós é. De Sartre: “O encontro com o Outro em Sartre ameaça minha liberdade e equivale à queda da minha liberdade sob o olhar de outra liberdade” (p. 303) [V via secundária: Estudo VIII, 4.2; tradução do estudo]. Em 1988, ao lembrar a autenticidade (*Eigentlichkeit*), e a morte própria, na qual “sem mais se dissolvem ou ‘saltam’ todas as ‘relações aos outros’”, exclama: “Temível autenticidade! O senhor vê o que eu recusaria” (“O outro, utopia e justiça”, *Entre nós*, pp. 289–290) [V via secundária: Estudo VIII, 4.2].

A Bússola, que “apenas veta” (ver 3.4), responde pelo VIII junto com o olhar do outro, que “não a fabrica, mas pode ser o primeiro a vê-la” (decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII: a Lux vem antes do Abrigo). O VIII tira disso duas coisas: Heidegger e Sartre falham, para Levinas, em lugares diferentes, e a leitura dele deixa de fora a ferida dos papéis que a Ficha valorizou.

O §26 não é tratado no Estudo VIII, 4.2. Lida ao lado da decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII (o Abrigo não vai até a substituição), a solicitude que “salta adiante” (*vorausspringen*, *Ser e tempo*, §26; ver 2.8) é letra do limite que ela fixou, em outra direção [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (cy)) se essa leitura vale.

Do outro que ameaça passa-se ao desvio que Ricoeur faz pela casa inteira (5.3).

5.3 Ricoeur: quatro lugares da casa

O Estudo IX, 4.2, leu a casa por Ricoeur em quatro lugares: a promessa, a culpa, a morte e o nada.

De Marcel, Ricoeur guarda a fidelidade aberta ao outro, a que dá o nome de “disponibilidade” (ver 3.13). De Jaspers guarda as situações-limite e a grade das quatro culpas, a criminal, a política, a moral e a “metafísica” (ver 5.13). De Heidegger contesta o fecho, não a análise: a morte é “a possibilidade mais própria, irrelativa, certa” (*Ser e tempo*, §52; ver 2.6). Ricoeur pergunta se não é “numa configuração ética, muito marcada por certo estoicismo, que a resolução diante da morte constitui a prova suprema de autenticidade” (*Tempo e narrativa* III, ed. pt., p. 115), opõe-lhe “uma celebração da vida de preferência a uma preparação para a morte” (p. 436) [V via secundária: Estudo IX, 4.2] e estranha “o silêncio de *Ser e tempo* sobre o fenômeno do nascimento” (*A memória, a*

história, o esquecimento, ed. fr., p. 465) [V via secundária: Estudo IX, 4.2; tradução do estudo].

Para o IX, “morte” e “morrer” não ocorrem em texto algum do cânon, dos escritos ou das decisões. O nascimento que Ricoeur opõe à resolução tem vizinhança visível com “ninguém começa do zero” (ver 3.6), e o IX não completa o que a letra cala; a “celebração da vida” de Ricoeur não é a Celebração Encarnada, o Corpus. A voz da consciência, que o IX, 3.3, mediu em Ricoeur, tem base herdada nas decisões n.º 5 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX (a voz do outro “em mim” é a própria Luz) e n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X (o veto da Bússola é a própria Luz, sem voz externa; ver 3.5); a letra de Heidegger sobre o chamado está em 3.5 e 4.5 (questão (cv)).

Da morte, que o cânon cala, passa-se a Sócrates, que a casa leu por Kierkegaard e Jaspers (5.4).

5.4 Sócrates e Platão: Kierkegaard e Jaspers

Da casa existencialista o Estudo X, 4.4, abriu dois autores que falam de Sócrates, ambos por intérprete.

Kierkegaard, lido por Utterback, aceita de Schleiermacher que Sócrates era o “fundador da dialética”, mas qualifica: introduziu só a “dialética negativa”, na forma da ironia. Foi Platão quem lhe deu “a Ideia”, e Sócrates teve “a ideia da dialética”, não “a dialética da Ideia” (*O conceito de ironia*) [V via secundária: Estudo X, 4.4; tradução do estudo]. Jaspers, na resenha de Quigley, põe Sócrates entre “os indivíduos paradigmáticos” e Platão entre “os pensadores seminais, dos quais só há três (Platão, Agostinho e Kant)” (*Os grandes filósofos*) [V via secundária: Estudo X, 4.4; tradução do estudo].

Para o Estudo X, se há um Sócrates na casa existencialista, é o que vive o que diz até o fim, o “indivíduo paradigmático” de Jaspers, e não o autor de uma Ideia. O cânon tem a Bússola (“eu sem a minha luz sou uma mentira”; Cânon v1.2, “A Bússola”; ver 3.2) e a Integridade, a “coerência” entre o dentro e o fora (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I; ver 3.3). Há um aviso de palavra: não se sabe se “indivíduo paradigmático” é termo de Jaspers ou do resenhista, e no cânon “o indivíduo define-se pelo que o separa” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”). O sinal de Sócrates, por fim, “fica em Platão”: a decisão n.º 7 sobre o Estudo X diz que o veto da Bússola é a própria Luz na pessoa, sem voz externa (ver 3.5).

Do Sócrates da casa passa-se ao Aristóteles que Heidegger lê para desmontá-lo (5.5).

5.5 Aristóteles: Heidegger desmonta, Kierkegaard discorda

A casa existencialista não tem um Aristóteles só, diz o Estudo XI, 5.4: Heidegger o lê para desmontá-lo, Kierkegaard para discordar dele, e de Jaspers o XI não recolheu letra.

Aristóteles diz que o tempo é “número do movimento segundo o antes e o depois” (*Física* IV, 11, 219b1–2) [V via secundária: Estudo XI, 5.4; tradução do estudo]. Heidegger escreve que o tratado de Aristóteles sobre o tempo “é a primeira interpretação detalhada desse fenômeno que chegou até nós” (*Ser e tempo*, §6) [V via secundária: Estudo XI, 5.4; tradução do estudo]. Kierkegaard, numa nota do “Interlúdio” das *Migalhas filosóficas*, diz que o erro de Aristóteles “está em começar pelo princípio de que tudo o que é necessário é possível” [V via secundária: Estudo XI, 5.4; tradução do estudo].

O Estudo XI responde pela Bússola (“eu sem a minha luz sou uma mentira”; ver 3.2). Quanto ao tempo, “número” não ocorre na letra do cânon, e o rio é lido como histórico e não cosmológico (Estudo X, 3.6): a medida do movimento, ponto de partida do tempo comum para Heidegger, não tem palavra correspondente. A decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI (a Bússola percebe o particular e veta; o veto não é cego) lê a Bússola ao lado da prudência de Aristóteles.

Da casa que pergunta pelo tempo passa-se à que o confessou (5.6).

5.6 Agostinho: o eu que se tornou problema

O existencialismo é a casa em que Agostinho foi lido como alguém que fala de si, e a letra vem sobretudo de Heidegger (Estudo XII, 5.5).

Agostinho conta, depois da morte do amigo, que se tornara “uma grande questão para mim mesmo” (*Confissões* IV, 4, 9) [V via secundária: Estudo XII, 5.5; página a confirmar], e a fórmula vem adiante: “tornei-me para mim mesmo um problema” (X, 33, 50) [V via secundária: Estudo XII, 5.5; localização a confirmar]. Heidegger leu essa fórmula no curso de verão de 1921; dela vêm o *curare*, o cuidado (*Sorge*), e a perda de si como *deformitas* (deformidade) e *defluxus* (deflúvio) [V via secundária: Santos]. Em *Ser e tempo* (§81, pp. 427–428), cita o livro XI: o tempo “não é outra coisa senão distensão; mas de que coisa, não sei, e será de admirar se não for do próprio espírito” (*Confissões* XI, 26, 33) [V via secundária: Estudo XII, 5.5; tradução do estudo].

Duas decisões de 31/10/2026 sobre o Estudo XII respondem. A n.º 1 aceita de Agostinho o dentro, que é o que se busca e já está lá antes de toda busca, e recusa a exceção, a graça dada a alguns. A n.º 5 põe a *consuetudo*, o hábito que acorrenta, ao lado do “por hábito” do Tratado da Luz Interior (“Objeção provável e resposta breve”). O *curare* de que Heidegger tira o cuidado não é o Portar, “levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz” (Catecismo, 14), e o cânon não usa “cuidado” em sentido heideggeriano [leitura do estudo].

Do eu que olha para si mesmo passa-se a quem olha para o outro (5.7).

5.7 Arendt: a filha da casa

Arendt é filha desta casa e não fala dela como estranha (Estudo XIII, 5.6).

De Heidegger ela escreveu aos oitenta anos que ele e Platão, ao entrarem nos assuntos humanos, voltaram-se para tiranos e Führers (“Martin Heidegger faz oitenta anos”) [V via secundária: Estudo XIII, 5.6; paráfrase]. A biografia não é doutrina, e o cânon não se lê aqui pela vida de ninguém. Jaspers é a figura oposta: Arendt o diz *humanitas* na *laudatio* e dele tira a mentalidade alargada, pensar no lugar de todos os outros [V via secundária: Estudo XIII, 5.6; paráfrase; localização a confirmar]; é porta do Estudo XIV.

Três decisões de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII respondem. A n.º 6 diz que a mentalidade alargada cabe na Bússola, cujo caso percebido inclui as perspectivas dos outros, e que o veto continua sem voz externa (ver 3.5). A n.º 2 lê a natalidade ao lado do Flumen e do recém-nascido do Catecismo, como leitura e não como glossário. A n.º 7 faz da irreflexão figura do lobo “com ou sem intenção” (Tratado da Vigília, “Definição”), como leitura, ao lado do Catecismo, 35. A fronteira “ser-para-a-morte × velar com alguém” é deste estudo (ver 4.7) [hipótese do estudo]; o estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (cx)) se a Ficha reescrita a registra.

Do outro passa-se à Stoa (5.8).

5.8 A Stoa: o papel e o destino

O Estudo II, 5.7, lê a Stoa de dentro do cristianismo e de fora dele, e o existencialismo entra por Ricoeur.

Ricoeur lê em Heidegger um certo estoicismo na resolução diante da morte (ver 5.3); a “celebração da vida” que ele opõe é dele, e não da Stoa. A aproximação é do estudo: Epicteto diz que o papel é dado por outro, “interpretar belamente o papel que te é dado — mas escolhê-lo, cabe a outro” (*Encheirídion*, 17) [V via secundária: Estudo II, 2.5; V-pt: Dinucci–Julien], e Sartre analisa o garçom que representa ser garçom (*O ser e o nada*, I, 2; ver 2.4). A distância entre aceitar o papel e fingir ser o papel é [leitura do estudo].

Nietzsche é quem mais separa: o *amor fati* é dele (ver 2.1), e a Stoa diz consentir. O cânon responde pela decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo II: o *amor fati* sai da Ficha, “consentir ao destino” entra, e a fronteira vem no verbo, a Stoa consente, o cânon porta. Segundo o Estudo II, o par de Nietzsche, suportar e amar, não é o do cânon, suportar e portar (Catecismo, 14; ver 5.6).

Do destino passa-se à casa que fala do Nada (5.9).

5.9 O budismo e Heidegger: o Nada e a noite, sem relação

Heidegger é a casa em que a tradição conta um encontro com o Japão, e quase tudo o que se conta vem marcado como tese a confirmar (Estudo I, 5.6).

Nishitani estudou com Heidegger entre 1937 e 1939, e Heidegger “o convidava com frequência à sua casa para aprender sobre o Zen” [V via secundária: Estudo I, 5.6; tradução do estudo]. O budismo responde por dentro, e a resposta é uma disputa: Dōgen diz que

estudar a si mesmo é “esquecer-se de si” (*Genjōkōan*) [V via secundária: Estudo I, 5.6; tradução do estudo], e o budismo crítico de Hakamaya e Matsumoto nega que a escola de Kyoto seja budismo.

O único “vazio” doutrinal da letra do cânon é o que o Tratado da Luz Interior recusa, “vazio que precisa ser preenchido” (“Definição”), e a letra não o liga ao Nada de Kyoto (Estudo I, 5.6). O Nada de Heidegger e a noite do Tratado da Vigília, “o mal que ninguém causou” (“Definição”), também não têm relação na letra, e o estudo não as aproxima. Pela decisão n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I, “o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite”; pela n.º 3 da mesma data, “a Lux é de alguém”.

Do Zen passa-se ao cristianismo (5.10).

5.10 O cristianismo: Kierkegaard, apontado

Do existencialismo o Estudo III, 5.10, traz Kierkegaard e Dostoiévski; Marcel e Jaspers, que ele nomeou para o Estudo V, pertencem agora ao Estudo XIV.

Kierkegaard dá o pecado como relação: “diante de Deus, em desespero não querer ser si mesmo” (*A doença para a morte*, II, SKS 11, 191; ver 2.4) [V-da; tradução do estudo]; e põe a fé acima do ético em Moriá, cujo silêncio no cânon o III registrou (ver 5.1).

Ao pecado o cânon responde com a decisão n.º 8 de 04/11/2026 sobre o Estudo III: em lugar de “pecado” tem a luz encoberta, a noite e o lobo, e “ninguém começa do zero” (ver 3.6) diz rio herdado, não culpa herdada; a luz é de cada um (ver 4.2). A decisão n.º 7 da mesma data fixa que a Bússola “apenas veta” e que o veto é a própria Luz, sem voz externa (ver 3.5). “Angústia” não ocorre no cânon, que tem a noite; os dois homônimos ficam apartados (ver 4.6).

Do cristianismo passa-se ao Vedanta (5.11).

5.11 O Vedanta: o singular e o Si

O Vedanta é casa de que o Estudo IV só abre a porta do existencialismo, e abre-a por dois lados (Estudo IV, 5.9).

Pelo singular e pelo papel: Sartre recusa o ponto de vista do Todo, e Kierkegaard põe o Singular acima do Universal (ver 5.1), enquanto a Ficha V tocou a vida por papéis.

Três decisões de 04/11/2026 sobre o Estudo IV respondem. A n.º 1 aceita do Vedanta a descoberta e recusa a dissolução, diante do *advaita*; a recusa não toca a unidade nem o *Brahman*. A n.º 2 lê “O Si é a sua luz” ao lado de “a luz não se acende — ela se revela” (ver 4.1), com a fronteira dita na mesma frase: a luz do Si é *Brahman* e a Lux é de alguém. Ela foi tomada sobre o Vedanta; que valha para o *Selbst* (o si-mesmo) da casa existencialista, se alguém o aproximar, é [leitura do estudo]: seria estrutura, nunca nome da Luz. A n.º 12 fixa que “atemporal” é letra do cânon, dita da luz interior, e que “eterna” e “imortal” não se dizem da Lux, fora da Antífona, que não é tratada neste estudo.

Do Si passa-se ao Tao (5.12).

5.12 O taoísmo: Heidegger e o Tao, apontados

O taoísmo é do Estudo VI, escrito em paralelo, e esta seção só o aponta.

Os estudos anteriores deixaram dois registros: a Ficha VI tocou o taoísmo no *wu wei* e separou-se em impessoal contra pessoal (Estudo I, 5.8; Estudo IV, 5.9), e o III não traz letra que ponha o taoísmo diante do cristianismo (Estudo III, 5.10).

A aproximação de Heidegger com o Tao, pela *Gelassenheit* (a serenidade, o deixar-ser) e pelo *wu wei*, é do VI; não se cita aqui passagem de Heidegger sobre o Tao [localização a confirmar]. O cânon fica como está: a oposição que ele faz é aberto contra fechado, "pessoal, nunca individual" (Estudo I, 5.8; ver 5.1), e não impessoal contra pessoal [leitura do estudo].

Do Tao passa-se ao mal que a história faz (5.13).

5.13 Marx: a porta de (k)

Marx é casa que a série ainda não visitou, e entra aqui só como porta de (k), o mal estrutural.

(k) segue aberta "até o estudo de Marx" (decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II; decisão n.º 11 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV); este estudo a registra e não a propõe de novo. Sartre chega pela *Crítica da razão dialética*; na *Questão de método* escreve que o marxismo é "a filosofia insuperável do nosso tempo" (p. 14) [V-fr via secundária; localização a confirmar]. Camus, em *O homem revoltado* (1951), diz que o valor que "preexiste a toda ação" contradiz as filosofias puramente históricas (ver 2.7) [V-fr via secundária; tradução do estudo; página a confirmar]. De Jaspers vêm a culpa política e a "metafísica", na grade que Ricoeur recolhe (ver 5.3).

A Disputatio admite: "subsiste, sim, uma ausência: o cânon não possui hoje um princípio explícito de justiça ou responsabilização" (Disputatio, 4, *ad tertium*). A justiça devida ao lobo, (g), é matéria do tratado da justiça (decisões n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II e n.º 12 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV). O "não" do homem revoltado não é o veto da Bússola, que é a própria Luz, sem voz externa (decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X; ver 3.5), e "revolta" não é nome da Luz [leitura do estudo].

Da história passa-se à autenticidade como ideal (5.14).

5.14 Taylor: a porta do Estudo XV

Taylor é a porta do Estudo XV e aqui só se aponta.

Ele trata a autenticidade como ideal moral moderno: "O ideal moral por trás da autorrealização é o de ser fiel a si mesmo" (*The Ethics of Authenticity*, "A ética da

autenticidade", 1991, p. 15) [V-en; tradução do estudo]. A letra de Heidegger não o apoia como valor: a impropriedade não diz "'ser' menos" (*Ser e tempo*, §9; ver 2.2). Sartre lê na própria terminologia heideggeriana "uma preocupação ética" (*O ser e o nada*, pp. 651–652 da edição francesa) [V-fr; tradução do estudo]. Taylor lê a palavra como valor, Heidegger a nega como valor, e Sartre a vê como valor contra a vontade do autor [leitura do estudo].

O cânon não tem a palavra. A Integridade é a "coerência" entre o dentro e o fora (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I; ver 3.3), e a Bússola pergunta se se pode estar lá "inteiro, sem me trair" (ver 3.2). "Autenticidade" não ocorre no cânon, e Integridade e autenticidade ficam apartadas como homônimos.

Das portas passa-se ao padrão (5.15).

5.15 O padrão

O existencialismo aparece, entre as casas que o capítulo percorreu, em três papéis [leitura do estudo].

Aparece como alvo ou contraponto de uma casa que o lê de fora (5.1 a 5.3, 5.7, 5.8, 5.10), como leitor de uma casa, Heidegger com Aristóteles, Agostinho e o Japão, Kierkegaard e Jaspers com Sócrates (5.4 a 5.6, 5.9), e como porta, onde o estudo da casa só aponta (5.11 a 5.14). Em nenhuma delas a casa existencialista é medida inteira, e em várias o estudo anterior disse o que não trouxe: Heidegger e Sartre diante de Platão (Estudo X, 4.4), Heidegger sobre a *Ética* (Estudo XI, 5.4) [tese a confirmar], Kierkegaard e Marcel sobre Agostinho (Estudo XII, 5.5), Heidegger e a Índia (Estudo IV, 5.9), Kierkegaard, Sartre e Camus sobre a Stoa (Estudo II, 5.7), Levinas e Arendt sobre Kierkegaard (Estudos VIII, 4.2, e XIII, 5.6).

A resposta do cânon repete-se [leitura do estudo]. Onde a casa fala de uma voz que chama, o veto é a própria Luz, sem voz externa (5.3, 5.4, 5.10, 5.13); onde fala de ser, a Lux é de alguém (5.9, 5.11); onde fala de cuidado ou de suportar, o cânon tem o Portar (5.6, 5.8); onde fala de autenticidade, o cânon tem a Integridade (5.14). Duas questões herdadas atravessam o capítulo, Moriá, (j), em 5.1 e 5.10, e o mal estrutural, (k), em 5.13; nenhuma é reaberta aqui.

Do padrão passa-se à Ficha e às prévias (capítulo 6).

6 A FICHA E AS PRÉVIAS: O QUE A SÉRIE JÁ DISSE DO EXISTENCIALISMO

Antes de ser escrito, o Estudo V já existia como a Ficha de outubro e como o que onze estudos da série disseram da casa existencialista de passagem. Este capítulo mede os dois e propõe a Ficha reescrita.

6.1 A Ficha de outubro, linha por linha

A Ficha tinha cinco linhas, três toques e duas fronteiras. Cada uma é lida contra a letra e recebe um veredito: confirmada, corrigida ou abandonada [Ficha, não cânon].

O primeiro toque dizia: “Contra a vida por papéis: a má-fé (Sartre) e o ‘a gente’ (Heidegger) nomeiam a ferida do Pilar I.” “Papéis” está no cânon só como título de parte (Cânon v1.2, “PARTE IV — PAPÉIS”), e “ferida” é palavra do Tratado da Luz Interior com outro conteúdo, o de quem mede o valor pelo desempenho; “a ferida do Pilar I” não é frase do cânon. A letra é a luz que “pode estar plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”; ver 3.1). Aproximar a má-fé de Sartre e o “a gente” de Heidegger da luz encoberta é [hipótese do estudo], com a cautela de que Heidegger diz do termo que “não exprime nenhuma avaliação negativa” (*Ser e tempo*, §38; ver 2.4). Veredito: corrigida na letra (a luz encoberta no lugar da ferida do Pilar I) e confirmada como toque; o que está debaixo da ferida é matéria de 3.2.

O segundo toque dizia: “Bússola e autenticidade: não ir aonde eu precisaria me trair.” “Autenticidade” e “autêntico” não ocorrem no cânon. A letra é uma pergunta que a Ficha converteu em critério: “Posso estar lá inteiro, sem me trair? Se a resposta é não, não vou” (Cânon v1.2, “A Bússola”; ver 3.2). A palavra é de Heidegger, *Eigentlichkeit*, que Schuback traduz por “propriedade” e que em *Ser e tempo* não é valor moral nem grau de ser: a impropriedade “não diz ‘ser’ menos” (§9; ver 2.2). A palavra do cânon é Integridade (ver 3.3). Veredito: substância confirmada, porque “sem me trair” é letra; palavra “autenticidade” abandonada, e o toque passa a dizer a pergunta e a Integridade.

O terceiro toque dizia: “Kierkegaard, a ponte: querer uma só coisa.” A Ficha acertou a fonte, o discurso de 1847, em que “a pureza de coração é querer uma só coisa” (*SKS* 8, 138; ver 2.5), mas não disse a ponte entre quê. É entre esse querer e a Integridade, e a letra de Kierkegaard põe a fronteira: só o Bem é uno em sua essência, o Bem diante de Deus (ver 2.5). O cânon tem “uma só” em outros lugares, que não equivalem: “a pergunta decisiva é uma só: a luz está lá?” (Cânon v1.2, “A Bússola”) e “a única coisa que hoje não pode ficar sem luz” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”, Manhã; ver 3.3). Veredito: confirmado como toque, com a palavra “ponte” corrigida e a fronteira “diante de Deus × sem dizer diante de quem” dita na mesma linha [hipótese do estudo] (ver 4.4).

A primeira fronteira dizia: “Invenção vs. revelação: para Sartre a existência precede a essência; para nós a luz precede a existência vivida.” A primeira metade é letra de Sartre: “a existência precede a essência” (ver 2.2), e o verbo é dele: “escolha, isto é, invente” (ver 2.5). A segunda metade não é letra: “existência” não é termo do Pilar I, e “essência” e “inventar” não ocorrem no cânon. A letra é “anterior a qualquer conquista ou circunstância” e “A luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio”; ver 4.1). O cânon não diz que a existência precede a essência nem o contrário: diz que a luz é anterior a qualquer conquista ou circunstância [leitura do estudo]. A luz é de alguém (decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I). Veredito: fronteira confirmada, frase abandonada; fica “inventar-se × revelar-se”, que é de Sartre, não de toda a casa: Camus supõe um valor que “preexiste a toda ação” (ver 2.7).

A segunda fronteira dizia: “Absurdo vs. pertencimento: o rio não é indiferente — é a companhia de todos que já atravessaram.” Não é letra. “Absurdo” não ocorre no cânon; é de Camus (ver 2.7), embora Sartre também escreva “absurdo” da escolha livre e da morte (*O ser e o nada*, trad. Barnes, pp. 479 e 547) [V-en: Barnes; tradução do estudo]. “Indiferença” aparece uma vez, na Disputatio, e é da Misericórdia; “companhia” aparece uma vez, no Tratado das Águas Comuns, e é do dois-em-um do pensar; nunca do rio (ver 4.8). A letra vizinha é outra: “Ninguém começa do zero” (ver 3.6). Veredito: abandonada a frase; fica a fronteira, com a letra do Flumen no lugar.

Faltava à Ficha o que o Estudo VIII (4.2) apontou como flanco descoberto, o outro e o corpo, e faltavam Jaspers, Marcel, Camus e Beauvoir; Marcel e Jaspers vão ao Estudo XIV. Da Ficha passa-se às decisões que já mandaram matéria (6.2).

6.2 As decisões que mandaram matéria

Decisões do fundador anteriores a este estudo já mandaram matéria para ele; valem como palavra dele e não se reabrem.

A decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo II tirou o *amor fati* da Ficha do Estoicismo e pôs “consentir ao destino”: a Stoa consente, o cânon porta. O *amor fati* é de Nietzsche (ver 2.1).

Sobre o Abrigo e a Bússola pesam seis. A decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII fixa que o Abrigo não vai até a substituição, e a n.º 5 de 19/10/2026 sobre o mesmo Estudo, que “a assimetria é de posição, não de valor”. A letra de Heidegger toca, em outra direção, o que a n.º 4 fixou: a solicitude que “salta adiante” em vez de “saltar em seu lugar” (§26; ver 2.8). A aproximação é [leitura do estudo] (ver 7.3, questão (cy)).

A decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X fixa que o veto é a própria Luz, sem voz externa; a n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI, que a Bússola percebe o particular; a n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII, que o caso inclui as perspectivas dos outros; a n.º 7 de 04/11/2026 sobre o Estudo III registra a fronteira com a consciência como voz de

Deus. Diante delas o chamado de Heidegger (§57; ver 2.5) se lê ao lado do veto, com a fronteira de que ele chama ao poder-ser e à culpa e a Bússola só veta [hipótese do estudo] (ver 7.3, questão (cv)).

As decisões n.º 4 e n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII fixam a margem como "estar consigo" e a irreflexão como figura do lobo "sem intenção", com o Examinar como o que ela dispensa; a n.º 5 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII já dissera que "a irreflexão não é noite". Aproximar o "a gente" da irreflexão é [hipótese do estudo], com a cautela de que a luz encoberta pelo "a gente" é do próprio e o lobo é quem fere.

A Vigília recebe quatro [leitura do estudo]: "presença, não vitória", sem que a noite seja prova (decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II); "o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite" (decisão n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I); no lugar de "pecado", a luz encoberta, a noite e o lobo (decisão n.º 8 de 04/11/2026 sobre o Estudo III); e "atemporal" é letra, ao passo que "eterna" e "imortal" não se dizem da Lux, fora da Antífona, que não é tratada neste estudo (decisão n.º 12 de 04/11/2026 sobre o Estudo IV).

A decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II e as n.º 11 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV estenderam o padrão das fronteiras fixadas para os clássicos à Stoa, ao cristianismo e ao Vedanta; com a n.º 12 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV, deixaram (g), (j) e (k) como estavam: (g) até o tratado da justiça, (k) até o estudo de Marx, (j) sem decisão. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (db)) se o padrão alcança também esta casa. Das decisões passa-se ao que os outros estudos já disseram (6.3).

6.3 O que os outros estudos já disseram

Cada estudo anterior tocou a casa por uma porta; diz-se o que disse e o que este estudo confirma ou corrige.

O Estudo VII (4.5 e 6.1) leu Kierkegaard no palácio e no celeiro, com o Pós-escrito ("a) pode-se dar um sistema lógico; b) mas não se pode dar nenhum sistema da existência") [V via secundária: Estudo VII, 4.5], pôs "querer uma só coisa" ao lado da Lux e do Examinar e deixou Moriá em (j). Disse também que Sartre rejeita o *Mitsein* [V via secundária: Alves]; o *Mitsein* e a solicitude são letra de Heidegger (§26; ver 2.8), de modo que a rejeição não vale pela casa toda [leitura do estudo].

O Estudo VIII (4.2) deu Levinas contra Heidegger e Sartre, com o grito "Temível autenticidade!" (ver 5.2), e o estudo não refaz a leitura. O IX (4.2) deu Ricoeur lendo a casa em quatro lugares, a promessa, a culpa, a morte e o nada, e declarou o homônimo da disponibilidade (5.2 e 6.5), que este estudo mantém (ver 3.13). O IX (4.2) escreve que "a ficha já disse que a luz precede a existência vivida": a frase é da Ficha, não letra (ver 6.1).

O X (4.4) abriu Kierkegaard e Jaspers diante de Sócrates, ambos por intérprete, e o XI (5.4) Heidegger lendo a *Física* e Kierkegaard lendo Aristóteles. O XII (5.5) pôs Heidegger em 1921 e leu as *duae voluntates* ao lado de "querer uma só coisa", hipótese do

XII que este estudo registra. O XIII (5.6) fez de Arendt filha da casa e ligou o “a gente” ao “social” dela como hipótese por confirmar; a seção não contém o contraste natalidade × ser-para-a-morte (ver 4.7). Do lado de Heidegger o que há é Ricoeur estranhando “o silêncio de *Ser e tempo* sobre o fenômeno do nascimento” (ver 5.3) [V-fr via secundária: Estudo IX, 4.2]; a fronteira entre o morrer “cada vez meu” e o velar com alguém é deste estudo [hipótese do estudo].

O Estudo I (5.6 e 5.8) disse que Heidegger e o Nada de Kyoto pertencem ao V e que nenhum intérprete nomeado aproxima a angústia do *dukkha*; o II (5.7) deixou a dívida de letra de Kierkegaard, Sartre e Camus sobre a Stoa, que o capítulo 5 recolhe; o III (5.10) disse que o V abriria o existencialismo “com Marcel e Jaspers”, e as decisões de 23/10 e 31/10 os levam ao XIV, o que o estudo registra sem corrigir; o IV (5.9) chegou à casa “pelo singular e pelo papel”. Do que a série disse passa-se à Ficha reescrita (6.4).

6.4 A Ficha reescrita: aprovada pelo fundador

A letra abaixo foi proposta ao fundador na versão 1.0 e aprovada em 6 de novembro de 2026 (decisão n.º 10 de 6 de novembro sobre o Estudo V); substitui a Ficha de outubro. Na versão 1.0 dizia-se: era proposta, não decisão (ver 7.3, questão (da)); a forma é a da Ficha IV reescrita: toques e fronteiras, uma linha cada, com a remissão ao capítulo que a sustenta.

Nenhuma linha da Ficha V foi acrescentada por decisão do fundador: cada linha é hipótese do estudo (leitura, na solicitude), e a decisão de outro estudo que fixa a matéria vem citada na linha. A letra do cânon entra no lugar de “autenticidade”, “a ferida do Pilar I” e “o rio não é indiferente”.

> *Toques — proposta*

>

> - A luz encoberta e o “a gente”: Heidegger (§27) e Sartre, a má-fé (ver 2.4), ao lado da luz “encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias” (Tratado da Luz Interior; ver 3.1) [hipótese do estudo].

> - Querer uma só coisa e a Integridade: “a pureza de coração é querer uma só coisa” (Kierkegaard; ver 2.5) ao lado da Integridade (ver 3.3); fronteira: diante de Deus × sem dizer diante de quem [hipótese do estudo].

> - Escolher-se e “sem me trair”: “escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo” (Kierkegaard; ver 2.5) ao lado de “Posso estar lá inteiro, sem me trair?” (ver 3.2); “escolha” é homônimo (ver 4.3) [hipótese do estudo].

> - O chamado e o veto: “vem de mim e, no entanto, sobre mim” (Heidegger, §57; ver 2.5) ao lado do veto “sem voz externa” (decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X; ver 3.5) [hipótese do estudo].

> - O estar-lançado e a circunstância: a *Geworfenheit* de Heidegger (ver 3.6) e “eu sou eu e a minha circunstância” (Ortega; ver 2.5) ao lado de “Ninguém começa do zero” (Pilar II; ver 3.6) [hipótese do estudo].

> - Situações-limite e Sísifo: Jaspers (ver 2.6 e Estudo XIV) e Camus (ver 2.7) ao lado de “uma luz acesa dentro da noite” (decisão n.º 2 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII; ver 3.8) [hipótese do estudo].

> - A solicitude que salta adiante e o Abrigo: *vorausspringen*, “saltar adiante” (Heidegger, §26; ver 2.8), ao lado do Abrigo, que “não vai até a substituição” (decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII; ver 3.10) [leitura do estudo].

> - O corpo vivido e o Corpus: “O corpo é o nosso meio geral de ter um mundo” (Merleau-Ponty; ver 2.9) ao lado de “o corpo, o lugar, o ritmo […] são seu instrumento” (Pilar IV; ver 3.12) [hipótese do estudo].

>

> *Fronteiras — proposta*

>

> - Inventar-se × revelar-se: “aquilo que faz de si” (Sartre; ver 2.2) × “A luz não se acende — ela se revela” (ver 4.1); com Kierkegaard e Camus a fronteira muda de forma (ver 4.15) [hipótese do estudo].

> - O que está debaixo da ferida: o poder-ser (Heidegger) e a liberdade sem natureza (Sartre) × “a Lux é de alguém” (decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I; ver 4.2) [hipótese do estudo].

> - A escolha no centro × a Bússola que só veta: a escolha, lugar da pessoa (ver 4.3); a Bússola “não escolhe os caminhos por ninguém” e “a decisão é sempre de quem caminha” (Catecismo, 24; ver 3.4) [hipótese do estudo].

> - A angústia × a noite não escolhida: “a vertigem da liberdade” (Kierkegaard; ver 2.3) e a angústia de Heidegger × “o mal que ninguém causou” (A Vigília; ver 3.7); “angústia” não é palavra do cânon [hipótese do estudo].

> - A morte “cada vez minha” × velar com alguém: “Ninguém pode tirar do outro o seu morrer” (Heidegger, §47; ver 2.6) × “Velar não é vigiar nem esperar” (Tratado da Vigília); o cânon nada diz do depois [hipótese do estudo].

> - O absurdo × o rio: “o silêncio desarrazoado do mundo” (Camus; ver 2.7), “o inferno são os outros” (Sartre; ver 2.8) × “Ninguém navega um rio privado” (ver 3.11), o Abrigo que “nada exige” (ver 3.10) [hipótese do estudo].

> - O pecado × a luz encoberta: o desespero “diante de Deus” (Kierkegaard; ver 2.4) × a luz encoberta, a noite e o lobo em lugar de “pecado” (decisão n.º 8 de 04/11/2026 sobre o Estudo III) [hipótese do estudo].

> - Beauvoir, na disputa: “torna-se mulher” (ver 2.12) × “nenhuma pessoa está fora da Lux” (decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII); Heidegger em 1933, Sartre e o

stalinismo, Kierkegaard sobre a mulher: biografia, não doutrina [hipótese do estudo].

A primeira fronteira é a que a fórmula do estudo (4.15) resume: o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção, a escolha como lugar da pessoa, não como função da Bússola. O fundador aprovou a fórmula e a Ficha (decisões n.º 1 e n.º 10 de 6 de novembro sobre o Estudo V).

A proposta não dá nome à Lux: Kierkegaard crê, Sartre dispensa Deus, Heidegger e Jaspers não decidem, e “A filosofia não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência confessional”), o que, pela letra, não faz do cânon teísta, ateu nem agnóstico [leitura do estudo]. Marcel (mistério, *disponibilité*, esperança) e Jaspers (comunicação, cifras, fé filosófica) ficam registrados, com a medição no Estudo XIV; a *disponibilité* é homônimo da Disponibilidade do Pilar III. Moriá segue em (j), a pergunta do Estudo VII, 5.1, sem decisão (ver 4.13). Da proposta passa-se à síntese e às perguntas ao fundador (capítulo 7).

7 SÍNTESE, FÓRMULA E QUESTÕES ABERTAS

7.1 O que o estudo encontrou

O capítulo reúne o que os cinco anteriores mostraram e o põe diante do fundador. O estudo partiu de uma Ficha de cinco frases e de uma tese — o existencialismo e o cânon descrevem a mesma ferida, a vida por papéis, e divergem no que está debaixo dela e no que a cura — e chegou a oito fronteiras — a da invenção, a do fundo da ferida, a da escolha, a da noite, a da morte, a do outro, a do pecado e a da casa dividida — e a oito toques, dos quais a Ficha tinha três (6.4) [leitura do estudo].

A ferida comum é a primeira coisa que o estudo encontrou, e é a aproximação mais estreita que o estudo encontrou entre as duas casas. “Cada um é o outro e ninguém é ele mesmo” (*Ser e tempo*, §27; ver 2.4) e a luz “encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”) dizem o mesmo lugar da vida em duas casas (3.1). O garçom que “joga a ser garçom” (*O ser e o nada*, I, 2; ver 2.4) e “eu sem a minha luz sou uma mentira” (Cânon v1.2, “A Bússola”) descrevem a mesma mentira (3.2); “a pureza de coração é querer uma só coisa” (Kierkegaard, SKS 8, 138; ver 2.5) e a Integridade pedem o mesmo (3.3). A casa descreve em páginas, com a estrutura e a cena, o que o cânon chama encobrimento [leitura do estudo].

A segunda coisa é que a ferida comum tem fundos diferentes. O que “a gente” encobre, em Heidegger, é o poder-ser próprio; o que a má-fé encobre, em Sartre, é uma liberdade sem natureza; o que o cânon diz encoberto é uma luz, e a luz é de alguém (decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I). Kierkegaard põe outro fundo ainda: o desespero “diante de Deus” é pecado (*A doença para a morte*, II, SKS 11, 191; ver 2.4), e o cânon, no lugar de “pecado”, diz a luz encoberta, a noite e o lobo (decisão n.º 8 de 04/11/2026 sobre o Estudo III) (4.2) [leitura do estudo].

A terceira coisa é a escolha. Na casa, a escolha faz ou recebe o si mesmo — “escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo” (*Ou–ou*, II, SKS 3, 172–173; ver 2.5); “escolhendo-me, escolho o homem” (*O existencialismo é um humanismo*, p. 27; ver 2.5). No cânon, a Bússola “não escolhe os caminhos por ninguém; apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los. A decisão é sempre de quem caminha” (Catecismo, 24). A palavra é das duas casas e a função não é a mesma: a escolha é lugar da pessoa, não função da Bússola, e o veto pressupõe que a luz já está lá (4.3) [leitura do estudo].

A quarta é a noite. A angústia é, em Kierkegaard, “a vertigem da liberdade” (*O conceito de angústia*, SKS 4, 365–366; ver 2.3) e, em Heidegger, angústia diante do ser-no-mundo como tal (*Ser e tempo*, §40; ver 2.3); as situações-limite de Jaspers e Sísifo feliz ficam ao lado de “há escuridões que nenhuma bússola veta” e de “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer” (decisão n.º 2 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII)

(3.7, 3.8). A fronteira é que a casa descreve uma noite que a liberdade abre, e o cânon uma noite que ninguém escolheu: “o mal que ninguém causou” (Cânon v1.2, “A Vigília”). “Angústia” não é palavra do cânon (4.6) [leitura do estudo].

Das quatro fronteiras restantes, a Ficha tinha uma, a do outro, na forma “absurdo × pertencimento”, corrigida em 6.1; a morte, o pecado e a casa dividida ela não tinha. “Ninguém pode tirar do outro o seu morrer” (*Ser e tempo*, §47; ver 2.6): a morte, em Heidegger, singulariza; a Vigília diz que a noite não se vence, mas não se atravessa só, e o cânon nada diz do depois (4.7).

“O inferno são os outros” (*Entre quatro paredes*; ver 2.8) e “o silêncio desarrazoado do mundo” (*O mito de Sísifo*, p. 45; ver 2.7) ficam diante de “Ninguém navega um rio privado” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”) e do Abrigo que “revela e nada exige” e “não vai até a substituição” (decisões n.º 3 e n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII); a solicitude que “salta adiante” (*Ser e tempo*, §26; ver 2.8) é a letra da casa mais próxima desse limite (4.8, 4.9). O pecado e a luz encoberta já se disseram (4.2). E a casa dividida — Heidegger em 1933, Sartre e o stalinismo, Kierkegaard sobre a mulher — fica como biografia, não doutrina, com Beauvoir do lado da disputa: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (*O segundo sexo*, II, 1.ª parte, cap. I; ver 2.12) (4.14) [leitura do estudo].

O que o estudo encontrou de inesperado foi que a casa não é uma. A Ficha dizia “para Sartre” e “para nós”, e acertou o nome: a fronteira da invenção vale em cheio diante de Sartre, muda de forma diante de Kierkegaard, para quem o eu recebe a si mesmo, e diante de Camus, que afirma uma natureza humana (*O homem revoltado*; ver 2.2). A casa tem quem diga que o homem se inventa e quem diga que ele se recebe; o estudo diz de qual fala, em cada linha (2.2, 4.1, 4.15) [leitura do estudo].

Cinco correções à Ficha de outubro ficaram ditas como correção (4.15, 6.1): “a ferida do Pilar I” não é frase do cânon, e a letra do encobrimento é a do Tratado; “autenticidade” não ocorre no cânon, e a letra é “sem me trair” e Integridade; “a ponte” é entre “querer uma só coisa” e a Integridade, com o “diante de quem”; “a luz precede a existência vivida” não é letra, e a letra é “anterior a qualquer conquista ou circunstância”; “o rio não é indiferente — é a companhia de todos que já atravessaram” não é letra, e a letra vizinha é “Ninguém começa do zero”.

7.2 A fórmula

A série dá a cada casa uma fórmula de duas metades: o que o Lumen Fluens aceita dela e o que recusa. O estudo propôs, e o fundador a adotou (decisão n.º 1 de 6 de novembro sobre o Estudo V): **o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção** (4.15).

A escolha entra como lugar da pessoa — “a decisão é sempre de quem caminha” (Catecismo, 24) —, não como função da Bússola, que só veta; a palavra é da casa e

também do cânon, e o estudo declara o homônimo (4.3). A invenção recusada é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de ser inventado — “a existência precede a essência”; “escolha, isto é, invente” (*O existencialismo é um humanismo*, pp. 17 e 46; ver 2.2, 2.5) —, e não a liberdade nem a responsabilidade, que ficam com a casa; a letra do cânon do outro lado é “a luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I). A fórmula vale em cheio para Sartre e, por ele, para a casa; diante de Kierkegaard e de Camus, a fronteira muda de forma, e o estudo o diz na mesma frase [leitura do estudo].

Três candidatas caem, com a razão em uma frase cada. “Aceita a angústia e recusa o nada”: “o nada” nomearia a Luz por contraste, a razão que a decisão n.º 1 de 03/11/2026 sobre o Estudo II deu para “a centelha nomeada”, e estendê-la à casa é [hipótese do estudo]; tocaria ainda a n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII. “Aceita a ferida e recusa a solidão”: a ferida é comum às duas casas e a fórmula apagaria a fronteira de 4.2; “solidão” recusaria uma experiência, não uma condição. “Aceita a pergunta e recusa o salto”: desloca o eixo para Kierkegaard e deixa de fora Sartre e Camus. A glosa da fórmula lê a Arquitetura, que chama a Bússola de “a decisão”, e o Catecismo, que diz “a decisão é sempre de quem caminha”, como uma só letra — a Bússola decide onde não ir; quem caminha decide ir —; que essa seja a leitura certa é [leitura do estudo], e ela vai dentro da pergunta (cs).

7.3 Questões abertas

As perguntas deste estudo vão de (cs) a (db) e precedem as do Estudo VI, escrito em paralelo, que vão de (dc) a (dl). As herdadas (g), (j) e (k) vêm pelo nome. Nenhuma reabre decisão tomada; toda extensão de decisão à casa é hipótese ou leitura do estudo; todas são do estudo, e só o fundador decide.

(cs) A fórmula. O estudo propõe “o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção”, com a glosa “a escolha como lugar da pessoa, não como função da Bússola”, e registra as três letras que caíram. A glosa lê a Arquitetura (“a decisão”) e o Catecismo, 24 (“a decisão é sempre de quem caminha”) como uma só letra, e que essa seja a leitura certa é [leitura do estudo]. O fundador adota, emenda ou fixa outra glosa? (4.3, 4.15, 7.2) [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 1): a fórmula está adotada; a escolha entra como lugar da pessoa, não como função da Bússola, e a glosa lê a Arquitetura e o Catecismo, 24, como uma só letra; a invenção recusada é a condição, não a liberdade; caem as outras três letras.]

(ct) “A gente”, a má-fé e a luz encoberta. “A gente” e a má-fé leem-se ao lado da luz encoberta “por adaptação às expectativas alheias”, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — o que se encobre: em Heidegger, o poder-ser; em Sartre, a liberdade; no cânon, uma luz de alguém? E a Ficha reescrita troca “a ferida do Pilar I” pela letra do Tratado da Luz Interior, com o desespero como pecado diante de Deus × a luz encoberta

como fronteira? (3.1, 3.2, 4.2) [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 2): como leitura, com a fronteira na mesma frase (o que se encobre: em Heidegger, o poder-ser; em Sartre, a liberdade; no cânon, uma luz de alguém); a Ficha troca “a ferida do Pilar I” pela letra do Tratado da Luz Interior.]

(cu) Querer uma só coisa. “Querer uma só coisa” lê-se ao lado da Integridade e do “vive dividido” (Catecismo, 8), como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — o Bem diante de Deus × a Integridade, que não diz diante de quem? E “a pergunta decisiva é uma só” e “a única coisa que hoje não pode ficar sem luz” ficam declaradas homônimas, sem ponte? (3.3, 4.4) [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 3): como leitura, com a fronteira — o Bem diante de Deus × a Integridade, que não diz diante de quem; as duas frases da pergunta decisiva ficam homônimas, sem ponte; saem “a ponte” e “autenticidade”.]

(cv) A voz da consciência e o veto. A voz da consciência de Heidegger (§§54–60) lê-se ao lado do veto da Bússola, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — chama ao poder-ser e à culpa × só veta —, sem reabrir a decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X nem a n.º 7 de 04/11/2026 sobre o Estudo III? (3.5, 4.5) [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 4): como leitura, com a fronteira — chama ao poder-ser e à culpa × só veta —, sem reabrir a n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X nem a n.º 7 de 04/11/2026 sobre o Estudo III.]

(cw) A noite. A angústia (Kierkegaard, Heidegger), as situações-limite (Jaspers) e Sísifo (Camus) leem-se ao lado de “há escuridões que nenhuma bússola veta” e de “uma luz acesa dentro da noite”, como leituras, com as fronteiras ditas na mesma frase — vertigem da liberdade × noite não escolhida; naufrágio × presença; revolta lúcida × luz de alguém no rio de todos? A parte de Jaspers mede-se no Estudo XIV. (3.7, 3.8, 4.6) [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 5): como leituras, com as fronteiras na mesma frase — vertigem da liberdade × noite não escolhida; naufrágio × presença; revolta lúcida × luz de alguém no rio de todos; “angústia” não é palavra do cânon; Jaspers mede-se no Estudo XIV.]

(cx) A morte e a vigília. O ser-para-a-morte de Heidegger lê-se ao lado de velar na noite, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — a morte como o que ninguém delega × a noite como lugar de uma presença —, sem dizer nada do depois? A fronteira é deste estudo; o Estudo XIII, 5.6, não a tem, e a natalidade não se reabre. (4.7) [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 6): como leitura, com a fronteira — a morte como o que ninguém delega × a noite como lugar de uma presença —, sem dizer nada do depois; a fronteira é deste estudo e a natalidade não se reabre.]

(cy) Os outros. O absurdo e o rio, o inferno e o olhar, a solicitude de Heidegger leem-se ao lado do Abrigo e da letra do rio, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — o outro que objetiva, o que toma o lugar, o que devolve a si × o Abrigo que revela,

nada exige e não substitui? E o “absurdo” fica sem ponte, porque o cânon não o diz? A solicitude que “salta adiante” (§26) é letra de Heidegger lida ao lado da decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII, não matéria dela. (3.9, 3.10, 3.11, 4.8, 4.9) [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 7): como leitura, com a fronteira — o outro que objetiva, o que toma o lugar, o que devolve a si × o Abrigo que revela e nada exige; “absurdo” sem ponte; entram “Ninguém começa do zero” e “Ninguém navega um rio privado”.]

(cz) O corpo. “Eu sou meu corpo” (Merleau-Ponty; Marcel, com cautela) lê-se ao lado do Pilar IV, com o homônimo “instrumento” como hipótese do estudo e sem aspas de Marcel, e a *disponibilité* fica registrada como homônima da Disponibilidade, sem ponte e com a medição no Estudo XIV? (3.12, 3.13, 4.10, 4.11) [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 8): lê-se ao lado do Pilar IV, com “instrumento” como hipótese do estudo e sem aspas de Marcel; a *disponibilité* fica homônima da Disponibilidade, sem ponte, e se mede no Estudo XIV.]

(da) A Ficha reescrita. O estudo propõe, em 6.4, oito toques e oito fronteiras, com as cinco correções e as entradas que a Ficha não tinha — o chamado e o veto, o estar-lançado, a noite, a solicitude, o corpo, a morte, o pecado, Beauvoir —; o fundador aprova, emenda ou mantém a Ficha de outubro ao lado do estudo? (4.15, 6.4) [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 10): a Ficha reescrita está aprovada como proposta em 6.4 — oito toques e oito fronteiras, com as cinco correções e as entradas novas; substitui a Ficha de outubro na página dos estudos do site.]

(db) A casa dividida. O estudo estende o padrão da série — a obra lida, a biografia anotada (decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI; n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II; n.º 11 de 04/11/2026 sobre o Estudo III; n.º 11 de 04/11/2026 sobre o Estudo IV) — ao caso de Heidegger em 1933, de Sartre diante do stalinismo e de Kierkegaard sobre as mulheres, com Beauvoir do lado disputado, sem defender nem acusar ninguém? Aqui o padrão muda de lado, porque a casa escreveu a crítica. (2.12, 3.14, 4.14) [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 11): o padrão estende-se ao existencialismo: Heidegger em 1933, Sartre e o stalinismo e Kierkegaard sobre as mulheres ficam como biografia, sem defender nem acusar; Beauvoir fica do lado da disputa, ao lado de “nenhuma pessoa está fora da Lux”.]

(g) A justiça devida ao lobo. A “medida” de Camus, em *O homem revoltado*, e *A questão da culpa*, de Jaspers, juntam-se ao que os Estudos II, III e IV já puseram como matéria do tratado da justiça (decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II; n.º 12 de 04/11/2026 sobre o Estudo III; n.º 12 de 04/11/2026 sobre o Estudo IV); registra-se, sem decidir, e (g) segue aberta até o tratado. (4.14) [Registrada pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 12): a “medida” de Camus e *A questão da culpa* entram como matéria do tratado da justiça; (g) segue aberta até o tratado.]

(j) Moriá. A pergunta é a do Estudo VII, 5.1: “Se o Singular está acima do Universal, como lê *Temor e tremor*, a Bússola vetaria o monte Moriá? A pergunta é sobre essa leitura, não sobre o relato.” Aqui a letra é *Temor e tremor* — a suspensão teleológica da ética, “creu pelo absurdo” [V-pt: Marinho], o cavaleiro da fé (4.13) —, e o estudo pergunta ao fundador se (j) recebe aqui uma leitura, a de que a Bússola “apenas veta os que exigiriam apagar a luz” e o veto é a própria Luz, sem voz externa, ou se segue aberta. O estudo não decide e não reescreve a pergunta. (4.13, 5.1, 5.10) [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 9): a pergunta não é reescrita; (j) fica registrada com a leitura do estudo adotada — a Bússola “apenas veta os que exigiriam apagar a luz”, e o veto é a própria Luz, sem voz externa.]

(k) O mal estrutural. A porta para Marx fica registrada em Sartre (*Crítica da razão dialética*), em Camus (*O homem revoltado*) e em Jaspers, que escreve a culpa política e metafísica, “a falta da solidariedade absoluta com o homem como homem” (*A questão da culpa*, p. 64; ver 2.11) [V-de; tradução do estudo]. Registra-se; (k) segue aberta até o estudo de Marx. (2.11, 4.14, 5.13) [Registrada pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 12): a porta para Marx (Sartre, Camus, Jaspers) fica registrada; (k) segue aberta até o estudo de Marx.]

7.4 O que o existencialismo oferece

À Lux, o existencialismo oferece a descrição mais exata da série do que o cânon chama encobrimento: “a gente”, a má-fé, o garçom, a mulher do primeiro encontro. O Tratado da Luz Interior diz a ferida em uma frase; a casa a descreve em páginas, com a estrutura e a cena — e a fronteira lembra que, no cânon, o que está debaixo é uma luz de alguém, não um poder-ser nem uma liberdade sem natureza (3.1, 3.2, 4.2) [leitura do estudo].

À Bússola, oferece a letra da escolha que a casa pôs no centro e que o cânon deixa a quem caminha. “Posso estar lá inteiro, sem me trair?” e “escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo” são duas perguntas a quem vai partir; a casa dá à segunda o peso que o cânon reserva ao veto — e a fronteira lembra que a Bússola só veta, e que a decisão é de quem caminha (3.4, 4.3) [leitura do estudo]. Oferece também a voz que “vem de mim e, no entanto, sobre mim”: a letra mais próxima da série para o veto “sem voz externa”, com a fronteira de que o chamado chama à culpa e a Bússola não (3.5, 4.5) [leitura do estudo].

À Vigília, oferece a noite descrita de dentro: a angústia, as situações-limite, Sísifo. A decisão n.º 2 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII fixou “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer”; Camus dá a esse não-precisar-do-fim uma imagem, Sísifo feliz, e Jaspers dá ao que ninguém escolhe a palavra situação-limite — com a fronteira de que a Vigília não antecipa nada e a noite do cânon ninguém causou (3.7, 3.8, 4.6, 4.7) [leitura do estudo].

Ao Abrigo e às Águas Comuns, oferece o par mais nítido da série sobre o limite do abrigar: a solicitude que “salta adiante” em vez de “saltar em seu lugar” (§26), lida ao lado do Abrigo que “não vai até a substituição”. E oferece o avesso, “o inferno são os outros”, que o cânon responde com “ninguém navega um rio privado”, e que a própria casa responde, em Camus, com “eu me revolto, logo somos” (3.9, 3.10, 3.11, 4.9) [leitura do estudo].

Ao Flumen, oferece o estar-lançado e a circunstância: ninguém escolhe de onde parte, e “Ninguém começa do zero” tem na *Geworfenheit* de Heidegger e em “eu sou eu e a minha circunstância” de Ortega as suas letras mais próximas fora do cânon — com a fronteira de que o rio é lugar de herdeiros, e o estar-lançado, em Heidegger, não é herança (3.6, 4.8) [leitura do estudo].

Ao Corpus, oferece o corpo vivido: Merleau-Ponty escreve que o corpo é “nosso meio geral de ter um mundo” (*Fenomenologia da percepção*, Smith, pp. 145–146; ver 2.9) e que “eu sou meu corpo” (Smith, pp. 197–198) [V-en: Smith; tradução do estudo], ao lado do Pilar IV — com a fronteira de que “instrumento”, dito do corpo, é letra do Pilar IV e homônimo, e de que a *disponibilité* fica registrada como homônimo da Disponibilidade, com a medição no Estudo XIV (3.12, 3.13, 4.10, 4.11) [hipótese do estudo].

À série, oferece uma casa em que a pessoa está no centro dos dois lados, e por isso a fronteira passa pelo verbo: inventar ou revelar. As fórmulas já fixadas para outras casas têm todas duas metades — o budismo, a atenção e não a chegada; a Stoa, o exame e não o consentimento; o cristianismo, a anterioridade e não o juízo; o Vedanta, a descoberta e não a dissolução —, e a segunda metade desta diz a mesma coisa de outro modo: recusa a condição de que o valor da pessoa dependa de algo que não é a luz dela, aqui, de ser inventado. Deixa também portas abertas: Marcel e Jaspers, para o Estudo XIV; Marx, pela questão (k); Taylor, para o Estudo XV (2.11, 5.13, 5.15) [leitura do estudo].

7.5 A lamparina

A série termina cada estudo com a lamparina: a de museu, a guardada do vento, a posta no rio. Nos textos que o estudo leu, o existencialismo não traz a imagem da lamparina; traz a do homem “condenado a inventar o homem a cada instante” (*O existencialismo é um humanismo*, p. 38; ver 2.5), sem apoio e sem ajuda. O cânon diz que “a luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I), e que é de alguém (decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I). Entre inventar e revelar passa a fronteira deste estudo, e o que está dos dois lados dela é a mesma pessoa, inteira, que a casa e o cânon se recusam a reduzir a um papel.

O cânon não é existencialismo com luz, e o existencialismo não é Lumen Fluens sem Pilar I. Os dois descrevem o perder-se de quem vive como todos; o cânon diz que o que se perde já estava lá, e na casa nem todos concordam. A fórmula foi adotada pelo

fundador (decisão n.º 1 de 6 de novembro sobre o Estudo V): o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção. A escolha de quem caminha, com a lamparina na mão; e a lamparina, que ninguém inventou [leitura do estudo].

REFERÊNCIAS

Bibliografia

Referências em ABNT simplificada: SOBRENOME, Nome. *Título*. Tradução. Cidade: Editora, ano. A numeração é contínua e corresponde aos blocos abaixo; as notas entre colchetes dizem como cada obra chegou ao estudo e em que seções ela é citada. Três estados são distinguidos: **edição de consulta** (a edição que a pesquisa de fontes do estudo abriu), **intermediário** (o leitor por cujo texto a passagem chegou) e **nomeada, não aberta** (a obra aparece no estudo, mas nenhuma edição foi aberta). Onde falta um dado, está escrito [dados a completar]; a cidade só aparece quando uma fonte a dá. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa. As edições brasileiras e portuguesas vêm primeiro em cada bloco que as tem. Nenhuma tradução portuguesa de Sartre (salvo a de Rita Correia Guedes, numa cópia sem a paginação do impresso), de Camus, de Merleau-Ponty, de Jaspers, de Marcel, de Ortega ou de Unamuno foi aberta; de Heidegger só se abriu a Parte I de Schuback e de Castilho; de Kierkegaard, só Marinho. Por isso todo o português do existencialismo é tradução do estudo, salvo o que vem por tradutor ou intermediário nomeado. O alemão de *Sein und Zeit*, o dinamarquês da *Søren Kierkegaards Skrifter* (as páginas são as do marcador "ed N" do portal tekster.kb.dk, tomadas como página da SKS), o alemão de Jaspers (*Einführung*, *Die Schuldfrage*), o francês de Sartre, de Camus (salvo *O homem revoltado*) e de Beauvoir (cópias digitais e escaneadas, com a paginação do impresso, a menos de uma página) e o castelhano de Unamuno e de *El hombre y la gente* foram conferidos; o francês de Merleau-Ponty, de Marcel e de *O homem revoltado*, o castelhano das *Meditaciones del Quijote* e o alemão de *Philosophie* II, de Jaspers (só Vela), não foram. Só entram obras citadas nos sete arquivos do estudo (Prólogo e capítulos 1 a 6); as que a pesquisa de fontes e o plano nomeiam e o estudo não usa ficam fora (ver as Conferências pendentes, "Intérpretes conhecidos só por intermediário ou só nomeados").

O existencialismo: edições e traduções em português

1. GUEDES, Rita Correia (trad.). SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. [Cidade, editora e ano: dados a completar.] [Edição de consulta, em cópia aberta em PDF, sem a paginação do impresso: as páginas citadas (17, 21, 22, 27, 30–31, 36–38, 46, 95) são as da edição francesa de Nagel (n.º 19). A edição impressa em português (Abril, *Os Pensadores*, ou Vozes) não foi aberta, e as palavras de Guedes que o estudo cita como letra vêm da cópia. Prólogo e 1.2, 1.3, 1.5, 1.10, 2.4, 2.6, 2.11, 3.1, 3.3, 5.1, 6.1, 6.2, 6.5 [V-pt: Guedes].]

1. SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante (trad.). HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2005 [a pesquisa de fontes dá também a Editora Universitária São Francisco como coeditora]. [Edição de consulta, só a Parte I (§§1–44); a Parte II (§§46–74) não foi achada em português aberto. O estudo cita o §9 ("A impropriedade […] não diz 'ser' menos nem um grau 'inferior' de ser", p. 43 da edição alemã; 1.2, 4.14, 5.1 [V-pt: Schuback; página a confirmar]) e a nota N39, sobre *Fürsorge* e *einspringen*/*voraussspringen* (1.8). Schuback traduz *Dasein* por "pre-sença", *das Man* por "o impessoal", *Eigentlichkeit* por "propriedade" e

Fürsorge por "preocupação" (Prólogo, 1.2, 1.4); o estudo não adota "pre-sença". As páginas da tradução, na pesquisa de fontes, foram inferidas do número impresso ao pé do escaneamento.]

1. CASTILHO, Fausto (ed. e trad.). HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Edição bilíngue. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012. [Edição de consulta, só a Parte I. Nomeada em 1.4 apenas pelo léxico: *das Man* vertido por "a-gente", ao lado do "impessoal" de Schuback (n.º 2). O estudo não cita página dela.]

1. MARINHO, Maria José (trad.). KIERKEGAARD, Søren. *Temor e tremor*. In: *Kierkegaard*, col. *Os Pensadores*, vol. 31. [Cidade a completar]: Abril Cultural, 1974. [Edição de consulta, pelo escaneamento (páginas do cabeçalho): Problema I, SKS 4, 148 = p. 282 e SKS 4, 159 = p. 284 (1.10); "Stemning", p. 271, "pelo absurdo" (3.13) [V-pt: Marinho; V-da via secundária]. *Rodemester* é "preceptor" em Marinho e *tax-collector* em Lowrie (n.º 51; 3.13). O restante do português de Kierkegaard é tradução do estudo.]

1. ZUBEN, Newton Aquiles von (trad.). BUBER, Martin. *Eu e Tu*. 10.ª ed. São Paulo: Centauro, 2006, partes I a III. [Intermediário: o Tratado das Águas Comuns, "Fundamentação" (n.º 80), que a cita em português; o alemão e as páginas não foram conferidos. "Toda vida atual é encontro" (e não "verdadeira") é a letra do Tratado. 1.8 [V-pt via secundária: Tratado das Águas Comuns].]

1. DINUCCI, Aldo; JULIEN, Alfredo (trad.). EPICTETO. *O Manual de Epicteto* (*Encheiridion*). 3.ª ed. São Cristóvão: EdiUFS, 2012. [Intermediário: o Estudo II, 1.5 (n.º 106), que leu a versão digital da *Prometeus*. O estudo cita só o cap. 17, "interpretar belamente o papel que te é dado — mas escolhê-lo, cabe a outro" (4.8) [V via secundária: Estudo II, 1.5; V-pt: Dinucci–Julien]. A edição impressa não foi aberta.]

1. BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. [tradutor não nomeado nas fontes]. [Cidade a completar]: Nova Fronteira, 1980, p. 9. [Nomeada, não aberta: chega só por Almeida (n.º 8). "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher" (t. II, 1.ª parte, cap. I). A tradução da fórmula francesa é "Ninguém nasce mulher" (Nova Fronteira) ou "não se nasce mulher" (1.12, 2.14, 3.14, 5.4, 6.1; Prólogo) [V-pt via secundária: Almeida; página a confirmar].]

1. ALMEIDA, Marlise Míriam de Matos. "Simone de Beauvoir: uma luz em nosso caminho". *Cadernos Pagu* 12 (1999), pp. 145–156. [Intermediário de Beauvoir em português (n.º 7). Abre com a fórmula citada da Nova Fronteira, [1949] 1980, p. 9; é testemunho da recepção brasileira, e não tese sobre Beauvoir e Sartre. 1.12, 2.14, 5.4, 6.1.]

O existencialismo: originais e traduções consultadas

1. KIERKEGAARD, Søren. *Enten–Eller* (*Ou–ou*) II, "Ligevægten mellem det Æsthetiske og det Ethiske i Personlighedens Udarbeidelse" ("O equilíbrio entre o estético e o ético na formação da personalidade"). In: *Søren Kierkegaards Skrifter* (SKS), vol. 3. Copenhague: Søren Kierkegaard Forskningscenteret [ano a completar]. [Edição de consulta, no portal tekster.kb.dk; as páginas SKS vêm do marcador "ed N" do portal e são inferência da pesquisa de fontes, a conferir contra o sks.dk (que não respondeu). SKS 3, 172–173: "escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo" (Prólogo, 1.5, 2.4, 3.1, 5.4, 6.1); SKS 3, 207 (1.5); SKS 3, 165–166, o Ou–ou que não é a escolha entre o Bem e o Mal (3.3 [página a confirmar]; 2.4 [paráfrase; página a confirmar]). Todo o português é tradução do estudo.]

1. KIERKEGAARD, Søren. *Frygt og Bæven* (*Temor e tremor*), *Gjentagelsen* (*A repetição*) e *Begrebet Angest* (*O conceito de angústia*). In: *Søren Kierkegaards Skrifter*, vol. 4. [Edição de consulta, mesma ressalva do n.º 9. *Frygt og Bæven*: Problema I, SKS 4, 148, 155–156 e 159 (1.10, 3.13, 4.1, 6.3); "Lovtale over Abraham" (1.10 [localização a confirmar]); "Stemning" (3.13). *Gjentagelsen*, SKS 4, 9 (2.6). *Begrebet Angest*, cap. II, §2, SKS 4, 365–366: "a vertigem da liberdade" (Prólogo, 1.3, 3.6, 5.4, 6.1). O salto de fé, *Springet*, não se cita como letra (3.12).]

1. KIERKEGAARD, Søren. "Hjertets Reenhed er at ville Eet" ("A pureza de coração é querer uma só coisa"). In: *Opbyggelige Taler i forskjellig Aand* (1847), SKS 8, pp. 138 e 143–144. [Edição de consulta, mesma ressalva do n.º 9. Prólogo, 1.5, 2.3, 3.4, 5.1, 5.4, 6.1.]

1. KIERKEGAARD, Søren. *Sygdommen til Døden* (*A doença para a morte*; *O desespero humano*), 1849. In: *Søren Kierkegaards Skrifter*, vol. 11. [Edição de consulta, mesma ressalva do n.º 9. I, A, SKS 11, 129 ("o eu é uma relação que se relaciona consigo mesma"; 1.2) e 164 (1.10, 3.2); II, SKS 11, 191 (o desespero "diante de Deus" como pecado; Prólogo, 1.4, 3.2, 4.10, 5.4, 6.1) e 196 (1.10). A passagem de 191 vem numa só versão; Lowrie entra sempre como intermediário (n.º 51).]

1. KIERKEGAARD, Søren (Johannes Climacus). *Afsluttende uvidenskabelig Efterskrift* (*Pós-escrito conclusivo não científico às Migalhas filosóficas*), 1846. In: *Søren Kierkegaards Skrifter*, vol. 7. [Intermediário: o Estudo VII, 4.5 (n.º 98), que a leu na SKS 7; "não se pode dar nenhum sistema da existência" (4.1, 5.3) [V via secundária: Estudo VII, 4.5]. Edição brasileira (Valls, Vozes) não aberta pelo estudo.]

1. KIERKEGAARD, Søren. *Philosophiske Smuler* (*Migalhas filosóficas*), 1844, "Interlúdio", nota. [Intermediário: o Estudo XI, 4.4 (n.º 102), que a leu na tradução inglesa de Swenson; "está em começar pelo princípio de que tudo o que é necessário é possível" (4.5) [V via secundária: Estudo XI, 4.4; página a confirmar].]

1. KIERKEGAARD, Søren. *Om Begrebet Ironi* (*O conceito de ironia*), 1841. [Volume da SKS e página: dados a completar.] [Intermediário: Utterback (n.º 63), por meio do Estudo X, 4.4 (n.º 101). O estudo cita a "dialética negativa" e "a ideia da dialética" (4.4). A obra não foi aberta.]

1. HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit* (*Ser e tempo*). Tübingen: Max Niemeyer, 1927 [impressão e edição: dados a completar]. [Edição de consulta, em escaneamento da edição Niemeyer, com a paginação canônica, que as traduções trazem à margem. Citado por parágrafo (§) e página: §6 (4.5, por intermediário); §9, pp. 41–43; §26, p. 122; §27, pp. 126–128; §29, p. 134; §38, p. 175; §40, p. 186; §47, p. 240; §52, pp. 258–259; §57, p. 275; §60, pp. 296–297; §74, p. 385; §81, pp. 427–428 (via Agostinho, 4.6). Prólogo e capítulos 1 a 6. Todo o português é tradução do estudo, salvo o de Schuback (n.º 2); a Parte II (§§46–74) foi conferida só no alemão e em Macquarrie–Robinson.]

1. MACQUARRIE, John; ROBINSON, Edward (trad.). HEIDEGGER, Martin. *Being and Time*. Blackwell/SCM, 1962 [cidade a completar]. [Edição de consulta, em inglês. Páginas vistas só nos cabeçalhos do §26 (pp. 158–159: "salta adiante", "saltar em seu lugar"), do §27 (pp. 165–166) e do §38 (p. 220); nos demais parágrafos a pesquisa de fontes usou a página alemã, que a tradução traz à margem. Prólogo, 1.4, 1.6, 1.8, 5.1, 5.2, 5.4, 6.1 [V-en: Macquarrie–Robinson].]

1. HEIDEGGER, Martin. Entrevista a *Der Spiegel*, n.º 23, 31 de maio de 1976, pp. 193–219 ("Nur noch ein Gott kann uns retten"). Trad. inglesa de Richardson [prenome: William J., segundo a pesquisa de fontes]. [Edição de consulta, em inglês: "só um deus pode salvar-nos"; "uma prontidão para o aparecimento de um deus" (1.10) [V-en: Richardson; tradução do estudo; localização a confirmar]. O alemão e a página da frase não foram conferidos.]

1. SARTRE, Jean-Paul. *L'Existentialisme est un humanisme* (*O existencialismo é um humanismo*). Paris: Nagel, 1970. [Edição de consulta, em escaneamento com OCR; as páginas vêm dos cabeçalhos do OCR e valem a menos de uma página. Conferência de outubro de 1945, publicada em 1946; o capítulo 2 dá "Nagel, 1946" e os demais "Nagel, 1970" (ver Conferências pendentes, "Divergências de edição e dados"). Pp. 17, 21, 22, 27, 30–31, 36, 37, 38, 46, 95. "Estou condenado a ser livre"

é letra de 1943; a forma plural corrente não é letra de obra alguma (1.3). Prólogo e capítulos 1 a 6 [V-fr; V-pt: Guedes (n.º 1)].]

1. SARTRE, Jean-Paul. *L'Être et le néant* (*O ser e o nada*). Paris: Gallimard, 1943 (col. Bibliothèque des idées). [Edição de consulta, em escaneamento com OCR, páginas a menos de uma página: I, 2, "La mauvaise foi", pp. 98–99 (o garçom; Prólogo, 1.4, 6.1); IV, 1, pp. 515–516 (1.3); pp. 651–652 (1.4, 4.14). A tradução portuguesa (Perdigão, Vozes) não foi aberta; o estudo cita o inglês de Barnes (n.º 21) e traduz o francês.]

1. BARNES, Hazel E. (trad.). SARTRE, Jean-Paul. *Being and Nothingness*. New York: Philosophical Library, 1956. [Edição de consulta, em texto com cabeçalhos de página (convenção "o cabeçalho abre a página"). Pp. 55–56, 59, 60, 65, 70 (e nota 9: Sartre cita a "autenticidade" como "recuperação de si" sem descrevê-la), 259–260, 288–289, 439, 479, 547, 565 (a classificação de Heidegger "tingida de preocupação ética"). 1.3, 1.4, 1.6, 1.7, 1.8, 2.2, 3.2, 3.8, 3.9, 5.1 [V-en: Barnes]. Em 1.6 (p. 547) o original francês não foi conferido.]

1. SARTRE, Jean-Paul. *Huis clos* (*Entre quatro paredes*). Paris: Gallimard, 2012, p. 93. [Intermediário: Longo (n.º 59). "Pas besoin de gril: l'enfer, c'est les Autres." A edição de 1945 não foi conferida. A cena final é citada em 2.10 [V-fr; página a confirmar]. 1.8, 3.9, 5.4, 6.1, 6.4 [V-fr via secundária: Longo].]

1. SARTRE, Jean-Paul. Glosa gravada de "l'enfer, c'est les autres" (disco, Paris: Gallimard, 2004) e *fiche* de ensino de 1964 (Longo dá 1965). [Intermediário: Longo (n.º 59), que remete a Ferraro, 1994, p. 9. "Se as relações com o outro são tortas, viciadas, o outro só pode ser o inferno." O disco não foi ouvido (1.8, 3.9) [V-fr via secundária: Longo; data a confirmar].]

1. SARTRE, Jean-Paul. *Questions de méthode* (*Questão de método*), p. 14. [Nomeada, não aberta: a frase "a filosofia insuperável do nosso tempo" (4.13) chega por uma mensagem de lista, sem a edição [V-fr via secundária; localização a confirmar].]

1. SARTRE, Jean-Paul. *Critique de la raison dialectique* (*Crítica da razão dialética*). [Nomeada, não aberta: citada só como a porta de Marx, questão (k) (1.12, 3.14, 4.13, 6.3). Nenhuma tese dela é lida.]

1. CAMUS, Albert. *Le Mythe de Sisyphe* (*O mito de Sísifo*). Paris: Gallimard, 1942 (col. Les Essais). [Edição de consulta, em edição digital da UQAC com a paginação do impresso entre colchetes: "L'absurde et le suicide", p. 15; "Les murs absurdes", pp. 45 e 48; "Le suicide philosophique", p. 57; "La liberté absurde", pp. 88–89; "Le

mythe de Sisyphe", p. 168. 1.7, 2.8, 3.6, 3.8, 3.12, 5.4, 6.1 [V-fr; tradução do estudo]. A tradução portuguesa (Roitman–Wacht) não foi aberta.]

1. CAMUS, Albert. *La Peste* (*A peste*). Paris: Gallimard, 1947, pp. 170, 256 e 310–311. [Edição de consulta, em texto digital com a paginação do impresso entre travessões, a menos de uma página. 1.7, 2.9 [V-fr; tradução do estudo].]

1. CAMUS, Albert. *L'Homme révolté* (*O homem revoltado*). Paris: Gallimard, 1951, cap. "L'homme révolté". [Intermediário: um texto de prova de concurso, que reproduz a abertura do capítulo, e Alves (n.º 60), que dá a p. 38 da edição que ela usa. "Há uma natureza humana"; "eu me revolto, logo somos"; "que preexiste a toda ação"; o "sim" da revolta. Nenhuma edição impressa foi aberta, e o capítulo vem sem página: Prólogo, 1.2, 1.7, 2.11, 3.1, 4.13, 5.1, 6.1, 6.4 [V-fr via secundária; página a confirmar].]

1. MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la perception* (*Fenomenologia da percepção*). Paris: Gallimard, 1945. [Nomeada, não aberta: o francês não foi aberto, e "condenados ao sentido" fica sem o original. Chega por Smith (n.º 30) e por Cabanes (n.º 53).]

1. SMITH, Colin (trad.). MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phenomenology of Perception*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1962. [Edição de consulta, em inglês, a menos de uma página: Prefácio; pp. 145–146 ("eu sou meu corpo"), 174 n. 1 (a nota sobre Marcel, que inverte o par ser/ter), 197–198, 454–455 ("A liberdade"). 1.3, 1.9, 2.12, 3.11, 5.4 [V-en: Smith; tradução do estudo].]

1. BEAUVOIR, Simone de. *Le Deuxième Sexe* (*O segundo sexo*). Paris: Gallimard, 1949, t. I, "Introduction"; t. II, 1.ª parte, cap. I, e conclusão. [Edição de consulta, pela cópia da France Loisirs (1990), sem paginação legível: "On ne naît pas femme: on le devient"; "Il est le Sujet, il est l'Absolu: elle est l'Autre"; "hommes et femmes affirment sans équivoque leur fraternité". 1.12, 2.14, 3.14, 5.4, 6.1 [V-fr; página a confirmar]. O português chega por Almeida (n.º 8) e pelo estudo.]

1. BEAUVOIR, Simone de. *Pour une morale de l'ambiguïté* (*Por uma moral da ambiguidade*). Paris: Gallimard, 2013, p. 31. [Intermediário: Teixeira (n.º 57). "Vouloir le dévoilement du monde, se vouloir libre, c'est un seul et même mouvement." O livro não foi aberto (1.5) [V-fr via secundária: Teixeira, *Griot*, 2018].]

1. JASPERS, Karl. *Einführung in die Philosophie* (*Introdução à filosofia*). Piper, Serie 13, nova edição de 1971 [cidade a completar; a primeira edição é de 1950, a confirmar]. [Edição de consulta, pelo alemão: pp. 18 (as situações-limite; "desespero

e restauração" como segunda reação, e não "naufrágio"), 19 (o *Scheitern*), 88 e 94 (a comunicação). 1.6, 1.8, 2.7, 2.11, 3.6, 3.10 [V-de; tradução do estudo].]

1. JASPERS, Karl. *Die Schuldfrage* (*A questão da culpa*). Heidelberg: Lambert Schneider, 1946. [Edição de consulta, pelo alemão: p. 31 (a culpa metafísica, 1.11) e p. 64 (3.14, 6.3, 6.4; o original da p. 64 vem adaptado nas Fontes, ver Conferências pendentes, "Originais completados sem conferência direta") [V-de; tradução do estudo].]

1. VELA, Fernando (trad.). JASPERS, Karl. *Filosofía* (*Philosophie*, 1932), II. Revista de Occidente / Universidad de Puerto Rico [cidade e ano: dados a completar]. [Edição de consulta, em castelhano, com OCR ruim e paginação divergente entre as cópias (61 e 67). O alemão de *Philosophie* II não foi obtido. As situações-limite (1.6, 2.7) e "a liberdade é a escolha de mim mesmo" (3.3, cap. VI) vêm daí [V-es: Vela; página a confirmar]. "Sou só na medida em que me decido" não foi confirmada e não se cita. O inglês de Ashton e o português de Vallandro e Casanova não foram achados.]

1. JASPERS, Karl. *Philosophie* III (1932) e *Der philosophische Glaube* (1948). [Nomeadas, não abertas: a fé filosófica e as cifras da transcendência, em paráfrase sem aspas (1.10) [paráfrase; localização a confirmar].]

1. MARCEL, Gabriel. *Être et avoir* (*Ser e ter*). Paris: Aubier-Montaigne [ano a completar], pp. 145 e 237. [Intermediário: Grassi (n.º 54), na versão castelhana dele (notas 194 e 284), com as páginas do francês. "O corpo é o ter-tipo… e no entanto…" (p. 237). 1.9, 1.11, 2.12, 3.11 [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]. O francês não foi aberto. "Meu corpo não é meu instrumento" não foi achada em letra de Marcel e não se cita.]

1. MARCEL, Gabriel. *Position et approches concrètes du mystère ontologique*. Louvain–Paris, 1933, p. 87. [Intermediário: Grassi (n.º 54), nota 598. A *disponibilité*, registrada como homônimo da Disponibilidade, sem glosa; a medição é do Estudo XIV. 1.11, 2.13, 3.10 [V via secundária: Grassi; tradução do estudo].]

1. MARCEL, Gabriel. *Du refus à l'invocation*. Paris: Gallimard, 1940 (reed. 1967 como *Essai de philosophie concrète*), pp. 34 e 149. [Intermediário: Grassi (n.º 54), nota 297. "Dizer 'eu sou meu corpo' é emitir um juízo negativo" (p. 34). 1.9, 2.12, 3.1 [V via secundária: Grassi; tradução do estudo].]

1. MARCEL, Gabriel. *Homo viator: prolégomènes à une métaphysique de l'espérance*. Paris: Aubier-Montaigne, 1944, p. 77. [Intermediário: Pugeda (n.º 55), que cita uma

edição inglesa não identificada. "J'espère en toi pour nous" (3.10) [V via secundária: Pugeda; edição e localização a confirmar]. O francês não foi aberto.]

1. ORTEGA Y GASSET, José. *Meditaciones del Quijote* (1914). In: *Obras completas*, t. I. Madrid: Revista de Occidente, 1966, p. 322. [Intermediário: Lara Fernández (n.º 58), e um texto brasileiro (anais da UNESPAR) que dá a mesma página. "Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo." A seção da obra não foi conferida, e o texto de Ortega não foi aberto. Prólogo, 1.5, 2.6, 5.4, 6.4 [V-es via secundária: Lara; localização a confirmar].]

1. ORTEGA Y GASSET, José. *El hombre y la gente*. In: *Obras completas*, t. VII (1948–1958). 2.ª ed. Madrid: Revista de Occidente, 1964. [Edição de consulta, em PDF digitalizado com OCR; as páginas são aproximadas. "¿Qué hace lo que se hace? ¡Ah! Pues la gente…" (1.4) [V-es; página a confirmar]. A relação entre *la gente* e *das Man* não tem letra do próprio Ortega: é [hipótese do estudo].]

1. UNAMUNO, Miguel de. *Del sentimiento trágico de la vida en los hombres y en los pueblos*. Madrid: Renacimiento, 1912. [Edição de consulta, na Wikisource, sem paginação; cap. I, "El hombre de carne y hueso" (1.6); cap. II, "El punto de partida" (1.6); cap. III (3.12). A letra é "creer es querer creer" (cap. VI) e "crear en fuerza de fe" (cap. III); "creer es crear" não está no texto. 1.6, 3.12 [V-es; tradução do estudo; página a confirmar]. A edição portuguesa não foi aberta.]

1. NIETZSCHE, Friedrich. *Götzen-Dämmerung* (*Crepúsculo dos ídolos*), 1889, "Sprüche und Pfeile", 12. [Edição de consulta, no Projeto Gutenberg 7203; a edição de base não foi identificada. "Quem tem um porquê…" é de Nietzsche, citado por Frankl (1.6) [V-de; tradução do estudo].]

1. NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência* (*Die fröhliche Wissenschaft*), IV, §276 (*amor fati*). Tradução inglesa de COMMON [prenome e dados da edição a completar] (Projeto Gutenberg 52881). [Intermediário: o Estudo II (n.º 106), que a leu em inglês; o alemão não foi aberto. 1.1, 4.8 [V-en: Common; tradução do estudo].]

1. FRANKL, Viktor. *Man's Search for Meaning*. Trad. Ilse LASCH. [Edição e ano: dados a completar.] [Intermediário: uma transcrição do Wikiquote, sem página, para "a última das liberdades humanas" (1.6) [V-en: Lasch; página a confirmar]; Rider/Ebury, 2004, pp. 84 e 109, para a atribuição a Nietzsche, segundo Quote Investigator (2019) [V-en via secundária: Rider]. A edição brasileira (Vozes ou Sinodal) e o alemão (… *trotzdem Ja zum Leben sagen*, 1946) não foram abertos.]

1. DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os irmãos Karamázov*. Trad. inglesa de Constance GARNETT (Projeto Gutenberg 28054); texto russo (lib.ru). [Edição de consulta, nos dois: "se não há imortalidade da alma, não há virtude, logo tudo é permitido" (I, II, 7, fala de Rakitin). A frase "se Deus não existe, tudo é permitido" não existe assim nos *Karamázov*; as formas reais são de Rakitin (I, II, 7), Ivan (II, V, 5), Dmitri (IV, XI, 4), Smerdiakov (IV, XI, 8) e o Diabo (IV, XI, 9). A divisão em Partes e Livros segue Garnett. 1.10 [V-ru; V-en: Garnett; tradução do estudo]; Prólogo [atribuição a confirmar].]

A tradição

1. KAUFMANN, Walter. *Existentialism from Dostoevsky to Sartre*. Meridian Books, 1956 [cidade a completar]. [Intermediário: Dunzweiler (n.º 49), p. 46. "Existentialism is not a philosophy but a label for several widely different revolts against traditional philosophy": a casa recusou o rótulo (1.1) [V-en via secundária: Dunzweiler; página do livro de Kaufmann a confirmar]. A lista de existencialistas que acompanha a passagem é de Dunzweiler, e não necessariamente de Kaufmann.]

1. DUNZWEILER [prenome a completar]. *Systematic Theology I* [editora e ano: dados a completar], p. 46. [Intermediário de Kaufmann (n.º 48). Obra não aberta pelo estudo para outra coisa (1.1).]

1. SAFRANSKI, Rüdiger. *Ein Meister aus Deutschland: Heidegger und seine Zeit*. Munique: Hanser, 1994. *Heidegger: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. Trad. Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2000. [Nomeada, não aberta pelo estudo: a pesquisa de fontes confirmou a edição e a tradutora por uma resenha (Numen/UFJF) e leu um OCR da edição espanhola (Tusquets) sem paginação. Heidegger reitor em Freiburg em 1933–34 e filiado ao partido nazista, em paráfrase sem aspas (1.12, 3.14) [paráfrase; fonte e página a confirmar em Safranski]; "o que disse e calou depois" é [tese a confirmar].]

1. LOWRIE, Walter (trad.). KIERKEGAARD, Søren. *The Sickness unto Death*. Princeton: Princeton University Press, 1941, p. 129 [a pesquisa de fontes de outro estudo da série a dá como Anchor/Doubleday; paginação 119/129 e 131 a confirmar]. [Intermediário, por meio do Estudo III, 1.5 (n.º 107): o estudo cita SKS 11, 191 no dinamarquês (n.º 12) e Lowrie só como leitor nomeado (Prólogo, 4.10) [página a confirmar]. Lowrie verte *Rodemester* por *tax-collector*, segundo a pesquisa de fontes; o estudo não cita essa passagem.]

1. CAPUZZI, Frank A. (trad.). HEIDEGGER, Martin. "Letter on 'Humanism'" ("Brief über den Humanismus"). In: *Pathmarks*. Cambridge: Cambridge University Press,

1998, pp. 159–160 (com a paginação de *Wegmarken* entre colchetes). [Edição de consulta, em inglês: a tese de Sartre como inversão metafísica, em paráfrase sem aspas (1.2) [V-en: Capuzzi; paráfrase]. A tradução de Ernildo Stein (Os Pensadores 45) não é citada.]

1. CABANES, Jem (trad.). MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenología de la percepción*. Planeta-Agostini [cidade e ano a completar]. [Edição de consulta, em castelhano, para o Prefácio ("condenados ao sentido") junto de Smith (n.º 30), sem a página Gallimard (1.3) [V-es: Cabanes; V-en: Smith; tradução do estudo].]

1. GRASSI, Martín. *El hombre como ser encarnado y la "filosofía concreta" de Gabriel Marcel*. Tese de licenciatura. Buenos Aires: Universidad Católica Argentina, 2008, 218 p. [Edição de consulta, digital. As citações de Marcel são traduções do próprio Grassi para o castelhano, com as páginas do francês; tese de licenciatura, isto é, de graduação. Notas 194, 284, 297 e 598. Prólogo, 1.9, 1.11, 2.12, 2.13, 3.1, 3.10, 3.11 [V via secundária: Grassi].]

1. PUGEDA III, Teofilo Giovan S. "Journeying in Hope: Insights from Gabriel Marcel and Jürgen Moltmann". *Marcel Studies* 9/1 (2024). [Edição de consulta, em inglês: único intermediário de "J'espère en toi pour nous" (n.º 40). Prólogo, 1.11, 3.10 [V via secundária: Pugeda; edição e localização a confirmar].]

1. ZANER, Richard. "The Mystery of Body-qua-mine". In: SCHILPP, Paul A.; HAHN, Lewis E. (orgs.). *The Philosophy of Gabriel Marcel*. Library of Living Philosophers. Carbondale: Open Court, 1984, pp. 320–321 [o número do volume é XVIII em Grassi e XVII na série: a confirmar]. [Intermediário: Grassi (n.º 54). O corpo em Marcel como "protótipo do ter" e da "instrumentalidade": complica a fronteira "instrumento" × Marcel (3.11) [V-en via secundária: Grassi, 2008].]

1. TEIXEIRA, Nathan Menezes Amarante. "Querer-se livre e querer-se moral é uma só e mesma decisão: Simone de Beauvoir e a ética da ambiguidade". *Griot* 17/1 (2018), pp. 398–412. [Edição de consulta (o artigo); intermediário de Beauvoir (n.º 32): a ética do "desvelamento do ser", em oposição a um "querer o ser" de Sartre (pp. 399–400). 1.5 [V-pt; leitura de Teixeira].]

1. LARA FERNÁNDEZ, Bartolomé. "Antonio Machado, el soñador entre la niebla". In: CHICHARRO CHAMORRO, A. (ed.). *Antonio Machado y Andalucía*. Sevilla: UNIA, 2013, p. 435 do volume. [Intermediário de Ortega (n.º 41): cita "(Ortega: 1966, 322)". Prólogo, 1.5, 2.6, 5.4, 6.4 [V-es via secundária: Lara].]

1. LONGO, Marco. "Huis clos ou comment 's'apprivoiser' à l'enfer". *Thélème* (UCM), 2009 [volume e páginas: dados a completar; o autor é da Universidade de Catânia].

[Edição de consulta (o artigo); intermediário de *Huis clos* (n.º 22) e da glosa gravada (n.º 23). 1.8, 3.9, 5.4, 6.1, 6.4 [V-fr via secundária: Longo].]

1. ALVES, Ana Maria. "Le concept de révolte comme une réponse de la nature humaine d'après Camus". *Intercâmbio* (2.ª série) 13 (2020), pp. 111–121. [Edição de consulta (o artigo); intermediário de *L'Homme révolté* (n.º 28): a revolta como resposta à absurdidade "avec des moyens purement humains" e «Je me révolte donc nous sommes», p. 38 da edição que Alves usa. 1.7, 2.11 [V-fr via secundária: Alves].]

1. ALVES [prenome e título a completar]. *Revista da Abordagem Gestáltica* 13 (1), 2007, pp. 97–109. [Intermediário: o Estudo VII, 4.5 (n.º 98). Sartre rejeita o *Mitsein* (*O ser e o nada*, p. 481 do francês, segundo Alves; as páginas divergem em outro autor lido pelo Estudo VII). 5.3 [paráfrase; V via secundária: Alves; localização a confirmar]. Não é a Alves de Camus (n.º 60).]

1. SANTOS [prenome a completar; "Santos, 2019 e 2021" na pesquisa de fontes do Estudo XII]. *Trans/Form/Ação* 42 (2019) e *Aufklärung* 8 (1) (2021). [Intermediário: o Estudo XII, 4.5 (n.º 103). Heidegger leu *Confissões* X no curso de verão de 1921: o *curare*, o cuidado, a perda de si como *deformitas* e *defluxus* (4.6) [V via secundária: Santos]. Grondin data o curso em 1920–21.]

1. UTTERBACK [prenome e obra a completar]. [Intermediário de Kierkegaard (n.º 15), por meio do Estudo X, 4.4 (n.º 101): "fundador da dialética", "dialética negativa" (4.4) [V via secundária: Estudo X, 4.4; tradução do estudo].]

1. QUIGLEY, Carroll. Resenha de JASPERS, Karl, *Os grandes filósofos* (*Die großen Philosophen*), vol. I, trad. Manheim, 1962. *The Washington Sunday Star*, 28/3/1962. [Intermediário, por meio do Estudo X, 4.4 (n.º 101): "os indivíduos paradigmáticos", "os pensadores seminais, dos quais só há três (Platão, Agostinho e Kant)" (4.4) [V via secundária: Estudo X, 4.4; tradução do estudo]. A obra de Jaspers não foi aberta.]

1. TAYLOR, Charles. *The Ethics of Authenticity* (*A ética da autenticidade*). Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1991 (11.ª impressão, 2003), p. 15. [Edição de consulta, em PDF com a paginação do livro: "O ideal moral por trás da autorrealização é o de ser fiel a si mesmo" (4.14, a porta do Estudo XV) [V-en; tradução do estudo]. A edição brasileira (*A ética da autenticidade*, trad. Talyta Carvalho, É Realizações, 2011) não foi aberta.]

1. LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro; rev. Artur Morão. Lisboa: Edições 70 [ano da tiragem a confirmar]. [Intermediário: o Estudo

VIII, 4.2 (n.º 99), que a leu nessa edição; a paginação é a de Lisboa. Pp. 33, 134 e 303 (1.9, 4.2) [V via secundária: Estudo VIII, 4.2; V-pt, via Estudo VIII]. Levinas sobre *Ser e tempo* (1988), em 1.12.]

1. LEVINAS, Emmanuel. "O outro, utopia e justiça". In: *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Coord. Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 2.ª ed., 2005, pp. 289–290 [edição e ano a confirmar]. [Intermediário: o Estudo VIII, 4.2 (n.º 99), que conferiu o trecho no digitalizado. 1.12, 4.2, 5.3 [V-pt, via Estudo VIII; V via secundária: Estudo VIII, 4.2].]

1. RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa* III. Campinas: Papirus, 1997 (trad. Roberto Leal Ferreira); São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010 [tradutor a completar]. [Intermediário: o Estudo IX, 4.2 (n.º 100). Pp. 115 e 436 da edição portuguesa (4.3, 4.8) [V via secundária: Estudo IX, 4.2]. Não se sabe qual das duas edições a paginação do Estudo IX segue [dados a completar].]

1. RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007 [tradutor a completar]; ed. francesa, p. 465. [Intermediário: o Estudo IX, 4.2 (n.º 100), na edição francesa: "o silêncio de *Ser e tempo* sobre o fenômeno do nascimento" (4.3, 5.3) [V via secundária: Estudo IX, 4.2; tradução do estudo].]

1. RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre* (*O si-mesmo como um outro*). Edição espanhola, pp. 292–293. [Intermediário: o Estudo IX, 4.2 (n.º 100). Gabriel Marcel dá à fidelidade o nome de disponibilidade (2.13) [V-es via secundária: Estudo IX, 4.2]. A edição portuguesa (Papirus, 1991; WMF Martins Fontes, 2014, trad. Ivone C. Benedetti) não foi aberta.]

1. ARENDT, Hannah. "Martin Heidegger faz oitenta anos" e "Karl Jaspers: laudatio". In: *La pluralidad del mundo*. Ed. Andreu Jaume. [Madrid]: Taurus / Penguin Random House, 2019. [Intermediário: o Estudo XIII, 4.6 (n.º 104), que leu o e-book em acesso aberto. 4.7: Heidegger e Platão voltados para tiranos e *Führers* [V via secundária: Estudo XIII, 4.6; paráfrase], e *humanitas* e a mentalidade alargada, na *laudatio* a Jaspers [V via secundária: Estudo XIII, 4.6; paráfrase; localização a confirmar].]

1. HEGEL, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes* (1807), Prefácio, §20. [Intermediário: o Estudo VII, 4.5 (n.º 98). A tradução brasileira de Paulo Meneses (Vozes, 1992) é a de referência do Estudo VII. 4.1 [V via secundária: Estudo VII, 4.5].]

1. ARISTÓTELES. *Física* IV, 11, 219b1–2. [Intermediário: o Estudo XI, 4.4 (n.º 102), que leu o grego de Ross (Oxford Classical Texts). "Número do movimento segundo

o antes e o depois" (4.5) [V via secundária: Estudo XI, 4.4; tradução do estudo]. A *Física* IV não tem português aberto.]

1. AGOSTINHO. *Confissões* IV, 4, 9; X, 33, 50; XI, 26, 33. [Intermediário: o Estudo XII, 4.5 (n.º 103), que conferiu o latim da Nuova Biblioteca Agostiniana; XI, 26, 33 chega também por Heidegger, *Ser e tempo*, §81, pp. 427–428 (n.º 16). "Tornei-me para mim mesmo um problema" (X, 33, 50). 4.6 [V via secundária: Estudo XII, 4.5; página a confirmar; localização a confirmar].]

1. DAVIS, Bret W. "Kyoto School". *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. [Intermediário: o Estudo I, 4.6 (n.º 105), que a leu; autoria e data a confirmar. Nishitani estudou com Heidegger entre 1937 e 1939 (4.9) [V via secundária: Estudo I, 4.6; tradução do estudo].]

1. DŌGEN. *Shōbōgenzō*, "Genjōkōan". In: *Treasury of the True Dharma Eye: Zen Master Dōgen's Shōbōgenzō*, vol. 1. Soto Zen Text Project. Sōtōshū Shūmuchō, 2023. [Intermediário: o Estudo I, 4.6 (n.º 105). 4.9 [V via secundária: Estudo I, 4.6; tradução do estudo].]

O cânon e os escritos

1. LUMEN FLUENS. *Cânon v1.2*. [Autoridade final; só o fundador o altera. Citado por parte e título: "Os Quatro Pilares" (I a IV; "Princípio", "Virtude"), "A Bússola", "A Arquitetura", "As Águas Comuns", "A Vigília", "O Abrigo", "Independência confessional", "Regra de Vida" ("Manhã"), "Parte IV — Papéis". A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado da Luz Interior*. [Seções citadas: "Definição", "Fundamentação", "O problema que responde", "Objeção provável e resposta breve".]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado da Vigília*. [Seções citadas: "Definição", "Objeção provável e resposta breve".]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado das Águas Comuns*. [Seções citadas: "Definição", "Fundamentação", "O problema que responde". Cita Buber, *Eu e Tu* (n.º 5).]

1. LUMEN FLUENS. *Disputatio da Luz Interior e do Mal*. [Seções citadas: "1. Objeção III", "Respondeo", "4. *ad tertium*".]

1. LUMEN FLUENS. *Catecismo*. [Perguntas citadas: 8, 14, 24, 25 e 35.]

1. LUMEN FLUENS. *Meditações Práticas*. [Citadas pelo título: "O Acender da manhã" e "A mudança deliberada da semana".]

1. LUMEN FLUENS. *Glossário*. Versão 1.0, validada pelo fundador em 4 de novembro de 2026. [Nomeado no Prólogo entre as fontes do cânon e das contagens de vocabulário; nenhum verbete é citado.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 17/10/2026* (n.º 1–7, numeradas como no Prólogo do Estudo VII). [Citadas: n.º 2, 3 e 5.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 19/10/2026* (n.º 1–12, como no Prólogo do Estudo VIII). [Citadas: n.º 2, 3, 4 e 5.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 23/10/2026 sobre o Estudo IX* (n.º 1–13). [Citadas: n.º 5, 7 e 10.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 23/10/2026 sobre o Estudo X* (n.º 1–10). [Citadas: n.º 3, 6 e 7.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XI* (n.º 1–11). [Citadas: n.º 4 e 7.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XII* (n.º 1–11). [Citadas: n.º 6, 7 e 8.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII* (n.º 1–12). [Citadas: n.º 2, 4, 6 e 7. As listas de 23/10 e de 31/10 são sempre citadas com o nome do estudo.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 03/11/2026 sobre o Estudo I* (n.º 1–12). [Citadas: n.º 1, 3 e 6.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 03/11/2026 sobre o Estudo II* (n.º 1–12). [Citadas: n.º 1, 3, 4, 7 e 11.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 04/11/2026 sobre o Estudo III* (n.º 1–12). [Citadas: n.º 1, 7, 8, 11 e 12.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 04/11/2026 sobre o Estudo IV* (n.º 1–12). [Citadas: n.º 1, 2, 9, 11 e 12.]

1. LUMEN FLUENS. *Ficha do Estudo V* (outubro de 2026). [Apontamento do fundador, não cânon: três toques e duas fronteiras, citados em 5.1 e no Prólogo ("Contra a vida por papéis…"; "Bússola e autenticidade…"; "Kierkegaard, a ponte…"; "Invenção vs. revelação…"; "Absurdo vs. pertencimento…"). A ser testada e, se o fundador quiser, reescrita (5.4).]

1. LUMEN FLUENS. *Fichas dos Estudos I–VII*. [Apontamentos, não cânon: citadas no Prólogo; a Ficha VI, que tocou o taoísmo (4.12).]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VII* (Hegel). [Leitura anterior; seções 4.5 e 5.1.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VIII* (Levinas). [Seção 4.2.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado IX* (Ricoeur). [Seções 3.3, 4.2 e 5.5.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado X* (Platão). [Seções 3.6 e 4.4.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XI* (Aristóteles). [Seção 4.4.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XII* (Agostinho). [Seção 4.5.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XIII* (Arendt). [Seções 3.8 e 4.6.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado I* (o budismo). [Seções 4.6 e 4.8.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado II* (a Stoa). [Seções 1.5 e 4.7.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado III* (o cristianismo). [Seções 1.5 e 4.10.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado IV* (o Vedanta). [Seção 4.9.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VI* (o taoísmo), escrito em paralelo a este. [Só apontado (Prólogo, 4.12); nenhuma seção é citada.]

APÊNDICE A — FONTES CITADAS, POR CAPÍTULO

Nos apêndices, as seções são numeradas como na edição de leitura (Prólogo e capítulos 1 a 6); nesta edição, some-se 1 ao número do capítulo (1.8 da edição de leitura = 2.8 desta).

Prólogo

O existencialismo

1. Prólogo · Sartre, *O existencialismo é um humanismo* (*L'existentialisme est un humanisme*), Paris: Nagel, 1970, p. 17; trad. Rita Correia Guedes · "a existência precede a essência" · «l'existence précède l'essence» · [V-fr; V-pt: Guedes]
2. Prólogo · Sartre, mesma obra, p. 22 · "o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo" · «l'homme n'est rien d'autre que ce qu'il se fait» · [V-fr; V-pt: Guedes; tradução do estudo]
3. Prólogo · Sartre, mesma obra, p. 21 · "se define depois" · «se définit après» · [V-fr; tradução do estudo]
4. Prólogo · Sartre, mesma obra, p. 46 · "escolha, isto é, invente" · «choisissez, c'est-à-dire inventez» · [V-fr; V-pt: Guedes]
5. Prólogo · Kierkegaard, *Ou–ou* (*Enten–Eller*) II, "Ligevægten", SKS 3, 172–173 · "escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo" · «vælger sig selv, eller rettere, det modtager sig selv» · [V-da; tradução do estudo]
6. Prólogo · Camus, *O homem revoltado* (*L'Homme révolté*), Paris: Gallimard, 1951, cap. "L'homme révolté" · "há uma natureza humana" · «il y a une nature humaine» · [V-fr via secundária; tradução do estudo; página a confirmar]
7. Prólogo · Kierkegaard, *A doença para a morte* (*Sygdommen til Døden*), II, SKS 11, 191 · o desespero "diante de Deus" como pecado · «for Gud» · [V-da; tradução do estudo]
8. Prólogo · Heidegger, *Ser e tempo* (*Sein und Zeit*), §57, p. 275 da edição alemã · "vem de mim e, no entanto, sobre mim" · «Der Ruf kommt aus mir und doch über mich» · [V-de; tradução do estudo]
9. Prólogo · Heidegger, *Ser e tempo*, §27, p. 128 da edição alemã · "cada um é o outro e ninguém é ele mesmo"; "o Ninguém" · «Jeder ist der Andere und Keiner er selbst»; «das Niemand» · [V-de; tradução do estudo]
10. Prólogo · Sartre, *O ser e o nada* (*L'Être et le néant*), Paris: Gallimard, 1943, I, 2, "A má-fé", pp. 98–99; trad. Barnes, p. 59 · "joga a ser garçom" · «il joue à être garçon de café» · [V-fr; V-en: Barnes; tradução do estudo]
11. Prólogo · Kierkegaard, "Hjertets Reenhed", *Opbyggelige Taler i forskjellig Aand* (1847), SKS 8, 138 · "a pureza de coração é querer uma só coisa" · «Hjertets Reenhed er at ville Eet» · [V-da; tradução do estudo]
12. Prólogo · Ortega y Gasset, *Meditações do Quixote* (*Meditaciones del Quijote*), 1914, *Obras completas*, I, p. 322, segundo Lara Fernández (2013) · "eu sou eu e a minha circunstância" · «yo soy yo y mi circunstancia» · [V-es via secundária: Lara; tradução do estudo]
13. Prólogo · Heidegger, *Ser e tempo*, §26, p. 122 da edição alemã; trad. Macquarrie–Robinson, pp. 158–159 · "salta adiante"; "saltar em seu lugar" · «vorausspringt»; «einspringen» · [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo]

14. Prólogo · Camus, *O homem revoltado*, Paris: Gallimard, 1951, cap. “L’homme révolté”, p. 38 da edição que Alves usa · “eu me revolto, logo somos” · «Je me révolte, donc nous sommes» · [V-fr via secundária: Alves; tradução do estudo]
15. Prólogo · Kierkegaard, *O conceito de angústia* (*Begrebet Angest*), cap. II, §2, SKS 4, 365–366 · “a vertigem da liberdade” · «Frihedens Svimlen» · [V-da; tradução do estudo]

O cânon e os escritos

1. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, II · “intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância”; “A luz não se acende — ela se revela”; “Ninguém começa do zero”
2. Prólogo · Cânon v1.2, “A Bússola” · “Posso estar lá inteiro, sem me trair?”; “eu sem a minha luz sou uma mentira”; “não escolhe os caminhos por ninguém”; “apenas veta”
3. Prólogo · Cânon v1.2, “A Arquitetura” · a Bússola, “a decisão”; “a escolha”
4. Prólogo · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “Ninguém navega um rio privado”
5. Prólogo · Cânon v1.2, “A Vigília” · “A noite é o mal que ninguém causou”
6. Prólogo · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê”
7. Prólogo · Catecismo, 24 · “Ela não escolhe os caminhos por ninguém; apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los. A decisão é sempre de quem caminha”
8. Prólogo · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias”
9. Prólogo · Decisões do fundador de 17/10/2026 sobre o Estudo VII: n.º 2 e n.º 5
10. Prólogo · Decisões do fundador de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII: n.º 3, n.º 4 e n.º 5
11. Prólogo · Decisão do fundador de 23/10/2026 sobre o Estudo X: n.º 7
12. Prólogo · Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XI: n.º 4 e n.º 7
13. Prólogo · Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XII: n.º 6 e n.º 7
14. Prólogo · Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII: n.º 4, n.º 6 e n.º 7
15. Prólogo · Decisões do fundador de 03/11/2026 sobre o Estudo I: n.º 3 e n.º 6
16. Prólogo · Decisões do fundador de 03/11/2026 sobre o Estudo II: n.º 1, n.º 3, n.º 7 e n.º 11
17. Prólogo · Decisões do fundador de 04/11/2026 sobre o Estudo III: n.º 7, n.º 8, n.º 11 e n.º 12
18. Prólogo · Decisões do fundador de 04/11/2026 sobre o Estudo IV: n.º 11 e n.º 12
19. Prólogo · Ficha do Estudo V (outubro de 2026), as cinco frases, citadas como Ficha, não cânon

Capítulo 1 — O existencialismo em sua melhor forma

O existencialismo

1. 1.1 · Nietzsche, *A gaia ciência*, §276, trad. Common, conforme Estudo II · “*Amor fati*: que seja este, de agora em diante, o meu amor!” · «—» · [V-en: Common; tradução do estudo]
2. 1.2 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §9, SZ 41 · “O ser deste ente é cada vez meu” · «Das Sein dieses Seienden ist je meines.» · [V-de; tradução do estudo]
3. 1.2 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §9, SZ 42 · “A ‘essência’ deste ente reside em seu ter-de-ser” · «Das »Wesen« dieses Seienden liegt in seinem Zu-sein.» · [V-de; tradução do estudo]

4. 1.2 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §9, SZ 42–43 · “escolher-se” a si mesmo, ganhar-se, perder-se · «kann dieses Seiende in seinem Sein sich selbst »wählen«, gewinnen, es kann sich verlieren» · [V-de; tradução do estudo]
5. 1.2 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §9, SZ 43, trad. Schuback · a impropriedade “não diz ‘ser’ menos nem um grau ‘inferior’ de ser” · «—» · [V-pt: Schuback]
6. 1.2 · Sartre, *L’Existentialisme est un humanisme*, Nagel, 1970, p. 17; trad. Rita Correia Guedes · “que a existência precede a essência, ou, se se preferir, que é necessário partir da subjetividade” · «l’existence précède l’essence» · [V-fr; V-pt: Guedes]
7. 1.2 · Sartre, *L’Existentialisme est un humanisme*, p. 21 · “o homem existe primeiro, encontra-se, surge no mundo, e se define depois” · «l’homme existe d’abord, se rencontre, surgit dans le monde, et qu’il se définit après» · [V-fr; tradução do estudo]
8. 1.2 · Sartre, *L’Existentialisme est un humanisme*, p. 22 · “não há natureza humana, pois não há Deus para concebê-la”; “o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo” · «il n’y a pas de nature humaine, puisqu’il n’y a pas de Dieu pour la concevoir»; «l’homme n’est rien d’autre que ce qu’il se fait» · [V-fr; V-pt: Guedes; tradução do estudo]
9. 1.2 · Sartre, *L’Existentialisme est un humanisme*, p. 21 · o ateu, “mais coerente” · «l’existentialisme athée, que je représente, est plus cohérent» · [V-fr; tradução do estudo]
10. 1.2 · Heidegger, “Brief über den Humanismus”, em Capuzzi, *Pathmarks*, *Wegmarken*, pp. 159–160 · a tese de Sartre como inversão metafísica (sem aspas) · «—» · [V-en: Capuzzi; paráfrase]
11. 1.2 · Kierkegaard, *Sygdommen til Døden*, I, A, SKS 11, 129 · “O eu é uma relação que se relaciona consigo mesma” · «Selvet er et Forhold, der forholder sig til sig selv …» · [V-da; trecho truncado; tradução do estudo]
12. 1.2 · Camus, *L’Homme révolté*, Gallimard, 1951, cap. “L’homme révolté” · “a análise da revolta leva pelo menos à suspeita de que há uma natureza humana, como pensavam os gregos” · «L’analyse de la révolte conduit au moins au soupçon qu’il y a une nature humaine, comme le pensaient les Grecs» · [V-fr via secundária; tradução do estudo; página a confirmar]
13. 1.3 · Kierkegaard, *Begrebet Angest*, cap. II, §2, SKS 4, 365–366 · “A angústia pode comparar-se à vertigem […] a vertigem da liberdade […] o salto, que nenhuma ciência explicou nem pode explicar” · «Angest kan man sammenligne med Svimmelhed … den Frihedens Svimlen … Springet, som ingen Videnskab har forklaret eller kan forklare.» · [V-da; tradução do estudo]
14. 1.3 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §40, SZ 186 · “Aquilo diante de que a angústia se angustia é o ser-no-mundo como tal” · «Das Wovor der Angst ist das In-der-Welt-sein als solches.» · [V-de; tradução do estudo]
15. 1.3 · Sartre, *L’Existentialisme est un humanisme*, p. 37 · estamos “sós, sem desculpas”; o homem “está condenado a ser livre”, responsável “por tudo o que faz” · «Nous sommes seuls, sans excuses»; «l’homme est condamné à être libre … il est responsable de tout ce qu’il fait» · [V-fr; V-pt: Guedes; tradução do estudo]
16. 1.3 · Sartre, *L’Être et le Néant*, IV, 1, Gallimard, 1943, pp. 515–516; Barnes, p. 439 · a letra de 1943: “estou condenado a ser livre” (singular; o plural não ocorre) · «je suis condamné à être libre» · [V-fr; V-en: Barnes; tradução do estudo]
17. 1.3 · Sartre, *L’Existentialisme est un humanisme*, p. 27 · a angústia como consciência da responsabilidade (sem aspas) · «—» · [paráfrase; localização a confirmar]

18. 1.3 · Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la perception*, “A liberdade”, trad. Colin Smith, pp. 454–455 · “Não é apesar desses motivos, nem aquém deles, que sou livre, mas por meio deles” · «I am free, not in spite of, or on the hither side of, these motivations, but by means of them» (Smith) · [V-en: Smith; tradução do estudo]
19. 1.3 · Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la perception*, Prefácio, Smith; Cabanes · “condenados ao sentido” · «Por estar en el mundo estamos condenados al sentido» (Cabanes) · [V-es: Cabanes; V-en: Smith; tradução do estudo]
20. 1.4 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §27, SZ 128 · “Cada um é o outro e ninguém é ele mesmo. A gente […] é o Ninguém a quem todo *Dasein*, no conviver, já sempre se entregou” · «Jeder ist der Andere und Keiner er selbst. Das Man … ist das Niemand, dem alles Dasein im Untereinandersein sich je schon ausgeliefert hat.» · [V-de; tradução do estudo]; *das Man*: Schuback “o impessoal”, Castilho “a-gente”
21. 1.4 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §27, SZ 127 (traços: SZ 126–127) · “mas de modo que já sempre se esgueirou dali onde o *Dasein* urge por decisão” · «Das Man ist überall dabei, doch so, daß es sich auch schon immer davongeschlichen hat, wo das Dasein auf Entscheidung drängt.» · [V-de; tradução do estudo]
22. 1.4 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §38, SZ 175; Macquarrie–Robinson, p. 220 · o termo “não exprime nenhuma avaliação negativa” · «Der Titel, der keine negative Bewertung ausdrückt …» (SZ); «This term does not express any negative evaluation» (MR) · [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo]
23. 1.4 · Sartre, *L’Être et le Néant*, I, 2, “La mauvaise foi”, pp. 98–99; Barnes, p. 59 · o garçom “joga a ser garçom”; a condição “toda de cerimônia” · «il joue à être garçon de café»; «leur condition est toute de cérémonie» · [V-fr; V-en: Barnes; tradução do estudo]
24. 1.4 · Sartre, *L’Être et le Néant*, Barnes, pp. 55–56 · a mão “sem consentir nem resistir, uma coisa”; “esta mulher está de má-fé” · «neither consenting nor resisting — a thing. We shall say that this woman is in bad faith.» · [V-en: Barnes; tradução do estudo]
25. 1.4 · Sartre, *L’Être et le Néant*, Barnes, p. 70 · a consciência é “ser o que não é e não ser o que é” (ordem das cláusulas varia) · «to be what it is not and not to be what it is» · [V-en: Barnes; tradução do estudo]
26. 1.4 · Sartre, *L’Être et le Néant*, Barnes, p. 70, n. 9 · a “recuperação de si” que se chamará autenticidade, “cuja descrição não tem lugar aqui” · «This self-recovery we shall call authenticity, the description of which has no place here.» · [V-en: Barnes; tradução do estudo]
27. 1.4 · Sartre, *L’Être et le Néant*, pp. 651–652; Barnes, p. 565 · classificação em projeto “autêntico” e “inautêntico”, “tingida de preocupação ética”, fundada na atitude diante da morte · «une pareille classification est entachée d’un souci éthique, en dépit de son auteur et par sa terminologie même» · [V-fr; V-en: Barnes; tradução do estudo]
28. 1.4 · Ortega y Gasset, *El hombre y la gente*, *Obras completas* VII, Revista de Occidente, 2.ª ed., 1964 · “Mas quem faz o que se faz? Ah! Pois a gente. Bem, mas quem é a gente? Ah! Pois todos, ninguém determinado” · «Pero ¿quién hace lo que se hace? ¡Ah! Pues la gente. Bien, pero ¿quién es la gente? ¡Ah! Pues todos, nadie determinado.» · [V-es; tradução do estudo; página a confirmar]
29. 1.4 · Kierkegaard, *Sygdommen til Døden*, II, SKS 11, 191 · “Pecado é: diante de Deus […] desesperadamente não querer ser si mesmo, ou desesperadamente querer ser si mesmo” · «Synd er: for Gud, eller med Forestillingen om Gud fortvivlet ikke at ville være sig selv, eller fortvivlet at ville være sig selv …» · [V-da; trecho truncado; tradução do estudo]

30. 1.5 · Kierkegaard, *Enten–Eller* II, “Ligevægten mellem det Æsthetiske og det Ethiske i Personlighedens Udarbeidelse”, SKS 3, 172–173 · “o eu escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo” · «Jeget vælger sig selv, eller rettere, det modtager sig selv» · [V-da; tradução do estudo]
31. 1.5 · Kierkegaard, *Enten–Eller* II, SKS 3, 207 · “Este ‘eu’ não existia antes, pois veio a ser pela escolha, e no entanto existia” · «Dette »Selv« har ikke været til før, thi det blev til ved Valget, og dog har det været til, thi det var jo »ham selv«.» · [V-da; tradução do estudo]
32. 1.5 · Kierkegaard, *Opbyggelige Taler i forskjellig Aand* (1847), “Hjertets Reenhed”, SKS 8, 138 · “A pureza de coração é querer uma só coisa” · «Hjertets Reenhed er at ville Eet» · [V-da; tradução do estudo]
33. 1.5 · Kierkegaard, “Hjertets Reenhed”, SKS 8, 143–144 · só o Bem é uno em sua essência · «Kun det Gode er Eet i sit Væsen …» · [V-da; tradução do estudo]
34. 1.5 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §57, SZ 275 · o chamado “vem de mim e, no entanto, sobre mim” · «Der Ruf kommt aus mir und doch über mich.» · [V-de; tradução do estudo]
35. 1.5 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §60, SZ 296–297 · “o projetar-se calado e disposto à angústia sobre o ser-culpado mais próprio” · «das verschwiegene, angstbereite Sichentwerfen auf das eigenste Schuldigsein» · [V-de; tradução do estudo]
36. 1.5 · Sartre, *L’Existentialisme est un humanisme*, p. 46 · “você é livre; escolha, isto é, invente. Nenhuma moral geral poderá indicar-lhe o caminho a seguir; não existem sinais no mundo” · «vous êtes libre, choisissez, c’est-à-dire inventez. Aucune morale générale ne peut vous indiquer ce qu’il y a à faire ; il n’y a pas de signe dans le monde.» · [V-fr; V-pt: Guedes]
37. 1.5 · Sartre, *L’Existentialisme est un humanisme*, p. 27 · “escolhendo-me, escolho o homem” · «en me choisissant, je choisis l’homme» · [V-fr; V-pt: Guedes]
38. 1.5 · Sartre, *L’Existentialisme est un humanisme*, p. 38 · o homem, “sem apoio e sem ajuda, está condenado a inventar o homem a cada instante” · «l’homme, sans aucun appui et sans aucun secours, est condamné à chaque instant à inventer l’homme» · [V-fr; V-pt: Guedes]
39. 1.5 · Beauvoir, *Pour une morale de l’ambiguïté*, Gallimard, 2013, p. 31, segundo Teixeira · “querer o desvelamento do mundo, querer-se livre, é um só e mesmo movimento” · «vouloir le dévoilement du monde, se vouloir libre, c’est un seul et même mouvement» · [V-fr via secundária: Teixeira, *Griot*, 2018; tradução do estudo]
40. 1.5 · Ortega y Gasset, *Meditaciones del Quijote* (1914), *Obras completas* I, 1966, p. 322, segundo Lara Fernández (2013) · “eu sou eu e a minha circunstância, e se não a salvo, não me salvo eu” · «yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo» · [V-es via secundária: Lara; tradução do estudo]
41. 1.6 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §47, SZ 240 · “Ninguém pode tirar do outro o seu morrer” · «Keiner kann dem Anderen sein Sterben abnehmen.» · [V-de; V-en: MR; tradução do estudo]
42. 1.6 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §52, SZ 258–259 · “A morte, como fim do *Dasein*, é a possibilidade mais própria, irrelativa, certa e, como tal, indeterminada, insuperável, do *Dasein*” · «Der Tod als Ende des Daseins ist die eigenste, unbezügliche, gewisse und als solche unbestimmte, unüberholbare Möglichkeit des Daseins.» · [V-de; tradução do estudo]
43. 1.6 · Jaspers, *Einführung in die Philosophie*, Piper, 1971, p. 18 · “tenho de morrer, tenho de sofrer […] situações-limite. Isto é, são situações além das quais não podemos ir, que não podemos mudar” · «ich muß sterben, ich muß leiden … Grenzsituationen. Das heißt, es sind

Situationen, über die wir nicht hinaus können, die wir nicht ändern können.» · [V-de; tradução do estudo]

44. 1.6 · Jaspers, *Einführung in die Philosophie*, p. 18 · reagimos às situações-limite "ou pelo encobrimento ou […] pelo desespero e pela restauração" · «durch Verschleierung oder … durch Verzweiflung und durch Wiederherstellung» · [V-de; tradução do estudo]
45. 1.6 · Jaspers, *Einführung in die Philosophie*, p. 19 · "a origem nas situações-limite traz o impulso fundamental de ganhar, no naufrágio, o caminho para o ser" · «Der Ursprung in den Grenzsituationen bringt den Grundantrieb, im Scheitern den Weg zum Sein zu gewinnen.» · [V-de; tradução do estudo]
46. 1.6 · Sartre, *L'Être et le Néant*, Barnes, p. 547 · "não há lugar para a morte no ser-para-si"; a morte "nada mais que um certo aspecto da facticidade e do ser-para-outro"; "é absurdo que nasçamos, é absurdo que morramos" · «It is absurd that we are born; it is absurd that we die.» · [V-en: Barnes; tradução do estudo; original francês não conferido]
47. 1.6 · Unamuno, *Del sentimiento trágico de la vida*, cap. I, "El hombre de carne y hueso" (ed. Renacimiento, 1912; sem paginação) · "o homem de carne e osso, o que nasce, sofre e morre — sobretudo morre" · «El hombre de carne y hueso, el que nace, sufre y muere — sobre todo muere—» · [V-es; tradução do estudo; página a confirmar]
48. 1.6 · Unamuno, *Del sentimiento trágico de la vida*, cap. II, "El punto de partida" · a terceira solução: "uma resignação desesperada, ou um desespero resignado, e a luta" · «una resignación desesperada, o una desesperación resignada, y la lucha» · [V-es; tradução do estudo; página a confirmar]
49. 1.6 · Frankl, *Man's Search for Meaning*, trad. Ilse Lasch (transcrição do Wikiquote, sem página) · a "última das liberdades humanas", a de escolher a própria atitude · «the last of the human freedoms — to choose one's attitude in any given set of circumstances» · [V-en: Lasch; tradução do estudo; página a confirmar]
50. 1.6 · Nietzsche, *Götzen-Dämmerung*, "Sprüche und Pfeile", 12 (Projeto Gutenberg 7203; edição de base não identificada) · "quem tem um porquê para viver suporta quase qualquer como" · «Hat man sein warum? des Lebens, so verträgt man sich fast mit jedem wie?» · [V-de; tradução do estudo]
51. 1.6 · Frankl, *Man's Search for Meaning*, Rider/Ebury, 2004, pp. 84 e 109, segundo Quote Investigator (2019) · Frankl cita o aforismo nomeando Nietzsche · «He who has a why to live for can bear with almost any how» · [V-en via secundária: Rider]
52. 1.7 · Camus, *Le Mythe de Sisyphe*, Gallimard, 1942 (UQAC, paginação do impresso), "L'absurde et le suicide", p. 15 · "Só há um problema filosófico realmente sério: é o suicídio" · «Il n'y a qu'un problème philosophique vraiment sérieux : c'est le suicide.» · [V-fr; tradução do estudo]
53. 1.7 · Camus, *Le Mythe de Sisyphe*, "Les murs absurdes", p. 45 · "O absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio desarrazoado do mundo" · «L'absurde naît de cette confrontation entre l'appel humain et le silence déraisonnable du monde.» · [V-fr; tradução do estudo]
54. 1.7 · Camus, *Le Mythe de Sisyphe*, p. 48 · o absurdo mora "nem no homem […] nem no mundo, mas na sua presença comum" · «l'absurde n'est pas dans l'homme […], ni dans le monde, mais dans leur présence commune» · [V-fr; tradução do estudo]
55. 1.7 · Camus, *Le Mythe de Sisyphe*, "Le suicide philosophique", p. 57 · "Kierkegaard também dá o salto" · «Kierkegaard lui aussi fait le saut» · [V-fr; tradução do estudo]

56. 1.7 · Camus, *Le Mythe de Sisyphe*, “La liberté absurde”, pp. 88–89 · “Tiro assim do absurdo três consequências, que são a minha revolta, a minha liberdade e a minha paixão” · «Je tire ainsi de l’absurde trois conséquences qui sont ma révolte, ma liberté et ma passion.» · [V-fr; tradução do estudo]
57. 1.7 · Camus, *Le Mythe de Sisyphe*, “Le mythe de Sisyphe”, p. 168 · “A própria luta rumo aos cumes basta para encher um coração de homem. É preciso imaginar Sísifo feliz” · «La lutte elle-même vers les sommets suffit à remplir un cœur d’homme. Il faut imaginer Sisyphe heureux.» · [V-fr; tradução do estudo]
58. 1.7 · Sartre, *L’Être et le Néant*, Barnes, p. 479 · a escolha “pode muito bem parecer absurda, e de fato é absurda” · «can very well appear absurd, and in fact it is absurd» · [V-en: Barnes; tradução do estudo]
59. 1.7 · Camus, *L’Homme révolté*, cap. “L’homme révolté”, abertura (texto de prova de concurso) · “Que é um homem revoltado? Um homem que diz não. Mas, se recusa, não renuncia: é também um homem que diz sim, desde o primeiro movimento” · «Qu’est-ce qu’un homme révolté ? Un homme qui dit non. Mais s’il refuse, il ne renonce pas : c’est aussi un homme qui dit oui, dès son premier mouvement.» · [V-fr via secundária; tradução do estudo; página a confirmar]
60. 1.7 · Camus, *L’Homme révolté*, mesmo capítulo · um valor “que preexiste a toda ação” · «cette valeur qui préexiste à toute action» · [V-fr via secundária; tradução do estudo; página a confirmar]
61. 1.7 · Camus, *L’Homme révolté*, 1951, p. 38, segundo Alves (*Intercâmbio*, 2.ª série, 13, 2020, pp. 111–112) · “Eu me revolto, logo somos” · «Je me révolte, donc nous sommes» · [V-fr via secundária: Alves; página da edição que Alves usa]
62. 1.7 · Camus, *La Peste*, Gallimard, 1947, p. 170 · “Não se trata de heroísmo em tudo isso. Trata-se de honestidade […]. No meu caso, sei que ela consiste em fazer o meu ofício” · «Il ne s’agit pas d’héroïsme dans tout cela. Il s’agit d’honnêteté. […] Mais dans mon cas, je sais qu’elle consiste à faire mon métier.» · [V-fr; tradução do estudo]
63. 1.7 · Camus, *La Peste*, p. 256 · “sinto mais solidariedade com os vencidos do que com os santos […]. O que me interessa é ser homem” · «je me sens plus de solidarité avec les vaincus qu’avec les saints. […] Ce qui m’intéresse, c’est d’être un homme.» · [V-fr; tradução do estudo]
64. 1.7 · Camus, *La Peste*, pp. 310–311 · “que há nos homens mais coisas a admirar do que a desprezar” · «qu’il y a dans les hommes plus de choses à admirer que de choses à mépriser» · [V-fr; tradução do estudo]
65. 1.8 · Sartre, *L’Être et le Néant*, III, Barnes, pp. 259–260 · “não é que há alguém ali; é que sou vulnerável […], que sou visto” · «it is not that there is someone there; it is that I am vulnerable […] in short, that I am seen» · [V-en: Barnes; tradução do estudo]
66. 1.8 · Sartre, *Huis clos*, Gallimard, 2012, p. 93, segundo Longo (*Thélème*, 2009) · “não precisa de grelha: o inferno são os outros” · «Pas besoin de gril : l’enfer, c’est les Autres.» · [V-fr via secundária: Longo; edição de 1945 não conferida]
67. 1.8 · Sartre, glosa gravada de “l’enfer, c’est les autres”, segundo Longo (2009; remete a Ferraro, 1994, p. 9) e *fiche* de ensino (1964; Longo: 1965) · “se as relações com o outro são tortas, viciadas, o outro só pode ser o inferno” · «si les rapports avec autrui sont tordus, viciés, alors l’autre ne peut être que l’enfer» · [V-fr via secundária: Longo; fonte primária (disco, Gallimard, 2004) não ouvida; data a confirmar]

68. 1.8 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §26, SZ 122; Macquarrie–Robinson, pp. 158–159 · “pode tirar do outro o ‘cuidado’ […], saltar em seu lugar”; “salta adiante dele em seu poder-ser existencial, não para tirar-lhe o ‘cuidado’, mas para devolvê-lo” · «für ihn einspringen»; «ihm in seinem existenziellen Seinkönnen vorausspringt, nicht um ihm die »Sorge« abzunehmen, sondern erst eigentlich als solche zurückzugeben» · [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo]
69. 1.8 · Jaspers, *Einführung in die Philosophie*, p. 88 · “Como ser-si-mesmo, estamos remetidos a outro ser-si-mesmo […]. Não há liberdade isolada” · «Als Selbstsein sind wir angewiesen auf anderes Selbstsein … Es gibt keine isolierte Freiheit.» · [V-de; tradução do estudo]
70. 1.8 · Jaspers, *Einführung in die Philosophie*, p. 94 · “A verdade começa a dois” · «Die Wahrheit beginnt zu zweien.» · [V-de; tradução do estudo]
71. 1.8 · Buber, *Eu e Tu*, trad. Newton Aquiles von Zuben, Centauro, 10.ª ed., 2006, partes I a III, citado no Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “toda vida atual é encontro” · «Alles wirkliche Leben ist Begegnung» · [V-pt via secundária: Tratado das Águas Comuns; alemão e páginas não conferidos]
72. 1.9 · Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la perception*, trad. Smith, pp. 145–146 · “O corpo é o nosso meio geral de ter um mundo” · «The body is our general medium for having a world.» · [V-en: Smith; tradução do estudo]
73. 1.9 · Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la perception*, Smith, p. 174, n. 1 · a sua distinção “não coincide com a de M. Marcel”; “o nosso ‘ter’ corresponde grosso modo ao ser de Marcel” · «our “having” corresponds roughly to M. Marcel’s being» · [V-en: Smith; tradução do estudo]
74. 1.9 · Marcel, *Être et avoir*, Aubier, p. 237, na versão castelhana de Grassi (2008), nota 284 · “O primeiro objeto, o objeto-tipo com o qual me identifico e que no entanto me escapa, é o meu corpo […]. O corpo é o ter-tipo” · «objet-type» / «l’avoir-type» (palavras-chave dadas por Grassi) · [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]
75. 1.9 · Marcel, *Du refus à l’invocation*, Gallimard, 1940, p. 34, na versão de Grassi, nota 297 · dizer “eu sou meu corpo” é “emitir um juízo negativo” · «je suis mon corps» · [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]
76. 1.10 · Kierkegaard, *Frygt og Bæven*, Problema I, SKS 4, 148; Marinho, *Os Pensadores* 31, p. 282 · “Há uma suspensão teleológica da moralidade?” · «Gives der en teleologisk Suspension af det Ethiske?» · [V-pt: Marinho]
77. 1.10 · Kierkegaard, *Frygt og Bæven*, Problema I, SKS 4, 159; Marinho, p. 284 · “a história de Abraão comporta esta suspensão teleológica da moralidade” · «Abrahams Historie indeholder da en teleologisk Suspension af det Ethiske.» · [V-pt: Marinho]
78. 1.10 e 1.7 · Kierkegaard, *Frygt og Bæven*, “Lovtale over Abraham” · Abraão “creu em virtude do absurdo” · «Han troede i Kraft af det Absurde» · [V-da; tradução do estudo; localização a confirmar]
79. 1.10 · Kierkegaard, *Sygdommen til Døden*, I, A, SKS 11, 164 · o eu “repousa transparente no Poder que o pôs” · «grunder Selvet gjennemsigtigt i den Magt, som satte det» · [V-da; tradução do estudo]
80. 1.10 · Kierkegaard, *Sygdommen til Døden*, II, SKS 11, 196 · “o contrário do pecado não é a virtude, mas a fé” · «Modsætningen til Synd ikke er Dyd, men Tro» · [V-da; trecho truncado; tradução do estudo]

81. 1.10 · Sartre, *L'Existentialisme est un humanisme*, pp. 30–31 · "Nada me designa para ser Abraão, e, no entanto, sou a cada instante obrigado a realizar atos exemplares"; "sou eu sempre quem decidirá que essa voz é a do anjo" · «Rien ne me désigne pour être Abraham …»; «c'est toujours moi qui déciderai que cette voix est la voix de l'ange» · [V-fr; V-pt: Guedes; tradução do estudo]
82. 1.10 · Sartre, *L'Existentialisme est un humanisme*, p. 95 · o existencialismo "não é tanto um ateísmo no sentido de que se esgotaria em demonstrar que Deus não existe"; "mesmo que Deus existisse, nada mudaria" · «même si Dieu existait, ça ne changerait rien» · [V-fr; V-pt: Guedes; tradução do estudo]
83. 1.10 · Sartre, *L'Existentialisme est un humanisme*, p. 36 · "Dostoiévski escreveu: 'Se Deus não existisse, tudo seria permitido'" · «Dostoïevsky avait écrit : « Si Dieu n'existait pas, tout serait permis. »» · [V-fr; V-pt: Guedes; atribuição de Sartre, sem obra nem página]
84. 1.10 · Dostoiévski, *Os irmãos Karamázov*, I, II, 7 (fala de Rakitin), trad. Garnett; texto russo (lib.ru) · "se não há imortalidade da alma, não há virtude, logo tudo é permitido" · «нет бессмертия души, так нет и добродетели, значит, все позволено» · [V-ru; V-en: Garnett; tradução do estudo]
85. 1.10 · Heidegger, entrevista ao *Der Spiegel*, Nr. 23, 31 de maio de 1976, trad. Richardson · "só um deus pode salvar-nos"; "uma prontidão para o aparecimento de um deus" · «Only a god can save us» / «a readiness for the appearance of a god» · [V-en: Richardson; tradução do estudo; localização a confirmar]
86. 1.10 · Jaspers, *Philosophie* III e *Der philosophische Glaube* (1948) · a fé filosófica e as cifras da transcendência (sem aspas) · «—» · [paráfrase; localização a confirmar]
87. 1.11 · Marcel, *Être et avoir*, p. 145, na versão de Grassi, nota 194 · "O problema é algo que se encontra, que barra o caminho […]. O mistério […] é algo em que me encontro engajado" · «problème» / «mystère» / «engagé» (palavras-chave dadas por Grassi) · [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]
88. 1.11 · Marcel, *Position et approches concrètes du mystère ontologique* (1933), p. 87, na versão de Grassi, nota 598 · "A alma mais disponível é a mais consagrada […] porque sabe que não deve a existência a si mesma" · «disponible» / «consacrée» (palavras-chave dadas por Grassi) · [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]
89. 1.11 · Jaspers, *Die Schuldfrage*, Lambert Schneider, 1946, p. 31 · "Culpa metafísica: há uma solidariedade entre os homens como homens […]. Se não faço o que posso para impedi-los, sou cúmplice" · «Metaphysische Schuld: Es gibt eine Solidarität zwischen Menschen als Menschen … so bin ich mitschuldig.» · [V-de; tradução do estudo]
90. 1.12 · Beauvoir, *Le Deuxième Sexe*, Gallimard, 1949, t. II, 1.ª parte, cap. I; trad. Nova Fronteira, 1980, p. 9, segundo Almeida (*Cadernos Pagu* 12, 1999) · "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher" · «On ne naît pas femme : on le devient.» · [V-fr; V-pt via secundária: Almeida]
91. 1.12 · Beauvoir, *Le Deuxième Sexe*, t. I, "Introduction" · "Ele é o Sujeito, ele é o Absoluto: ela é o Outro" · «Il est le Sujet, il est l'Absolu : elle est l'Autre.» · [V-fr; tradução do estudo; página a confirmar]
92. 1.12 · Beauvoir, *Le Deuxième Sexe*, t. II, conclusão · "homens e mulheres afirmem sem equívoco a sua fraternidade" · «hommes et femmes affirment sans équivoque leur fraternité» · [V-fr; tradução do estudo; página a confirmar]

A tradição

1. 1.1 · Kaufmann, *Existentialism from Dostoevsky to Sartre*, Meridian, 1956, citado por Dunzweiler, *Systematic Theology I*, p. 46 · “não é uma filosofia, mas um rótulo para várias revoltas muito diferentes contra a filosofia tradicional” · «Existentialism is not a philosophy but a label for several widely different revolts against traditional philosophy.» · [V-en via secundária: Dunzweiler; tradução do estudo; página do livro de Kaufmann a confirmar]
2. 1.5 · Teixeira, “Querer-se livre e querer-se moral é uma só e mesma decisão: Simone de Beauvoir e a ética da ambiguidade”, *Griot* 17/1 (2018), pp. 399–400 · Beauvoir trabalha com um “desvelamento do ser”, em oposição a Sartre (paráfrase) · «—» · [V-pt; leitura de Teixeira]
3. 1.8 · Schuback, nota N39 à tradução de *Ser e tempo* (Vozes, 2005), sobre *Fürsorge* e *einspringen/vorausspringen* · “preocupação”; evita o salto (paráfrase) · «—» · [V-pt: Schuback; nota lida, página a confirmar]
4. 1.12 · Safranski, *Ein Meister aus Deutschland: Heidegger und seine Zeit* (1994); trad. Lya Luft, Geração, 2000 · Heidegger, reitor em Freiburg em 1933–34, filiado ao partido nazista (sem aspas) · «—» · [fato histórico; fonte e página a confirmar em Safranski]

O cânon e os escritos

1. 1.10 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” · «—» · [letra do cânon]
2. 1.1 · Decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · o *amor fati* é de Nietzsche e sai da Ficha II (sem aspas) · «—» · [decisão do fundador]
3. 1.9 · Estudo VIII, 4.2 (Levinas, *Totalidade e Infinito*, p. 134) · “O *Dasein* em Heidegger nunca tem fome” · «—» · [V-pt, via Estudo VIII; leitura do estudo]
4. 1.12 · Estudo VIII, 4.2 (Levinas, “O outro, utopia e justiça”, *Entre nós*, pp. 289–290) · “mas a construção comporta ângulos ambíguos”; “Temível autenticidade! O senhor vê o que eu recusaria” · «—» · [V-pt, via Estudo VIII; conferido no digitalizado pelo Estudo VIII]
5. 1.12 · Estudo XIII, 4.6 · “a biografia não é doutrina” · «—» · [leitura do estudo]
6. 1.11 · Decisões do fundador de 23/10/2026 (n.º 11, ordem dos clássicos) e de 31/10/2026 · Marcel e Jaspers são o Estudo XIV · «—» · [decisão do fundador]
7. 1.11 e 1.12 · Decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II e decisão n.º 12 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV · matéria do tratado da justiça, (g) · «—» · [decisão do fundador]
8. 1.12 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “A fronteira do escravo por natureza e da mulher é fronteira da série” · «—» · [decisão do fundador]
9. 1.12 · Decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II e decisão n.º 11 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV · o padrão das fronteiras estende-se à Stoa, ao cristianismo e ao Vedanta, (k) · «—» · [decisão do fundador]

Capítulo 2 — Onde nos tocamos

O existencialismo

1. 2.1 · *Ser e tempo* (*Sein und Zeit*), Tübingen: Niemeyer, 1927, §27, p. 128 · “o Ninguém” a quem o *Dasein* “já se entregou” · «das Niemand, dem alles Dasein im Untereinandersein

sich je schon ausgeliefert hat» · [V-de; tradução do estudo]

2. 2.4 · *Ser e tempo*, §9, pp. 42–43 · “escolher-se” · «sich selbst »wählen«» · [V-de; tradução do estudo]
3. 2.5 · *Ser e tempo*, §57, p. 275 · “vem de mim e, contudo, sobre mim” · «Der Ruf kommt aus mir und doch über mich» · [V-de; tradução do estudo]
4. 2.5 · *Ser e tempo*, §57, p. 275 · “contra a expectativa e até contra a vontade” · «wider Erwarten und gar wider Willen» · [V-de; tradução do estudo]
5. 2.6 · *Ser e tempo*, §29, p. 134 · “o puro ‘que é’ mostra-se; o de onde e o para onde permanecem na obscuridade” · «Das pure »daß es ist« zeigt sich, das Woher und Wohin bleiben im Dunkel» · [V-de; tradução do estudo]
6. 2.6 · *Ser e tempo*, §74, p. 385 · “escolhe seu herói” · «daß das Dasein sich seinen Helden wählt» · [V-de; tradução do estudo]
7. 2.10 · *Ser e tempo*, §26, p. 122 · “saltar em seu lugar”; “cuidado”; “salta adiante” · «einspringen»; «Sorge»; «vorausspringen» · [V-de; tradução do estudo]
8. 2.2 · Sartre, *O ser e o nada* (*L’être et le néant*), I, 2, trad. inglesa de Hazel Barnes, Nova York: Philosophical Library, 1956, p. 60 · “no modo de ser o que não é” · ‘I am a waiter in the mode of being what I am not’ · [V-en: Barnes; tradução do estudo]
9. 2.2 · Sartre, Barnes, p. 65 · “a estrutura essencial da sinceridade não difere da da má-fé” · ‘the essential structure of sincerity does not differ from that of bad faith’ · [V-en: Barnes; tradução do estudo]
10. 2.2 · Sartre, Barnes, p. 70, nota 9 · “recuperação de si”, que ele chama autenticidade · ‘self-recovery’; ‘authenticity’ · [V-en: Barnes; tradução do estudo]
11. 2.4 · Sartre, *O existencialismo é um humanismo* (*L’existentialisme est un humanisme*), Paris: Nagel, 1970, p. 46 · “escolha, isto é, invente” · «choisissez, c’est-à-dire inventez» · [V-fr; V-pt: Guedes]
12. 2.6 · Sartre, *O existencialismo é um humanismo*, p. 37 · “não se criou a si mesmo” · «parce qu’il ne s’est pas créé lui-même» · [V-fr; V-pt: Guedes]
13. 2.11 · Sartre, *O existencialismo é um humanismo*, p. 22 · “não há natureza humana” · «il n’y a pas de nature humaine» · [V-fr; V-pt: Guedes]
14. 2.11 · Sartre, *O existencialismo é um humanismo*, p. 27 · “escolhendo-me, escolho o homem” · «en me choisissant, je choisis l’homme» · [V-fr; V-pt: Guedes]
15. 2.10 · Sartre, *Entre quatro paredes* (*Huis clos*), cena final · “o inferno são os outros” · «l’enfer, c’est les autres» · [V-fr; página a confirmar]
16. 2.3 · Kierkegaard, *Discursos edificantes em vários espíritos* (*Opbyggelige Taler i forskjellig Aand*), 1847, *Søren Kierkegaards Skrifter* (SKS) 8, p. 138 · “querer uma só coisa” · «at ville Eet» · [V-da; tradução do estudo]
17. 2.4 · Kierkegaard, *Ou–ou* (*Enten–Eller*) II, “Ligevægten”, SKS 3, pp. 172–173 · “escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo” · «Jeget vælger sig selv, eller rettere, det modtager sig selv» · [V-da; tradução do estudo]
18. 2.4 · Kierkegaard, *Ou–ou*, SKS 3 · o Ou–ou como ato de se escolher, e não como escolha entre o Bem e o Mal · [V-da; paráfrase; página a confirmar]
19. 2.6 · Kierkegaard, *A repetição* (*Gjentagelsen*), SKS 4, p. 9 · “recorda-se para a frente” · «erindres forlænds» · [V-da; tradução do estudo]
20. 2.6 · Ortega y Gasset, *Meditações do Quixote* (*Meditaciones del Quijote*), 1914, *Obras completas*, t. I, Madrid: Revista de Occidente, 1966, p. 322 · “eu sou eu e a minha

circunstância” · «yo soy yo y mi circunstancia» · [V-es via secundária: Lara; localização a confirmar]

21. 2.7 · Jaspers, *Introdução à filosofia* (*Einführung in die Philosophie*), p. 18 · “situações além das quais não podemos ir” · «Situationen, über die wir nicht hinaus können» · [V-de; tradução do estudo]
22. 2.7 · Jaspers, *Introdução à filosofia*, p. 19 · “o naufrágio” · «das Scheitern» · [V-de; tradução do estudo]
23. 2.11 · Jaspers, *Introdução à filosofia*, p. 94 · “A verdade começa a dois” · «Die Wahrheit beginnt zu zweien» · [V-de; tradução do estudo]
24. 2.8 · Camus, *O mito de Sísifo* (*Le mythe de Sisyphe*), “Os muros absurdos”, p. 45 · “o silêncio desarrazoado do mundo” · «le silence déraisonnable du monde» · [V-fr; tradução do estudo]
25. 2.8 · Camus, *O mito de Sísifo*, p. 168 · “A própria luta rumo aos cumes basta” · «La lutte elle-même vers les sommets suffit à remplir un cœur d’homme» · [V-fr; tradução do estudo]
26. 2.9 · Camus, *A peste* (*La peste*), p. 170 · “trata-se de honestidade”; “consiste em fazer o meu ofício” · «il s’agit d’honnêteté»; «elle consiste à faire mon métier» · [V-fr; tradução do estudo]
27. 2.9 · Camus, *A peste*, p. 256 · “Pode-se ser um santo sem Deus?”; “ser homem” · «Peut-on être un saint sans Dieu»; «d’être un homme» · [V-fr; tradução do estudo]
28. 2.11 · Camus, *O homem revoltado* (*L’homme révolté*), p. 38 · “Eu me revolto, logo somos” · «Je me révolte, donc nous sommes» · [V-fr via secundária: Alves]
29. 2.11 · Camus, *O homem revoltado*, cap. “O homem revoltado” · “uma natureza humana”; “preexiste a toda ação” · «une nature humaine»; «préexiste à toute action» · [V-fr via secundária: Alves; página a confirmar; tradução do estudo]
30. 2.12 · Merleau-Ponty, *Fenomenologia da percepção* (*Phénoménologie de la perception*), trad. inglesa de Colin Smith, Londres: Routledge, 1962, pp. 145–146 · “nosso meio geral de ter um mundo” · ‘our general medium for having a world’ · [V-en: Smith; tradução do estudo]
31. 2.12 · Merleau-Ponty, Smith, pp. 197–198 · “eu sou meu corpo” · ‘I am my body’ · [V-en: Smith; tradução do estudo]
32. 2.12 · Marcel, *Ser e ter* (*Être et avoir*), p. 237 · o corpo como “ter-tipo” · «l’avoir-type» · [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]
33. 2.12 · Marcel, *Do recusar ao invocar* (*Du refus à l’invocation*), p. 34 · dizer “eu sou meu corpo” é “emitir um juízo negativo” · «je suis mon corps» · [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]
34. 2.13 · Marcel, *Posição e abordagens concretas do mistério ontológico* (*Position et approches concrètes du mystère ontologique*), p. 87 · a *disponibilité*, de quem “não se pertence” · [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]
35. 2.14 · Beauvoir, *O segundo sexo* (*Le deuxième sexe*), t. II, 1.ª parte, cap. I · “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”; “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade” · «On ne naît pas femme : on le devient» · [V-fr; V-pt via secundária: Almeida; página a confirmar]

A tradição

1. 2.13 · Ricoeur, *O si-mesmo como um outro* (*Soi-même comme un autre*), edição espanhola, pp. 292–293 · “Gabriel Marcel dá a essa fidelidade o nome de disponibilidade” · [V-es via secundária: Estudo IX, 4.2]

O cânon e os escritos

1. 2.1 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “pode estar plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias”
2. 2.1 · Tratado da Luz Interior, “O problema que responde” · a “ferida” de quem mede o valor pelo desempenho
3. 2.1 · Meditações Práticas, “O Acender da manhã” · “por um instante, ainda não é ninguém — não é o cargo, não é a lista de mensagens não lidas […]. É só luz”
4. 2.1, 2.11 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “de todos e de ninguém”; “Ninguém navega um rio privado”; “devo ao rio o próprio fluxo”; “a luz é pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre”
5. 2.1 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “de ninguém” não quer dizer “de quem chegar primeiro”
6. 2.11 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “toda vida atual é encontro”
7. 2.2, 2.3, 2.4 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “a luz está lá? Posso estar lá inteiro, sem me trair? Se a resposta é não, não vou. Porque eu sem a minha luz sou uma mentira”
8. 2.3 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “a pergunta decisiva é uma só”
9. 2.4 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “a Bússola não escolhe os caminhos por ninguém; ela apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los”
10. 2.4 · Cânon v1.2, “A Arquitetura” · a Bússola como “a decisão”; entre os eixos dos elementos, “a escolha”
11. 2.2 · Catecismo, 25 · “ir aonde a luz não está exige apagá-la, e quem a apaga passa a viver o que não é”
12. 2.4 · Catecismo, 24 · “a decisão é sempre de quem caminha”
13. 2.10 · Catecismo, 14 · o Portar: “levar consigo, como mensagem”
14. 2.3 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “Integridade: coerência entre o que se é por dentro e o que se vive por fora”
15. 2.6, 2.14 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “anterior a qualquer conquista ou circunstância”
16. 2.6 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “Ninguém começa do zero. Somos herdeiros de gerações e civilizações inteiras — e ancestrais de quem virá”
17. 2.13 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III · “Disponibilidade: prontidão interior para o novo, sem apego ansioso ao que passa”
18. 2.12 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “A transcendência passa pela matéria. O corpo, o lugar, o ritmo — os ‘tijolos do templo’ — não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento”; “estar inteiro onde o corpo está”
19. 2.3 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, Manhã · “a única coisa que hoje não pode ficar sem luz”

20. 2.5, 2.9 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · não é teísta, ateu nem agnóstico; para quem crê a Luz tem nome próprio, para quem não crê é “a consciência mais funda, o verdadeiro em si”; “a filosofia não decide isso por ninguém”
21. 2.7, 2.9 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “há escuridões que nenhuma bússola veta: a perda, a doença, o acaso que desaba”; “a luz não promete o amanhecer nem finge que não é noite”; “a Vigília promete presença, não vitória”; “é o mal que ninguém causou”
22. 2.8 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “se a noite não tem sentido, a luz que nela vela não seria ilusão?”; “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer”
23. 2.9 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “Sê casa para o outro”; “lugar seguro no rio: braços onde o cansado descansa, casa para quem está cansado de estar só”
24. 2.6 · Meditações Práticas, “A mudança deliberada da semana” · “repetir” como crítica da semana sempre igual
25. 2.8 · Decisão n.º 2 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII · a resposta adotada para a segunda pergunta da série, “o que há no fundo da noite?”
26. 2.10 · Decisão n.º 3 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · “o olhar do outro apenas vê”; o Abrigo “revela e nada exige”
27. 2.10 · Decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · “O Abrigo não vai até a substituição. O limite é a Bússola: ser casa para o outro nunca pede que a luz própria se apague”
28. 2.5 · Decisão n.º 5 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · a voz do outro “em mim”
29. 2.7 · Decisão n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · a fronteira entre noite e lobo passa pelo ato, não pela pessoa
30. 2.12 · Decisão n.º 6 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “só templo”: o corpo não encobre a luz
31. 2.5 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · o veto é a própria Luz, “sem voz externa”
32. 2.5 · Decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · o veto percebe o particular
33. 2.14 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · a fronteira da série, nascida do escravo por natureza e da mulher em Aristóteles
34. 2.14 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux”
35. 2.12 · Decisão n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · *A cidade de Deus*, XIV, 3, como aliado do Corpus
36. 2.5 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · o veto inclui as perspectivas dos outros
37. 2.1 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “o Examinar é o que a irreflexão dispensa”
38. abertura, 2.1 · Decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I · “a Lux é de alguém”; a mente luminosa não é nome da Lux
39. abertura · Decisão n.º 4 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · o *logos* não é nome da Lux
40. 2.14 · Decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · a fronteira estendida à Stoa
41. 2.5 · Decisão n.º 7 de 04/11/2026 sobre o Estudo III · a consciência lida como voz de Deus
42. 2.6 · Decisão n.º 8 de 04/11/2026 sobre o Estudo III · “culpa herdada × rio herdado”

43. 2.14 · Decisão n.º 11 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV · a fronteira estendida ao cristianismo e ao Vedanta
44. 2.1 · Ficha do Estudo V, versão anterior · “a ferida do Pilar I” · [Ficha, não cânon]
45. 2.2, 2.11 · Ficha do Estudo V, versão anterior · “autenticidade” para a Bússola; “o rio não é indiferente” · [Ficha, não cânon]
46. 2.1 · Estudo XIII, 3.8 e 4.6 · a irreflexão e o “social” de Arendt ao lado do “a gente” · [leitura do estudo]
47. 2.3 · Estudo VII, 4.5 · o palácio e o celeiro lidos como o que “a integridade pede” · [leitura do estudo]
48. 2.7 · Estudo IX, 5.5 · as situações-limite tocam a Vigília “na medida em que sejam noite” · [leitura do estudo]
49. 2.13 · Estudo IX, 4.2 e 5.5 · a coincidência de vocabulário em Marcel e Ricoeur, sem ponte · [leitura do estudo]

Capítulo 3 — Onde nos separamos

O existencialismo

1. 3.1 · Sartre, *L’existentialisme est un humanisme*, Nagel, p. 17 · “a existência precede a essência” · «l’existence précède l’essence» · [V-fr; V-pt: Guedes]
2. 3.1 · Sartre, *L’existentialisme est un humanisme*, p. 21 · “existe primeiro, encontra-se, surge no mundo, e se define depois” · «l’homme existe d’abord, se rencontre, surgit dans le monde, et se définit après» · [V-fr; tradução do estudo]
3. 3.1 · Sartre, *L’existentialisme est un humanisme*, p. 38 · “inventar o homem a cada instante” · «inventer l’homme» · [V-fr; V-pt: Guedes]
4. 3.1 · Sartre, *L’existentialisme est un humanisme*, p. 46 · “escolha, isto é, invente” · «choisissez, c’est-à-dire inventez» · [V-fr; V-pt: Guedes]
5. 3.1, 3.3 · Sartre, *L’existentialisme est un humanisme*, p. 27 · “escolhendo-me, escolho o homem” · «en me choisissant, je choisis l’homme» · [V-fr; V-pt: Guedes]
6. 3.1 · Kierkegaard, *Søren Kierkegaards Skrifter* (SKS) 3, *Enten–Eller* II, 172–173 · “escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo” · [V-da; tradução do estudo]
7. 3.1 · Camus, *L’homme révolté*, cap. “L’homme révolté” · “há uma natureza humana” · [V-fr via secundária; página a confirmar; tradução do estudo]
8. 3.1 · Marcel, *Du refus à l’invocation*, p. 149 · “metafisicamente falando, não me pertenço” · «je ne m’appartiens pas» · [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]
9. 3.2 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §27, p. 128 · “cada um é o outro e ninguém é ele mesmo” · «Jeder ist der Andere und Keiner er selbst» · [V-de; tradução do estudo]
10. 3.2 · Sartre, *L’être et le néant*, Barnes, p. 65 · sinceridade “não difere da da má-fé” · [V-en: Barnes; tradução do estudo]
11. 3.2 · Kierkegaard, SKS 11, *Sygdommen til Døden*, II, 191 · “diante de Deus […] desesperadamente não querer ser si mesmo” · [V-da; tradução do estudo]
12. 3.2 · Kierkegaard, SKS 11, *Sygdommen til Døden*, I, A, 164 · “repousa transparente no Poder que o pôs” · [V-da; tradução do estudo]
13. 3.3 · Kierkegaard, SKS 3, *Enten–Eller* II, 165–166 · o Ou–ou não é a escolha entre o Bem e o Mal · [V-da; página a confirmar; tradução do estudo]

14. 3.3 · Jaspers, *Filosofía* II, cap. VI · “a liberdade é a escolha de mim mesmo” · [V-es: Vela; página a confirmar; tradução do estudo]
15. 3.4 · Kierkegaard, SKS 8, *Hjertets Reenhed er at ville Eet*, 138 · “a pureza de coração é querer uma só coisa” · [V-da; tradução do estudo]
16. 3.5 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §57, p. 275 · “o chamado vem de mim e, contudo, sobre mim” · «Der Ruf kommt aus mir und doch über mich» · [V-de; tradução do estudo]
17. 3.6 · Kierkegaard, SKS 4, *Begrebet Angest*, II, §2, 365–366 · “vertigem da liberdade” · [V-da; tradução do estudo]
18. 3.6 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §40, p. 186; §29, p. 134 · “o ser-no-mundo como tal”; “no escuro” · [V-de; tradução do estudo]
19. 3.6 · Jaspers, *Einführung in die Philosophie*, pp. 18–19 · situações-limite; “o caminho para o ser” · [V-de; tradução do estudo]
20. 3.6, 3.8, 3.12 · Camus, *Le mythe de Sisyphe*, pp. 45, 57, 168 · o absurdo; o salto; Sísifo · [V-fr; tradução do estudo]
21. 3.7 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §47, p. 240; §52, pp. 258–259 · «Keiner kann dem Anderen sein Sterben abnehmen»; a possibilidade mais própria · [V-de; tradução do estudo]
22. 3.8 · Sartre, *L’être et le néant*, Barnes, pp. 479, 547 · “é absurdo que tenhamos nascido; é absurdo que morramos” · [V-en: Barnes; tradução do estudo]
23. 3.9 · Sartre, *Huis clos*, Gallimard, p. 93 · “o inferno são os outros” · «l’enfer, c’est les Autres» · [V-fr via secundária: Longo; data a confirmar]
24. 3.9 · Sartre, *L’être et le néant*, Barnes, pp. 288–289 · o olhar; a queda original · [V-en: Barnes; tradução do estudo]
25. 3.9 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §26, p. 122 · *einspringen* × *vorausspringen* · [V-de; tradução do estudo]
26. 3.10 · Marcel, *Homo viator*, p. 77 · “espero em ti por nós” · «J’espère en toi pour nous» · [V via secundária: Pugeda; edição e localização a confirmar]
27. 3.10 · Marcel, *Position et approches concrètes du mystère ontologique*, p. 87 · *disponibilité* · [V via secundária: Grassi]
28. 3.10 · Jaspers, *Einführung in die Philosophie*, pp. 88, 94 · “a verdade começa a dois” · «Die Wahrheit beginnt zu zweien» · [V-de; tradução do estudo]
29. 3.11 · Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la perception*, trad. Smith, pp. 145–146, 197–198 · “eu sou meu corpo”; “meio geral de ter um mundo” · [V-en; tradução do estudo]
30. 3.11 · Marcel, *Être et avoir*, p. 237 · o corpo como tipo do ter · [V via secundária: Grassi]
31. 3.11 · Zaner, *The Philosophy of Gabriel Marcel*, pp. 320–321 · “protótipo do ter e da instrumentalidade” · [V-en via secundária: Grassi, 2008]
32. 3.12 · Unamuno, *Del sentimiento trágico de la vida*, cap. III · «crear en fuerza de fe» · [V-es; tradução do estudo; página a confirmar]
33. 3.13 · Kierkegaard, SKS 4, *Frygt og Bæven*, Problema I, 148, 155–156 · suspensão teleológica; o Singular · [V-da; paráfrase; localização a confirmar]
34. 3.13 · Kierkegaard, *Temor e tremor*, “Stemning”, Marinho, p. 271 · “pelo absurdo” · [V-da via secundária: Marinho; tradução do estudo]
35. 3.13 · Sartre, *L’existentialisme est un humanisme*, pp. 30–31 · “nada me designa para ser Abraão” · «Rien ne me désigne pour être Abraham» · [V-fr; tradução do estudo]

36. 3.14 · Beauvoir, *Le deuxième sexe*, II, 1.ª parte, cap. I, Nova Fronteira, 1980, p. 9 · “não se nasce mulher: torna-se” · «On ne naît pas femme : on le devient» · [V-fr; V-pt]
37. 3.14 · Jaspers, *Die Schuldfrage*, p. 64 · “a falta da solidariedade absoluta com o homem como homem” · [V-de; tradução do estudo]

A tradição

1. 3.14 · Safranski, sobre 1933 · [paráfrase; página a confirmar]

O cânon e os escritos

1. 3.1, 3.15 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “anterior a qualquer conquista ou circunstância. A luz não se acende — ela se revela”
2. 3.1 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “Acender supõe ausência prévia…”
3. 3.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “anterior ao seu desempenho… reconhecê-lo, não fabricá-lo”
4. 3.2 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “por adaptação às expectativas alheias”
5. 3.2 · Tratado das Águas Comuns, “O problema que responde” · “É a correnteza que cobra”
6. 3.2 · Catecismo, 25 · “passa a viver o que não é”
7. 3.2, 3.3, 3.13 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “apenas veta”; “eu sem a minha luz sou uma mentira”
8. 3.3, 3.15 · Catecismo, 24 · “A decisão é sempre de quem caminha”
9. 3.3 · Disputatio, “Respondeo” · “nasceu, de fato, na voz do agente”
10. 3.4 · Catecismo, 8 · “vive dividido”
11. 3.5, 3.12 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém”
12. 3.6 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “há escuridões que nenhuma bússola veta”; “A noite é o mal que ninguém causou”
13. 3.6, 3.7, 3.10 · Tratado da Vigília · “uma luz acesa dentro da noite”; “não precisa do fim para valer”
14. 3.6 · Tratado da Luz Interior, “O problema que responde” · “ansiedade sem fundo”
15. 3.8 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “reconhecer-se pequeno no rio, mas parte dele”
16. 3.8 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · a companhia
17. 3.8 · Disputatio, Objeção III · a indiferença
18. 3.11 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “são seu instrumento”
19. 3.11 · Tratado da Luz Interior; Tratado das Águas Comuns, “O problema que responde” · “instrumento, nunca como fim”; “vê no rio um instrumento”
20. 3.10 · Tratado da Vigília, “Definição” · “A Vigília não se chama resistência […]”

1. 3.7 · 19/10/2026, Estudo VIII, n.º 2 · a presença
2. 3.9 · 17/10/2026, Estudo VII, n.º 3; 19/10/2026, Estudo VIII, n.º 3 e 4 · o Abrigo
3. 3.4, 3.5, 3.13 · 23/10/2026, Estudo IX, n.º 7; Estudo X, n.º 3 e n.º 7
4. 3.7, 3.14 · 31/10/2026, Estudo XI, n.º 7; Estudo XII, n.º 7; Estudo XIII, n.º 2
5. 3.1, 3.6, 3.8, 3.15 · 03/11/2026, Estudo I, n.º 3; Estudo II, n.º 1, n.º 7 e n.º 11

6. 3.2, 3.5, 3.12, 3.14 · 04/11/2026, Estudo III, n.º 7 e n.º 8; Estudo IV, n.º 9; Estudos III e IV, n.º 12

1. 3.1, 3.8, 3.15 · Ficha do Estudo V, outubro · [Ficha, não cânon]
2. 3.13 · Estudo VII, 5.1 · a questão (j) · [leitura do estudo]
3. 3.7 · Estudo XIII, 4.6 · a fronteira da antecipação · [leitura do estudo]

Capítulo 4 — O existencialismo diante das casas da série

O existencialismo

1. 4.1 · Kierkegaard, *Pós-escrito conclusivo não científico* (*Afsluttende uvidenskabelig Efterskrift*), 1846, sob o pseudônimo Johannes Climacus · “a) pode-se dar um sistema lógico; b) mas não se pode dar nenhum sistema da existência” · [V via secundária: Estudo VII, 4.5]
2. 4.1, 4.11 · Sartre, *O ser e o nada* (*L’Être et le néant*), 1943 · “a intuição genial de Hegel”; “por princípio impossível” · [V via secundária: Estudo VII, 4.5; localização a confirmar]
3. 4.1 · Kierkegaard, *Temor e tremor* (*Frygt og Bæven*), Problema I, *Søren Kierkegaards Skrifter* (SKS) 4, 159 · “como o Singular, tornou-se mais alto que o Universal” · «Han er som den Enkelte bleven høiere end det Almene» · [V-da; tradução do estudo]
4. 4.1 · Kierkegaard, *Discursos edificantes em diversos espíritos* (*Opbyggelige Taler i forskjellig Aand*), 1847 · “querer uma só coisa é, portanto, querer o bem sem consideração pela recompensa” · [V via secundária: Estudo VII, 5.1]
5. 4.3 · Heidegger, *Ser e tempo* (*Sein und Zeit*), §52, pp. 258–259 da edição alemã, Tübingen: Niemeyer · “a possibilidade mais própria, irrelativa, certa” · «die eigenste, unbezügliche, gewisse und als solche unbestimmte, unüberholbare Möglichkeit des Daseins» · [V-de; tradução do estudo]
6. 4.5 · Heidegger, *Ser e tempo*, §6 · “é a primeira interpretação detalhada desse fenômeno que chegou até nós” · [V via secundária: Estudo XI, 4.4; tradução do estudo; página a confirmar]
7. 4.5 · Kierkegaard, *Migalhas filosóficas* (*Philosophiske Smuler*), “Interlúdio”, nota · “está em começar pelo princípio de que tudo o que é necessário é possível” · [V via secundária: Estudo XI, 4.4; tradução do estudo; página a confirmar]
8. 4.10 · Kierkegaard, *A doença para a morte* (*Sygdommen til Døden*), II, SKS 11, 191 (Lowrie, p. 129, via Estudo III, 1.5) · “diante de Deus, em desespero não querer ser si mesmo” · «for Gud, […] fortvivlet ikke at ville være sig selv» · [V-da; tradução do estudo]
9. 4.13 · Sartre, *Questão de método* (*Questions de méthode*), p. 14 · “a filosofia insuperável do nosso tempo” · «le marxisme comme l’indépassable philosophie de notre temps» · [V-fr via secundária; localização a confirmar]
10. 4.13 · Camus, *O homem revoltado* (*L’Homme révolté*), 1951, cap. “L’homme révolté” · “esse valor que preexiste a toda ação contradiz as filosofias puramente históricas” · «cette valeur qui préexiste à toute action contredit les philosophies purement historiques» · [V-fr via secundária; tradução do estudo; página a confirmar]
11. 4.14 · Heidegger, *Ser e tempo*, §9, p. 43 da edição alemã (Schuback, Vozes) · “não diz ‘ser’ menos nem um grau ‘inferior’ de ser” · [V-pt: Schuback; página a confirmar]

12. 4.14 · Sartre, *O ser e o nada*, Paris: Gallimard, pp. 651–652 · “uma preocupação ética” · «entachée d’un souci éthique, en dépit de son auteur et par sa terminologie même» · [V-fr; tradução do estudo]

A tradição

1. 4.1 · Hegel, *Fenomenologia do Espírito*, Prefácio, §20 · “O verdadeiro é o todo” · [V via secundária: Estudo VII, 4.5]
2. 4.2 · Levinas, *Totalidade e Infinito*, p. 33 · “A ontologia como filosofia primeira é uma filosofia do poder” · [V via secundária: Estudo VIII, 4.2]
3. 4.2 · Levinas, *Totalidade e Infinito*, p. 134 · “O *Dasein* em Heidegger nunca tem fome” · [V via secundária: Estudo VIII, 4.2]
4. 4.2 · Levinas, *Totalidade e Infinito*, p. 303 · “O encontro com o Outro em Sartre ameaça minha liberdade e equivale à queda da minha liberdade sob o olhar de outra liberdade” · [V via secundária: Estudo VIII, 4.2; tradução do estudo]
5. 4.2 · Levinas, “O outro, utopia e justiça”, *Entre nós*, pp. 289–290 · “sem mais se dissolvem ou ‘saltam’ todas as ‘relações aos outros’”; “Temível autenticidade! O senhor vê o que eu recusaria” · [V via secundária: Estudo VIII, 4.2]
6. 4.3, 4.8 · Ricoeur, *Tempo e narrativa* III, ed. pt., p. 115 · “numa configuração ética, muito marcada por certo estoicismo, que a resolução diante da morte constitui a prova suprema de autenticidade” · [V via secundária: Estudo IX, 4.2]
7. 4.3, 4.8 · Ricoeur, *Tempo e narrativa* III, ed. pt., p. 436 · “uma celebração da vida de preferência a uma preparação para a morte” · [V via secundária: Estudo IX, 4.2]
8. 4.3 · Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento*, ed. fr., p. 465 · “o silêncio de *Ser e tempo* sobre o fenômeno do nascimento” · [V via secundária: Estudo IX, 4.2; tradução do estudo]
9. 4.4 · Kierkegaard, *O conceito de ironia* (*Om Begrebet Ironi*), lido por Utterback · “fundador da dialética”; “dialética negativa”; “a ideia da dialética”, não “a dialética da Ideia” · [V via secundária: Estudo X, 4.4; tradução do estudo]
10. 4.4 · Jaspers, *Os grandes filósofos* (*Die großen Philosophen*), resenha de Quigley · “os indivíduos paradigmáticos”; “os pensadores seminais, dos quais só há três (Platão, Agostinho e Kant)” · [V via secundária: Estudo X, 4.4; tradução do estudo]
11. 4.5 · Aristóteles, *Física* IV, 11, 219b1–2 · “número do movimento segundo o antes e o depois” · [V via secundária: Estudo XI, 4.4; tradução do estudo]
12. 4.6 · Agostinho, *Confissões* IV, 4, 9 · “uma grande questão para mim mesmo” · [V via secundária: Estudo XII, 4.5; página a confirmar]
13. 4.6 · Agostinho, *Confissões* X, 33, 50 · “tornei-me para mim mesmo um problema” · [V via secundária: Estudo XII, 4.5; localização a confirmar]
14. 4.6 · Heidegger, curso de verão de 1921, lido por Santos (2019 e 2021) · o *curare*, o cuidado, e a perda de si como *deformitas* e *defluxus* · [V via secundária: Santos]
15. 4.6 · Agostinho, *Confissões* XI, 26, 33, citado por Heidegger, *Ser e tempo*, §81, pp. 427–428 · “não é outra coisa senão distensão; mas de que coisa, não sei, e será de admirar se não for do próprio espírito” · [V via secundária: Estudo XII, 4.5; tradução do estudo]
16. 4.7 · Arendt, “Martin Heidegger faz oitenta anos” · Heidegger e Platão voltados para tiranos e Führers · [V via secundária: Estudo XIII, 4.6; paráfrase]

17. 4.7 · Arendt, escritos sobre Jaspers (*laudatio*) · *humanitas* e mentalidade alargada · [V via secundária: Estudo XIII, 4.6; paráfrase; localização a confirmar]
18. 4.8 · Epicteto, *Encheirídion*, 17 · “interpretar belamente o papel que te é dado — mas escolhê-lo, cabe a outro” · [V via secundária: Estudo II, 1.5; V-pt: Dinucci–Julien]
19. 4.9 · Nishitani, verbete “Kyoto School”, *Stanford Encyclopedia of Philosophy* · “o convidava com frequência à sua casa para aprender sobre o Zen” · [V via secundária: Estudo I, 4.6; tradução do estudo]
20. 4.9 · Dōgen, *Shōbōgenzō*, “Genjōkōan” · “esquecer-se de si” · [V via secundária: Estudo I, 4.6; tradução do estudo]
21. 4.14 · Taylor, *The Ethics of Authenticity* (“A ética da autenticidade”), Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1991, p. 15 · “O ideal moral por trás da autorrealização é o de ser fiel a si mesmo” · «The moral ideal behind self-fulfilment is that of being true to oneself» · [V-en; tradução do estudo]

O cânon e os escritos

1. 4.1, 4.12 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “a luz é pessoal, nunca individual”
2. 4.1 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “uma filosofia que só protege a própria luz vira lamparina de museu”
3. 4.1, 4.2 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los”
4. 4.3, 4.10 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “Ninguém começa do zero”
5. 4.4 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “o indivíduo define-se pelo que o separa”
6. 4.4, 4.5 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “Porque eu sem a minha luz sou uma mentira”
7. 4.4, 4.14 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Virtude” · “coerência entre o que se é por dentro e o que se vive por fora”
8. 4.14 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “Posso estar lá inteiro, sem me trair?”
9. 4.6, 4.8 · Catecismo, 14 · “Suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz”
10. 4.6 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “por hábito”
11. 4.9 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “vazio que precisa ser preenchido”
12. 4.7 · Tratado da Vigília, “Definição” · “com ou sem intenção”
13. 4.9 · Tratado da Vigília, “Definição” · “o mal que ninguém causou”
14. 4.13 · Disputatio, 4, *ad tertium* · “subsiste, sim, uma ausência: o cânon não possui hoje um princípio explícito de justiça ou responsabilização”
15. 4.2 · Decisão n.º 3 de 17/10/2026, Estudo VII · “não a fabrica, mas pode ser o primeiro a vê-la”
16. 4.3 · Decisão n.º 5 de 23/10/2026, Estudo IX · “A voz do outro ‘em mim’ é a própria Luz”
17. 4.4 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026, Estudo X · “o sinal de Sócrates fica em Platão”
18. 4.9 · Decisão n.º 3 de 03/11/2026, Estudo I · “a Lux é de alguém”
19. 4.9 · Decisão n.º 6 de 03/11/2026, Estudo I · “o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite”
20. 4.8 · Decisão n.º 3 de 03/11/2026, Estudo II · “consentir ao destino”
21. 4.13 · Decisão n.º 11 de 03/11/2026, Estudo II · “até o estudo de Marx”

22. 4.10 · Decisão n.º 7 de 04/11/2026, Estudo III · “apenas veta”
23. 4.10 · Decisão n.º 8 de 04/11/2026, Estudo III · “em lugar de ‘pecado’, a luz encoberta, a noite e o lobo”
24. 4.13 · Decisão n.º 11 de 04/11/2026, Estudos III e IV · “até o estudo de Marx”
25. 4.11 · Decisão n.º 2 de 04/11/2026, Estudo IV · “O Si é a sua luz”; “a luz não se acende — ela se revela”
26. 4.11 · Decisão n.º 12 de 04/11/2026, Estudo IV · “atemporal”; “eterna” e “imortal” não se dizem da Lux
27. 4.1 · Estudo VII, 4.5 · “aliados parciais” · [leitura do estudo]
28. 4.3 · Estudo IX, 4.2 · “morte” e “morrer” não ocorrem · [leitura do estudo]

Capítulo 5 — A Ficha e as prévias: o que a série já disse do existencialismo

O existencialismo

1. 5.1 · Heidegger, *Ser e tempo* (*Sein und Zeit*), §38, Tübingen: Niemeyer, 1927, p. 175; trad. Macquarrie–Robinson · “não exprime nenhuma avaliação negativa” · «Der Titel, der keine negative Bewertung ausdrückt …» · [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo]
2. 5.1 · Heidegger, *Ser e tempo*, §9, p. 43 da edição alemã; trad. Schuback, Petrópolis: Vozes · “A impropriedade […] não diz ‘ser’ menos nem um grau ‘inferior’ de ser” · [V-pt: Schuback; V-en: Macquarrie–Robinson; página a confirmar]
3. 5.1, 5.4 · Kierkegaard, “Hjertets Reenhed”, em *Opbyggelige Taler i forskjellig Aand* (1847), *Søren Kierkegaards Skrifter* (SKS) 8, 138 · “A pureza de coração é querer uma só coisa” · «Hjertets Reenhed er at ville Eet» · [V-da; tradução do estudo]
4. 5.1 · Sartre, *O existencialismo é um humanismo* (*L’existentialisme est un humanisme*), Paris: Nagel, 1970, p. 17; trad. Rita Correia Guedes · “a existência precede a essência” · «l’existence précède l’essence» · [V-fr; V-pt: Guedes]
5. 5.1 · Sartre, mesma obra, p. 46 · “escolha, isto é, invente” · «choisissez, c’est-à-dire inventez» · [V-fr; V-pt: Guedes]
6. 5.1 · Camus, *O homem revoltado* (*L’Homme révolté*), Paris: Gallimard, 1951, cap. “L’homme révolté” · “preexiste a toda ação” · «préexiste à toute action» · [V-fr via secundária; tradução do estudo; localização a confirmar]
7. 5.1 · Sartre, *O ser e o nada* (*L’Être et le néant*), Paris: Gallimard, 1943; trad. Barnes (*Being and Nothingness*), pp. 479 e 547 · “absurdo”, dito da escolha livre e da morte · [V-en: Barnes; tradução do estudo]
8. 5.2, 5.4 · Heidegger, *Ser e tempo*, §26, p. 122 da edição alemã; trad. Macquarrie–Robinson, pp. 158–159 · “saltar em seu lugar”; “salta adiante” · «einspringen»; «voraussprингt» · [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo]
9. 5.2, 5.4 · Heidegger, *Ser e tempo*, §57, p. 275 da edição alemã · “o chamado vem de mim e, no entanto, sobre mim” · «Der Ruf kommt aus mir und doch über mich» · [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo]
10. 5.3 · Kierkegaard (Johannes Climacus), *Pós-escrito conclusivo não científico* (1846), segundo o Estudo VII, 4.5 · “a) pode-se dar um sistema lógico; b) mas não se pode dar nenhum sistema da existência” · [V via secundária: Estudo VII, 4.5]

11. 5.4 · Kierkegaard, *Ou–ou* (*Enten–Eller*) II, “Ligevægten”, SKS 3, 172–173 · “o eu escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo” · «Jeget vælger sig selv, eller rettere, det modtager sig selv» · [V-da; tradução do estudo]
12. 5.4 · Ortega y Gasset, *Meditações do Quixote* (*Meditaciones del Quijote*), 1914, *Obras completas*, I, 1966, p. 322, segundo Lara Fernández (2013) · “eu sou eu e a minha circunstância” · «yo soy yo y mi circunstancia» · [V-es via secundária: Lara; tradução do estudo]
13. 5.4 · Merleau-Ponty, *Fenomenologia da percepção* (*Phénoménologie de la perception*), 1.ª parte; trad. Smith (*Phenomenology of Perception*), pp. 145–146 · “O corpo é o nosso meio geral de ter um mundo” · ‘The body is our general medium for having a world’ · [V-en: Smith; tradução do estudo]
14. 5.4 · Sartre, *O existencialismo é um humanismo*, p. 22 · “o homem nada mais é do que aquilo que faz de si” · «l’homme n’est rien d’autre que ce qu’il se fait» · [V-fr; tradução do estudo]
15. 5.4 · Kierkegaard, *O conceito de angústia* (*Begrebet Angest*), cap. II, §2, SKS 4, 365–366 · “Assim a angústia é a vertigem da liberdade” · «Saaledes er Angest den Frihedens Svimlen» · [V-da; tradução do estudo]
16. 5.4 · Heidegger, *Ser e tempo*, §47, p. 240 da edição alemã · “Ninguém pode tirar do outro o seu morrer” · «Keiner kann dem Anderen sein Sterben abnehmen» · [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo]
17. 5.4 · Camus, *O mito de Sísifo* (*Le Mythe de Sisyphe*), Paris: Gallimard, 1942, “Os muros absurdos”, p. 45 · “o silêncio desarrazoado do mundo” · «le silence déraisonnable du monde» · [V-fr; tradução do estudo]
18. 5.4 · Sartre, *Entre quatro paredes* (*Huis clos*), Paris: Gallimard, 2012, p. 93, segundo Longo (2009) · “o inferno são os outros” · «l’enfer, c’est les Autres» · [V-fr via secundária: Longo]
19. 5.4 · Kierkegaard, *A doença para a morte* (*Sygdommen til Døden*), II, SKS 11, 191 · “Pecado é: diante de Deus […] desesperadamente não querer ser si mesmo, ou desesperadamente querer ser si mesmo” · «Synd er: for Gud, eller med Forestillingen om Gud fortvivlet ikke at ville være sig selv, eller fortvivlet at ville være sig selv» · [V-da; tradução do estudo]
20. 5.4 · Beauvoir, *O segundo sexo* (*Le Deuxième Sexe*), Paris: Gallimard, 1949, t. II, 1.ª parte, cap. I, abertura · “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” · «On ne naît pas femme : on le devient» · [V-fr; V-pt via secundária: Almeida; página a confirmar]

A tradição

1. 5.3 · Alves, segundo o Estudo VII, 4.5, sobre Sartre e o *Mitsein* · Sartre rejeita o *Mitsein* · [paráfrase; V via secundária: Alves; localização a confirmar]
2. 5.3 · Levinas, “O outro, utopia e justiça”, em *Entre nós*, pp. 289–290, segundo o Estudo VIII, 4.2 · “Temível autenticidade!” · [V-pt; V via secundária: Estudo VIII, 4.2]
3. 5.3 · Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento*, ed. fr., p. 465, segundo o Estudo IX, 4.2 · “o silêncio de *Ser e tempo* sobre o fenômeno do nascimento” · [V-fr via secundária: Estudo IX, 4.2]

O cânon e os escritos

1. 5.1 · Cânon v1.2, Parte IV · “PARTE IV — PAPÉIS”

2. 5.1, 5.4 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “a luz pode estar plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias”
3. 5.1, 5.4 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “Posso estar lá inteiro, sem me trair? Se a resposta é não, não vou”
4. 5.1 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “a pergunta decisiva é uma só: a luz está lá?”
5. 5.1 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, Manhã · “a única coisa que hoje não pode ficar sem luz”
6. 5.1, 5.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio” · “anterior a qualquer conquista ou circunstância”; “A luz não se acende — ela se revela”
7. 5.1 · Disputatio, 1, Objeção III · “indiferença moral disfarçada de serenidade”
8. 5.1 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “cada um se faz companhia”
9. 5.1, 5.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II, “Princípio” · “Ninguém começa do zero”
10. 5.4 · Catecismo, 24 · “Ela não escolhe os caminhos por ninguém; apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los. A decisão é sempre de quem caminha”
11. 5.4 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “A noite é o mal que ninguém causou”
12. 5.4 · Tratado da Vigília, “Definição” · “Velar não é vigiar nem esperar”
13. 5.4 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “Ninguém navega um rio privado”
14. 5.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Princípio” · “O corpo, o lugar, o ritmo — os ‘tijolos do templo’ — não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento”
15. 5.4 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém”
16. 5.4 · Decisão n.º 2 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII · “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer”
17. 5.2 · Decisão n.º 5 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII · “a irreflexão não é noite”
18. 5.4 · Decisão n.º 3 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · “o Abrigo revela e nada exige”
19. 5.2, 5.4 · Decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · “O Abrigo não vai até a substituição”
20. 5.2 · Decisão n.º 5 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · “a assimetria é de posição, não de valor”
21. 5.2, 5.4 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “O veto da Bússola é a própria Luz na pessoa, sem voz externa”
22. 5.2 · Decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “A Bússola percebe o particular e veta”
23. 5.4 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux”
24. 5.2 · Decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “A margem é ‘estar consigo’”
25. 5.2 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “o caso que a Bússola percebe inclui as perspectivas dos outros”
26. 5.2 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “A irreflexão é figura do lobo ‘sem intenção’”
27. 5.1, 5.4 · Decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I · “a Lux é de alguém”
28. 5.2 · Decisão n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I · “o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite”
29. 5.2 · Decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · “consentir ao destino”; “a Stoa consente, o cânon porta”

30. 5.2 · Decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · “a Vigília promete presença, não vitória”
31. 5.2 · Decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · “o padrão das fronteiras fixadas para os clássicos estende-se à Stoa”
32. 5.2 · Decisão n.º 7 de 04/11/2026 sobre o Estudo III · “A consciência como voz de Deus e a Bússola”
33. 5.2, 5.4 · Decisão n.º 8 de 04/11/2026 sobre o Estudo III · “a luz encoberta, a noite e o lobo”
34. 5.2 · Decisão n.º 11 de 04/11/2026 sobre o Estudo III · “O padrão das fronteiras fixadas para os clássicos estende-se ao cristianismo”
35. 5.2 · Decisão n.º 12 de 04/11/2026 sobre o Estudo III · “(g) segue aberta até o tratado”
36. 5.2 · Decisão n.º 11 de 04/11/2026 sobre o Estudo IV · “O padrão das fronteiras fixadas para os clássicos estende-se ao Vedanta”
37. 5.2 · Decisão n.º 12 de 04/11/2026 sobre o Estudo IV · “‘atemporal’ é letra do cânon […] ‘eterna’ e ‘imortal’ não se dizem da Lux”
38. 5.1 · Ficha do Estudo V (outubro de 2026), toque 1 · “Contra a vida por papéis: a má-fé (Sartre) e o ‘a gente’ (Heidegger) nomeiam a ferida do Pilar I.” · [Ficha, não cânon]
39. 5.1 · Ficha do Estudo V, toque 2 · “Bússola e autenticidade: não ir aonde eu precisaria me trair.” · [Ficha, não cânon]
40. 5.1 · Ficha do Estudo V, toque 3 · “Kierkegaard, a ponte: querer uma só coisa.” · [Ficha, não cânon]
41. 5.1 · Ficha do Estudo V, fronteira 1 · “Invenção vs. revelação: para Sartre a existência precede a essência; para nós a luz precede a existência vivida.” · [Ficha, não cânon]
42. 5.1 · Ficha do Estudo V, fronteira 2 · “Absurdo vs. pertencimento: o rio não é indiferente — é a companhia de todos que já atravessaram.” · [Ficha, não cânon]
43. 5.3 · Estudo IX, 4.2 · “a ficha já disse que a luz precede a existência vivida” · [leitura do estudo]
44. 5.3 · Estudo III, 4.10 · “com Marcel e Jaspers” · [leitura do estudo]
45. 5.3 · Estudo IV, 4.9 · “pelo singular e pelo papel” · [leitura do estudo]

Capítulo 6 — Síntese, fórmula e questões abertas

O existencialismo

1. 6.1 · Heidegger, *Ser e tempo* (*Sein und Zeit*), §27, p. 128 da edição alemã · “Cada um é o outro e ninguém é ele mesmo” · «Jeder ist der Andere und Keiner er selbst» · [V-de; tradução do estudo]
2. 6.1 · Sartre, *O ser e o nada* (*L’Être et le néant*), Paris: Gallimard, 1943, I, 2, pp. 98–99; trad. Barnes, p. 59 · “joga a ser garçom” · «il joue à être garçon de café» · [V-fr; V-en: Barnes; tradução do estudo]
3. 6.1 · Kierkegaard, “Hjertets Reenhed”, *Opbyggelige Taler i forskjellig Aand* (1847), SKS 8, 138 · “a pureza de coração é querer uma só coisa” · «Hjertets Reenhed er at ville Eet» · [V-da; tradução do estudo]
4. 6.1 · Kierkegaard, *A doença para a morte* (*Sygdommen til Døden*), II, SKS 11, 191 · o desespero “diante de Deus” · «for Gud» · [V-da; tradução do estudo]

5. 6.1, 6.4 · Kierkegaard, *Ou–ou* (*Enten–Eller*) II, SKS 3, 172–173 · “escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo” · «vælger sig selv, eller rettere, det modtager sig selv» · [V-da; tradução do estudo]
6. 6.1 · Sartre, *O existencialismo é um humanismo* (*L’existentialisme est un humanisme*), Paris: Nagel, 1970, p. 27; trad. Guedes · “escolhendo-me, escolho o homem” · «en me choisissant, je choisis l’homme» · [V-fr; V-pt: Guedes]
7. 6.1 · Kierkegaard, *O conceito de angústia* (*Begrebet Angest*), cap. II, §2, SKS 4, 365–366 · “a vertigem da liberdade” · «Frihedens Svimlen» · [V-da; tradução do estudo]
8. 6.1 · Heidegger, *Ser e tempo*, §40, p. 186 da edição alemã · a angústia diante do ser-no-mundo como tal · [V-de; paráfrase]
9. 6.1 · Heidegger, *Ser e tempo*, §47, p. 240 da edição alemã · “Ninguém pode tirar do outro o seu morrer” · «Keiner kann dem Anderen sein Sterben abnehmen» · [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo]
10. 6.1, 6.4 · Sartre, *Entre quatro paredes* (*Huis clos*), Paris: Gallimard, 2012, p. 93, segundo Longo (2009) · “o inferno são os outros” · «l’enfer, c’est les Autres» · [V-fr via secundária: Longo]
11. 6.1 · Camus, *O mito de Sísifo* (*Le Mythe de Sisyphe*), Paris: Gallimard, 1942, p. 45 · “o silêncio desarrazoado do mundo” · «le silence déraisonnable du monde» · [V-fr; tradução do estudo]
12. 6.1, 6.4 · Heidegger, *Ser e tempo*, §26, p. 122 da edição alemã; trad. Macquarrie–Robinson, pp. 158–159 · “salta adiante”; “saltar em seu lugar” · «vorausspringt»; «einspringen» · [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo]
13. 6.1 · Beauvoir, *O segundo sexo* (*Le Deuxième Sexe*), Paris: Gallimard, 1949, t. II, 1.ª parte, cap. I · “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” · «On ne naît pas femme : on le devient» · [V-fr; V-pt via secundária: Almeida; página a confirmar]
14. 6.1 · Camus, *O homem revoltado* (*L’Homme révolté*), Paris: Gallimard, 1951, cap. “L’homme révolté” · “há uma natureza humana” · «il y a une nature humaine» · [V-fr via secundária; tradução do estudo; página a confirmar]
15. 6.2 · Sartre, *O existencialismo é um humanismo*, pp. 17 e 46 · “a existência precede a essência”; “escolha, isto é, invente” · «l’existence précède l’essence»; «choisissez, c’est-à-dire inventez» · [V-fr; V-pt: Guedes]
16. 6.3 · Kierkegaard, *Temor e tremor* (*Frygt og Bæven*), “Stemning”, trad. Marinho, em *Kierkegaard*, col. *Os Pensadores*, vol. 31, Abril Cultural, 1974, p. 271 · “creu pelo absurdo” · «Han troede i Kraft af det Absurde» · [V-pt: Marinho; V-da]
17. 6.3, 6.4 · Jaspers, *A questão da culpa* (*Die Schuldfrage*), Heidelberg: Schneider, 1946, p. 64 · “a falta da solidariedade absoluta com o homem como homem” · «der Mangel an der absoluten Solidarität mit dem Menschen als Menschen» · [V-de; tradução do estudo]
18. 6.4 · Ortega y Gasset, *Meditações do Quixote* (*Meditaciones del Quijote*), *Obras completas*, I, p. 322, segundo Lara Fernández (2013) · “eu sou eu e a minha circunstância” · «yo soy yo y mi circunstancia» · [V-es via secundária: Lara; tradução do estudo]
19. 6.4 · Camus, *O homem revoltado*, Paris: Gallimard, 1951, cap. “L’homme révolté”, p. 38 da edição que Alves usa · “Eu me revolto, logo somos” · «Je me révolte, donc nous sommes» · [V-fr via secundária: Alves; tradução do estudo]
20. 6.4 · Heidegger, *Ser e tempo*, §57, p. 275 da edição alemã · “vem de mim e, no entanto, sobre mim” · «Der Ruf kommt aus mir und doch über mich» · [V-de; tradução do estudo]

21. 6.4 · Merleau-Ponty, *Fenomenologia da percepção* (*Phénoménologie de la perception*), 1.ª parte; trad. Smith (*Phenomenology of Perception*), pp. 145–146 · “nosso meio geral de ter um mundo” · ‘The body is our general medium for having a world’ · [V-en: Smith; tradução do estudo]
22. 6.4 · Merleau-Ponty, mesma obra, trad. Smith, pp. 197–198 · “eu sou meu corpo” · ‘I am my body’ · [V-en: Smith; tradução do estudo]
23. 6.5 · Sartre, *O existencialismo é um humanismo*, p. 38 · “condenado a inventar o homem a cada instante” · «condamné à chaque instant à inventer l’homme» · [V-fr; V-pt: Guedes]

O cânon e os escritos

1. 6.1, 6.4 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias”
2. 6.1, 6.3, 6.4 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “eu sem a minha luz sou uma mentira”; “Posso estar lá inteiro, sem me trair?”; “a pergunta decisiva é uma só”
3. 6.3 · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “a única coisa que hoje não pode ficar sem luz”
4. 6.1, 6.2, 6.3 · Catecismo, 24 · “Ela não escolhe os caminhos por ninguém; apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los. A decisão é sempre de quem caminha”
5. 6.1 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “A noite é o mal que ninguém causou”; “há escuridões que nenhuma bússola veta”
6. 6.1, 6.4 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “Ninguém navega um rio privado”
7. 6.2, 6.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, II · “A luz não se acende — ela se revela”; “Ninguém começa do zero”
8. 6.2, 6.3 · Cânon v1.2, “A Arquitetura” · a Bússola, “a decisão”
9. 6.3 · Catecismo, 8 · “vive dividido”
10. 6.3 · Estudo VII, 5.1 · a questão (j), citada na letra
11. 6.1, 6.4 · Decisão do fundador de 17/10/2026 sobre o Estudo VII: n.º 2
12. 6.1, 6.4 · Decisões do fundador de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII: n.º 3 e n.º 4
13. 6.3 · Decisão do fundador de 23/10/2026 sobre o Estudo X: n.º 7
14. 6.3 · Decisão do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XI: n.º 7
15. 6.2, 6.3 · Decisão do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XII: n.º 7
16. 6.1, 6.3, 6.5 · Decisão do fundador de 03/11/2026 sobre o Estudo I: n.º 3
17. 6.2, 6.3 · Decisões do fundador de 03/11/2026 sobre o Estudo II: n.º 1 e n.º 11
18. 6.1, 6.3 · Decisões do fundador de 04/11/2026 sobre o Estudo III: n.º 7, n.º 8, n.º 11 e n.º 12
19. 6.3 · Decisões do fundador de 04/11/2026 sobre o Estudo IV: n.º 11 e n.º 12
20. 6.4 · Fórmulas dos Estudos I, II, III e IV: decisões n.º 1 de 03/11/2026 sobre os Estudos I e II; n.º 1 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV

APÊNDICE B — CONFERÊNCIAS PENDENTES

Conferências pendentes

Este estudo traz 652 marcas de verificação entre colchetes, contadas por grupo no Prólogo e nos seis capítulos (360 no corpo e 292 nas listas de Fontes; 17 delas, no "Como ler este estudo", definem as marcas e não marcam passagem). Dessas, 93 levam "a confirmar": 47 no corpo e 46 nas Fontes, que repetem em parte as mesmas passagens. Por tipo, são 51 "página a confirmar" (21 no corpo e 30 nas Fontes), 28 "localização a confirmar" (15 e 13), 7 "tese a confirmar" (todas no corpo) e 2 "atribuição a confirmar" (no corpo), mais 5 de outra forma ("data a confirmar", 4; "página do livro de Kaufmann a confirmar", 1). Quatro das 93, no Prólogo, só definem a marca; ficam 89 passagens a conferir. Os números saem de `tools/contar-marcas.py`, que conta por grupo (um grupo composto, como [V-fr; V-en: Barnes; tradução do estudo], vale uma marca). Nada abaixo é doutrina: são dados de fonte, página, edição e numeração que a leitura cuidadosa de um exemplar em mãos pode fechar. Os itens estão numerados entre parênteses dentro de cada célula, com o capítulo e a seção. Toda citação lida em reconhecimento óptico (Sartre, *L'Existentialisme est un humanisme* e *L'Être et le néant*; Vela, *Filosofía*; Ortega, *El hombre y la gente*; as cópias digitais de Camus e de Beauvoir) deve ser conferida na imagem da página antes de sair em PDF. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa.

Tipo	O que falta
Edições não abertas (traduções brasileiras não vistas)	(1) **Sartre**: *O ser e o nada* (Perdigão, Vozes) não foi aberto; o estudo cita o francês de 1943 e o inglês de Barnes (1.3, 1.4, 1.6 a 1.8, 2.2, 3.2, 3.8, 3.9, 5.1). *O existencialismo é um humanismo* só chegou numa cópia de Rita Correia Guedes sem a paginação do impresso (Abril, *Os Pensadores*, ou Vozes): as páginas são as do francês de Nagel, e as palavras de Guedes citadas como letra [V-pt: Guedes] (Prólogo, 1.2, 1.3, 1.5, 1.10, 2.4, 2.6, 2.11, 3.1, 3.3, 5.1, 6.1, 6.2, 6.5) devem ser cotejadas com o impresso. (2) **Camus**: nenhuma tradução portuguesa foi aberta (Roitman–Wacht, para *O mito de Sísifo*; *A peste*; *O homem revoltado*, que nem em francês impresso foi aberto). (3) **Beauvoir**: *O segundo sexo* (Nova Fronteira, 1980; também Milliet) e *Por uma moral da ambiguidade* só chegam por Almeida e por Teixeira (1.5, 1.12, 2.14, 5.4, 6.1). (4) **Kierkegaard**: Valls (*O conceito de angústia*; *Pós-escrito*, Vozes), Roos e Elisabete Sousa não foram abertos; Hong, Steere e Thomte (inglês) também não. Só Marinho (*Temor e tremor*, *Os Pensadores* 31) foi aberto e citado (1.10, 3.13); Casais Monteiro (*A doença para a morte*) foi visto e não é citado, porque o estudo cita o dinamarquês. Todo o português de Kierkegaard é tradução do estudo, salvo Marinho. (5) **Heidegger**: a Parte II de *Ser e tempo* (§§46–74) não foi achada em português aberto; Schuback e Castilho só na Parte I, e as páginas das duas, na pesquisa de fontes, foram inferidas do número impresso no escaneamento (1.2, 1.4, 1.8, 4.14, 5.1). Benedito Nunes e Ernildo Stein (Carta sobre o humanismo, *Os Pensadores* 45) não foram abertos. (6) **Jaspers**: *Filosofía* só em Vela; o inglês de Ashton e o português de Vallandro e Casanova não foram achados (3.3). (7) **Marcel**: nenhuma edição, francesa ou portuguesa, foi aberta (Aubier e Gallimard fechados; as cópias de empréstimo responderam 401); *Ser e ter* em português, a conferir (1.9, 1.11, 2.12, 2.13, 3.1, 3.10, 3.11). (8) **Outros**: Merleau-Ponty em português; Ortega e Unamuno em português (a edição portuguesa de Unamuno não foi identificada); Frankl em português (Vozes ou Sinodal) e no alemão de 1946; Buber no alemão e nas páginas de *Eu e Tu*, que chegam só pelo Tratado das Águas Comuns e pela tradução de Zuben (Centauro, 2006) (1.8); Taylor em português (Talyta Carvalho, É Realizações, 2011; 4.14). (9) **Edições dos Estudos VIII e IX** de que o estudo cita páginas por intermédio: Levinas, *Totalidade e Infinito* (Edições 70, ano da tiragem a confirmar) e *Entre nós* (Vozes, 2.ª ed., 2005, a confirmar); Ricoeur, *Tempo e narrativa* III (Papirus, 1997, ou WMF Martins Fontes, 2010: o Estudo IX não diz qual a paginação segue) e *A memória, a história, o esquecimento* (Unicamp, 2007) (1.9, 1.12, 2.13, 4.2, 4.3, 5.3).

Tipo	O que falta
Páginas a confirmar	(1) **Beauvoir**, *O segundo sexo*: t. II, 1.ª parte, cap. I ("Ninguém nasce mulher: torna-se mulher"; 1.12, 2.14, 5.4, 6.1 e as Fontes de 3.14); t. I, "Introdução" ("Ele é o Sujeito, ele é o Absoluto: ela é o Outro") e a conclusão (1.12). A cópia lida (France Loisirs, 1990) não tem paginação legível; a p. 9 da Nova Fronteira (1980) é de Almeida, e o tradutor não é nomeado. *Por uma moral da ambiguidade*, p. 31, só por Teixeira (1.5). (2) **Camus**, *O homem revoltado*, cap. "O homem revoltado": a abertura ("um homem que diz não… é também um homem que diz sim"), "há uma natureza humana", "que preexiste a toda ação" e "eu me revolto, logo somos" não têm página (Prólogo, 1.2, 1.7, 2.11, 3.1, 4.13, 5.1, 6.1, 6.4); a p. 38 vale para a edição que Alves usa (1.7, 2.11). (3) **Ortega**: *El hombre y la gente*, *Obras completas* VII, 1964, páginas aproximadas do OCR (1.4); *Meditaciones del Quijote*: a página 322 da *OC* I é de Lara, e a seção da obra não foi conferida (Prólogo, 1.5, 2.6 [localização a confirmar], 5.4, 6.4). (4) **Schuback**: §9, p. 43 da edição alemã, com a página da tradução por conferir (1.2, 4.14, 5.1); nota N39, sobre *Fürsorge* e *einspringen*/*vorausspringen* (1.8). (5) **Kierkegaard**, *Ou–ou* II, SKS 3, 165–166, o Ou–ou que não é a escolha entre o Bem e o Mal (3.3), e a paráfrase de SKS 3 em 2.4 [página a confirmar]; em geral, as páginas da SKS vêm do marcador "ed N" do portal tekster.kb.dk e são inferência da pesquisa de fontes, a conferir contra o sks.dk, que não respondeu (Prólogo, 1.2 a 1.5, 1.10, 2.3, 2.4, 2.6, 3.1 a 3.4, 3.6, 3.13, 5.1, 5.4, 6.1). (6) **Jaspers**, *Filosofía* II, cap. VI, "a liberdade é a escolha de mim mesmo" (3.3), em Vela, com OCR ruim e paginação divergente entre as cópias (61 e 67). (7) **Kaufmann**: a página do livro dele, de que Dunzweiler cita a passagem na p. 46 (1.1). (8) **Outras**: Unamuno, cap. I, II e III, sem paginação (1.6 duas vezes, 3.12); Frankl, "a última das liberdades humanas", só por transcrição (1.6); Agostinho, *Confissões* IV, 4, 9 (4.6); Heidegger, *Ser e tempo* §6, e Kierkegaard, *Migalhas*, "Interlúdio", nota (4.5); Safranski (1.12, 3.14); Marcel, *Homo viator*, p. 77, edição e localização (3.10).
Via secundária	(1) **Marcel** só por Grassi (tese de licenciatura, UCA, 2008, com traduções do próprio Grassi e as páginas do francês) e por Pugeda (2024): Prólogo, 1.9, 1.11, 2.12, 2.13, 3.1, 3.10, 3.11; "J'espère en toi pour nous" só por Pugeda, de uma edição inglesa não identificada (3.10). Zaner, "protótipo do ter", só por Grassi (3.11). (2) **Jaspers**, *Filosofia* por Vela, castelhano (3.3); *Philosophie* III e *Der philosophische Glaube*, só em paráfrase (1.10); *Os grandes filósofos*, só pela resenha de Quigley, por meio do Estudo X, 4.4 (4.4). (3) **Ortega** por Lara (Prólogo, 1.5, 2.6, 5.4, 6.4). (4) **Camus**, *O homem revoltado*, por Alves e por um texto de prova de concurso (ver "Páginas a confirmar"). (5) **Huis clos** por Longo: a p. 93 da edição de 2012 e a glosa gravada ("se as relações com o outro são tortas, viciadas…"), de uma *fiche* que Longo data de 1965 e que a pesquisa de fontes data de 1964; o disco de 2004 não foi ouvido e a edição de 1945 não foi conferida (1.8, 3.9, 5.4, 6.1, 6.4). (6) **Beauvoir** por Almeida e por Teixeira (1.5, 1.12, 2.14, 5.4, 6.1). (7) **Levinas e Ricoeur** pelos Estudos VIII e IX: Levinas, 4.2 do Estudo VIII (1.9, 1.12, 4.2, 5.3); Ricoeur, 3.3, 4.2 e 5.5 do Estudo IX (2.7, 2.13, 4.3, 4.8, 5.3). (8) **Merleau-Ponty** só por Smith e por Cabanes, sem página Gallimard (1.3, 1.9, 2.12, 3.11, 5.4); "condenados ao sentido" sem o francês. (9) **Dos Estudos anteriores**: Kierkegaard (*Pós-escrito*, *Migalhas*, *Conceito de ironia*) e Hegel (4.1, 4.4, 4.5, por VII, XI e X); Heidegger, curso de 1921, por Santos (4.6); Agostinho (4.6, por XII); Arendt (4.7, por XIII); Epicteto, por Dinucci–Julien (4.8, por II); Nishitani e Dōgen (4.9, por I). (10) **Buber** pelo Tratado das Águas Comuns (1.8); **Nietzsche** em Frankl, e Frankl, por Wikiquote e Quote Investigator (1.6).
Teses a confirmar	(1) **Heidegger em 1933**, por Safranski, que o estudo nomeia e a pesquisa de fontes não leu na página: a reitoria de Freiburg em 1933–34 e a filiação ao partido nazista são [paráfrase; localização a confirmar] (1.12), [paráfrase; Safranski, página a confirmar] (3.14) e [fato histórico; fonte e página a confirmar em Safranski] (Fonte de 1.12); "o que disse e calou depois" é [tese a confirmar] (1.12). (2) **Sartre e o stalinismo**: "o que Sartre disse e calou diante do stalinismo" é [tese a confirmar] (1.12); a ligação ao marxismo e ao comunismo soviético, [paráfrase; localização a confirmar] (3.14); 2.14, 5.4, 6.1 e 6.3 só o repetem. (3) **A ruptura de 1952** entre Camus e Sartre: [tese a confirmar] em 1.12 e em 3.14; 1.1 a diz sem marca ("no verão de 1952… nas páginas de *Les Temps*

Tipo	O que falta
	modernes"). (4) **Kierkegaard sobre as mulheres**: [paráfrase; localização a confirmar] (3.14); nenhuma passagem foi lida (1.12, 2.14, 5.4, 6.1, 6.3 apenas o nomeiam). (5) **Heidegger sobre a *Ética* no Estudo XI**: "Heidegger sobre a *Ética* (Estudo XI, 4.4)" é [tese a confirmar] (4.15); falta abrir o Estudo XI, 4.4, e ver se diz isso; as citações de Heidegger (§6) e de Kierkegaard (*Migalhas*) que 4.5 toma ao Estudo XI levam [página a confirmar]. (6) Outras: o "salto de fé" que "não se cita aqui como letra" de Kierkegaard (3.12); "meu corpo não é meu instrumento" (3.11); a posição de *Rodemester* no prelúdio dos *Problemata*, e não no Problema I (3.13).
Atribuições a confirmar	(1) **"Meu corpo não é meu instrumento"**, que corre como de Marcel: não foi achada em letra alguma. O que há é "o corpo é o ter-tipo… e no entanto…" (*Être et avoir*, p. 237) e "dizer 'eu sou meu corpo' é emitir um juízo negativo" (*Du refus à l'invocation*, p. 34), ambos por Grassi; Zaner lê o corpo como "protótipo do ter" e da "instrumentalidade". Que Marcel recuse "instrumento" é [hipótese do estudo], sem aspas dele (Prólogo; 3.11 [tese a confirmar]). (2) **"Não creio em Deus e não sou ateu"**, que corre como de Camus: não foi achada em fonte primária e não se cita (Prólogo, "Como ler este estudo"). (3) **A frase de Dostoiévski**: "se Deus não existe, tudo é permitido" não existe assim nos *Karamázov*; Sartre a atribui a Dostoiévski sem obra nem página (p. 36 da conferência), e a forma mais próxima é a de Rakitin, I, II, 7, em Garnett e no russo; as outras são de Ivan (II, V, 5), Dmitri (IV, XI, 4), Smerdiakov (IV, XI, 8) e do Diabo (IV, XI, 9). Marcada [atribuição a confirmar] no Prólogo; a citação de 1.10 vem com o texto e a numeração de Garnett, e a divisão em Partes e Livros segue os cabeçalhos dele. (4) **"Estamos condenados a ser livres"**, no plural, não ocorre na conferência de 1945 nem em *O ser e o nada*: a letra é "o homem está condenado a ser livre" (p. 37) e "estou condenado a ser livre" (1943, pp. 515–516 do francês); o plural corrente não é letra de obra alguma (Prólogo, 1.3). (5) **"O inferno são os outros"**: a letra é a de Garcin (*Huis clos*, p. 93, por Longo); a glosa de Sartre vem por Longo, com a data em disputa (1.8, 3.9). (6) **"Quem tem um porquê…"**, de Frankl: é de Nietzsche (*Crepúsculo dos ídolos*, "Máximas e flechas", 12), que Frankl cita, segundo Rider, pp. 84 e 109, via Quote Investigator (1.6).
Divergências de tradução registradas	(1) ***Das Man***: "a gente" (o estudo, em todos os capítulos) × "o impessoal" (Schuback) × "a-gente" (Castilho) (Prólogo, 1.4, 2.1, 6.1). Em 3.5 "impessoal" é adjetivo do *Es* do chamado, e não tradução de *das Man*. (2) ***Eigentlichkeit***: "propriedade" (Schuback; a impropriedade, *Uneigentlichkeit*, 1.2) × "autenticidade" (o uso corrente e o estudo, nos homônimos: Prólogo, 1.2, 1.4, 1.13, 4.14). (3) ***Dasein***: "pre-sença" (Schuback) não entra na tradução do estudo, que deixa *Dasein* e o explica uma vez (Prólogo, 1.2). (4) **Jaspers**, *Introdução à filosofia*, p. 18: "naufrágio" (*Scheitern*, p. 19) é o que as situações-limite mostram; a segunda reação a elas é "desespero e restauração", e não "naufrágio" (Prólogo, 1.6, 3.6). (5) ***Rodemester***: "preceptor" em Marinho × *tax-collector* em Lowrie, segundo a pesquisa de fontes; o estudo o põe no prelúdio dos *Problemata*, e não no Problema I (3.13). (6) ***Fürsorge***: "preocupação" e "antepor" (Schuback, nota N39) × "solicitude" (o estudo; 1.8, 2.10, 3.9); *Sorge*: "cura" (Schuback, segundo a pesquisa de fontes) × "cuidado" (o estudo; Prólogo). (7) **Beauvoir**: "Ninguém nasce mulher" (Nova Fronteira, 1980) × "não se nasce mulher" (o estudo, 1.12, 2.14, 3.14). (8) **Buber**: "toda vida atual é encontro" (o Tratado das Águas Comuns) × "toda vida verdadeira é encontro" (a forma corrente) (1.8). (9) **Sartre**, edição de 1945: "Paris: Nagel, 1946" no capítulo 2 e "Nagel, 1970" nos demais; uniformizar. (10) **Lowrie**: Princeton, 1941, p. 129 (Estudo III) × Anchor/Doubleday (pesquisa de fontes do Estudo V), com paginação 119/129 e 131 a confirmar (Prólogo, 4.10). (11) *Analectos*: não se aplica; a divergência de edição dos *Analectos* é do Estudo VI.
Originais completados sem conferência direta	(1) **Prólogo**: todos os originais em francês, alemão, dinamarquês e castelhano das Fontes (n.º 1 a 15) constam das fontes abertas pela pesquisa de fontes do estudo. (2) **Capítulo 6, Fonte 17 (6.3, 6.4)** e **capítulo 3, Fonte 37 (3.14)**: Jaspers, *A questão da culpa*, p. 64, «der Mangel an absoluter Solidarität mit dem Menschen als Menschen». A pesquisa de fontes leu «Metaphysische Schuld ist der Mangel an der absoluten Solidarität mit dem Menschen als Menschen»: o original das Fontes encurta a frase e muda "an der

Tipo	O que falta
	absoluten" em "an absoluter"; conferir na página e corrigir a Fonte. (3) Fora do que se pediu, mas do mesmo tipo: **capítulo 3, Fonte 2 (3.1)**, Sartre, p. 21, «l'homme existe d'abord, se rencontre, surgit dans le monde, et se définit après», sem o "qu'il" do original, que é «et qu'il se définit après»; **capítulo 1, Fonte 65 (1.8)**, Barnes, pp. 259–260, «it is not that there is someone there», cujo texto aberto é «…is not that there is someone there» no meio de uma frase maior.
Intérpretes conhecidos só por intermediário ou só nomeados	(1) Por intermediário: Kaufmann (via Dunzweiler); Marcel e Zaner (via Grassi e Pugeda); Ortega (via Lara); Beauvoir (via Almeida e Teixeira); *Huis clos* e a glosa gravada (via Longo, que remete a Ferraro); *O homem revoltado* (via Alves); Buber (via o Tratado das Águas Comuns); Frankl (via Wikiquote, Rider e Quote Investigator); Lowrie (via Estudo III); Santos, Utterback e Quigley (via Estudos XII e X); Levinas, Ricoeur, Arendt, Hegel, Aristóteles, Agostinho, Epicteto, Nishitani, Dōgen, Kierkegaard (*Pós-escrito*, *Migalhas*, *Conceito de ironia*) e Alves, sobre o *Mitsein* (via os Estudos VIII, IX, XIII, VII, XI, XII, II, I e X). (2) Só nomeados, sem obra aberta ou sem tese lida: Safranski; Castilho (só pelo léxico); *Philosophie* III e *Der philosophische Glaube* (Jaspers); Sartre, *Crítica da razão dialética* e *Questão de método*; Merleau-Ponty, em francês; Dunzweiler (obra e dados). (3) Nomes da Folha de estilo, do plano e da pesquisa de fontes que o estudo não usa e que ficam fora da bibliografia: Valls, Perdigão, Roitman–Wacht, Rumjanek, Milliet, Ribeiro de Moura, Kreuch, Casais Monteiro, Stein, Nunes, Roos, Elisabete Sousa, Hong, Steere, Thomte, Ashton, Vallandro e Casanova; Guignon, Westphal, Green, Pfeiffer, Garff, Hannay, Dreyfus, Flynn, Cooper, Crowell, Bakewell, Cohen-Solal, Todd; Leopoldo e Silva, Falcato, Souza, T. T. Santos, Trindade, Forneck, Pimenta, Pardelha, Bornheim; Troisfontaines, Treanor, Marías; Tillich (Serute e Silva).
Remissões a Estudos anteriores a conferir no texto publicado	(1) **Estudo VII, 4.5**: Kierkegaard no *Pós-escrito* ("não se pode dar nenhum sistema da existência"), a bela alma, Sartre diante do ponto de vista do Todo ("por princípio impossível", *O ser e o nada*, 1943) e Alves sobre o *Mitsein* [localização a confirmar] (Prólogo, 2.3, 4.1, 5.3). **Estudo VII, 5.1**: Moriá e a pergunta (j) (Prólogo, 1.10, 3.13, 4.1, 5.4, 6.3). (2) **Estudo VIII, 4.2**: Levinas diante de Heidegger e de Sartre, *Totalidade e Infinito*, pp. 33, 134 e 303, e *Entre nós*, pp. 289–290 (1.8, 1.9, 1.12, 4.2, 4.15, 5.3); conferir no texto publicado se o VIII, 4.2, trata ou não o §26 de Heidegger, a solicitude, que o estudo lê ao lado da n.º 4 de 19/10 sem dizer que o VIII o tenha tratado (1.8, 3.9, 5.2). (3) **Estudo IX, 3.3** (4.3: a voz da consciência em Ricoeur), **4.2** (2.13, 4.3, 5.3: a casa lida em quatro lugares, a promessa, a culpa, a morte e o nada; Marcel e a disponibilidade; *Tempo e narrativa* III, pp. 115 e 436; *A memória…*, p. 465; *O si-mesmo…*, pp. 292–293) e **5.5** (2.7, 2.13: as situações-limite tocam a Vigília "na medida em que sejam noite"; a morte que a letra do cânon não nomeia). (4) **Estudo X, 3.6** (4.5: o rio lido como histórico, e não cosmológico) e **4.4** (4.4, 4.15: Kierkegaard por Utterback; Jaspers por Quigley). (5) **Estudo XI, 4.4** (4.5, 4.15): Aristóteles em Heidegger (§6) e em Kierkegaard (*Migalhas*), e o que o XI não recolheu de Jaspers; o que o XI diria sobre Heidegger e a *Ética* é [tese a confirmar] (4.15). (6) **Estudo XII, 4.5** (4.6, 4.15): *Confissões* IV, 4, 9, X, 33, 50 e XI, 26, 33, e o curso de 1921 por Santos. (7) **Estudo XIII, 3.8** (2.1: a irreflexão) e **4.6** (1.12: "a biografia não é doutrina"; 2.1: o "a gente" ao lado do "social" de Arendt; 3.7, 5.3, 6.3: sem "natalidade × ser-para-a-morte"; 4.7, 4.15): confirmar que 4.6 não traz essa oposição nem põe a irreflexão ao lado de "a gente", como o estudo diz. (8) **Estudo I, 4.6** (4.9, 5.3: Nishitani, Dōgen, Heidegger e o Nada de Kyoto) e **4.8** (4.12, 5.3: a Ficha VI e o *wu wei*). (9) **Estudo II, 1.5** (4.8: Epicteto, *Encheirídion*, 17) e **4.7** (4.8, 4.15: Kierkegaard, Sartre e Camus sobre a Stoa). (10) **Estudo III, 1.5** (4.10: Lowrie, p. 129) e **4.10** (4.10, 4.12, 5.3: Kierkegaard e Dostoiévski; nada sobre o taoísmo). (11) **Estudo IV, 4.9** (4.11, 4.12, 4.15, 5.3: Heidegger e a Índia). (12) **As decisões** do fundador citadas pelo número: confirmar cada número e cada lista (17/10: n.º 2, 3 e 5; 19/10: n.º 2 a 5; 23/10, Estudo IX: n.º 5, 7 e 10; Estudo X: n.º 3, 6 e 7; 31/10, Estudo XI: n.º 4 e 7; Estudo XII: n.º 6 a 8; Estudo XIII: n.º 2, 4, 6 e 7; 03/11, Estudo I: n.º 1, 3 e 6; Estudo II: n.º 1, 3, 4, 7 e 11; 04/11, Estudo III: n.º 1, 7, 8, 11 e 12; Estudo IV: n.º 1, 2, 9, 11 e 12). A n.º 11 de 03/11 sobre o Estudo II e as n.º 11 e 12 de 04/11 sobre os

Tipo	O que falta
	Estudos III e IV aparecem ora separadas, ora juntas. (13) **O Estudo VI** (o taoísmo), escrito em paralelo: o estudo só o aponta (Prólogo, 4.12); conferir a remissão quando o VI estiver publicado.
O que a decisão do fundador pode resolver	Nada nas conferências é doutrina. À decisão do fundador cabem: (1) as perguntas abertas (cs) a (db), mais as herdadas (g), (j) e (k) (6.3); (2) a fórmula (6.2): "o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção", com a glosa "a escolha como lugar da pessoa, não como função da Bússola" (cs); (3) a Ficha reescrita (5.4, pergunta (da)): oito toques e oito fronteiras, "inventar-se × revelar-se" no lugar de "a luz precede a existência vivida"; (4) o padrão da série diante da casa dividida (db): Heidegger em 1933, Sartre e o stalinismo, Kierkegaard sobre a mulher, como biografia, com Beauvoir do lado da disputa; (5) o homônimo *disponibilité* × Disponibilidade, registrado sem glosa, com a medição no Estudo XIV (cz). O que as conferências fecham é só o dado de fonte.

APÊNDICE C — PAINEL DE VERIFICAÇÃO

Contagem, feita sobre o texto final, das marcas entre colchetes que acompanham citações e leituras. “Corpo” é o texto do Prólogo e dos capítulos; “Aparato” são as fontes por capítulo. Neste estudo as passagens do budismo foram conferidas, quando possível, no páli (SuttaCentral) ou no sânscrito dos originais, com as traduções inglesas e portuguesas à vista (ver o Prólogo, “Como ler este estudo”); o que não foi conferido em edição brasileira ou portuguesa vai como [V-pi], [V-skt], [V-en] ou tradução do estudo (ver o Apêndice B).

Marca	Total	Corpo	Aparato
[leitura do estudo]	96	84	12
[V-fr; tradução do estudo]	86	39	47
[V-de; tradução do estudo]	84	34	50
[V via secundária]	71	34	37
[V-fr]	54	19	35
[v-da; tradução do estudo]	50	22	28
[V-en; tradução do estudo]	49	22	27
[hipótese do estudo]	48	48	0
[V-es; tradução do estudo]	18	8	10
[V-pt]	18	8	10
[… a confirmar]	13	8	5
[paráfrase; … a confirmar]	10	6	4
[tese a confirmar]	7	7	0
[V-en]	7	4	3
[V-es]	4	2	2
[v-da; trecho truncado; tradução do estudo]	3	0	3
[paráfrase]	3	3	0
[v-ru; v-en: garnett; tradução do estudo]	2	1	1
[v-da via secundária: marinho; tradução do estudo]	2	1	1
[V-de]	2	1	1
[V-pt; conferido no digitalizado]	2	0	2
[inferência do estudo]	1	1	0
[tradução do estudo]	1	1	0
[decidida pelo fundador em 06/11/2026 (estudo v, n.º 9): (j) fica registrada com a leitura do estudo adotada: o veto é a própria luz, sem voz externa.]	1	1	0

Citações entre aspas e palavras, por capítulo:

Capítulo	Citações	Palavras
Prólogo — O estado da questão e o método	135	5789
1. O existencialismo em sua melhor forma	128	5274

Capítulo	Citações	Palavras
2. Onde nos tocamos	133	3966
3. Onde nos separamos	138	5543
4. O existencialismo diante das casas da série	75	3819
5. A Ficha e as prévias: o que a série já disse do existencialismo	81	2767
6. Síntese, fórmula e questões abertas	84	3935
Total	774	31093

Toda citação do corpo foi conferida, fragmento a fragmento, contra a pesquisa de fontes do estudo e contra o Cânon v1.2, os três Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações, as decisões do fundador e os Estudos VII a XIII; nenhuma foi inventada. As que não puderam ser conferidas numa edição levam marca. Dentro das aspas fica a grafia da edição citada.